

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

**O FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM NA ESQUIZOFRENIA:
um estudo lacaniano**

Cláudia Maria Generoso

Belo Horizonte

2006

Cláudia Maria Generoso

**O FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM NA ESQUIZOFRENIA:
um estudo lacaniano**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos.

Orientador: Prof. Jesús Santiago.

Belo Horizonte

2006

Cláudia Maria Generoso

O funcionamento da linguagem na esquizofrenia: um estudo lacaniano.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Psicologia, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Minas Gerais.

Belo Horizonte, 2006.

Prof. Dr. Jesús Santiago (Orientador)

Prof. Dr. Célio Garcia

Profa. Dra. Ana Cristina Costa de Figueiredo

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos:

Aos pacientes, razão de meu estudo e trabalho, que sempre indicam qual caminho seguir na busca de uma investigação que possa sustentar melhor a prática clínica. Eles constantemente me ensinam por onde ir, mesmo que o caminho seja árduo, bem como as soluções por eles encontradas nos detalhes simples do cotidiano.

Aos colegas da psicanálise, que contribuíram nas discussões e leitura sobre o tema pesquisado nesta dissertação.

Aos amigos e às colegas do mestrado, pelo carinho e apoio, bem como aos professores que transmitiram elementos teóricos que contribuíram para a elaboração deste estudo.

Aos colegas de trabalho da Saúde Mental de Betim, da Clínica Urgentemente, do Hospital Galba Veloso, da PUC-Betim, do Le Foyer, Núcleo de Psicose - IPSM/MG, que me possibilitaram espaços de discussão e construção da minha prática em variados contextos.

Ao orientador desta dissertação, cujos pontos levantados contribuíram para melhor desenvolvimento do trabalho.

Por fim, agradeço à minha família, base de sustentação que ainda me resta para continuar caminhando na vida.

RESUMO

A partir do funcionamento da linguagem na esquizofrenia, faremos um estudo psicanalítico preliminar de mapeamento e análise de elementos teóricos encontrados nos textos de Freud e de Lacan, que indicam o modo mais específico da linguagem nesse tipo clínico. Visando a caracterizar a especificidade da esquizofrenia, tomaremos como fio condutor noções freudianas de 1915 sobre “a palavra como coisa” e a “linguagem de órgão”, bem como a concepção lacaniana de 1954 sobre “o simbólico como real” e a idéia dos anos 70 sobre a exterioridade do esquizofrênico em relação ao laço social como discurso. Tais elementos, entrecortados com vinhetas clínicas e relato do esquizofrênico Louis Wolfson, possibilitam-nos esboçar um caminho por onde poderia ir uma teoria lacaniana da esquizofrenia.

RÉSUMÉ

A partir du fonctionnement du langage dans la schizophrénie, on fait une étude psychanalytique préliminaire de cartographie et analyse d'éléments théoriques trouvés dans les textes de Freud et Lacan qui montrent la façon plus spécifique du langage dans cette catégorie clinique. Visant caractériser la spécificité de la schizophrénie on prend en tant que fil conducteur les notions freudiennes de 1915 sur «le mot en tant que chose» et le «langage de l'organe», la conception lacanienne de 1954 sur «le symbolique comme réel» ainsi que l'idée des années 70 sur l'extériorité du schizophrénique par rapport au lien social comme discours. Ces éléments sont entrecoupés avec des fragments cliniques et le récit du schizophrénique Louis Wolfson, ce qui nous permet d'esquisser un chemin pour une théorie lacanienne de la schizophrénie.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 A CISÃO DO PSIQUISMO E A LINGUAGEM	15
1.1 Esquizofrenia: um termo problemático	15
1.2 Origem e história do termo.....	17
1.3 A esquizofrenia e a psicologia do Eu: A cisão da unidade do eu.....	24
1.4 A cisão do psiquismo para Freud e para Lacan.....	30
1.5 A concepção do Eu para Lacan: uma função imaginária	33
1.6 A estruturação da realidade: uma operação simbólica	44
1.7 O que é abolido do simbólico retorna no real: o mecanismo da psicose.....	47
2 ESPECIFICIDADE DA LINGUAGEM NA ESQUIZOFRENIA.....	51
2.1 O simbólico é real.....	51
2.2 Esquizofrenia e paranóia	54
2.3 A palavra como coisa	56
2.4 O dito esquizofrênico sem a ajuda de nenhum discurso.....	73
3 LINGUAGEM E CORPO NA ESQUIZOFRENIA: A LINGUAGEM DE ÓRGÃO	81
3.1 Perturbação no campo da linguagem: perturbações no nível do corpo	81
3.2 Corpo e libido	84
3.3 O circuito pulsional e as bordas do corpo	92
3.4 Tausk e a linguagem de órgão	96
3.5 Tentativas de tratar a linguagem de órgão: o procedimento de Wolfson	101
CONCLUSÃO.....	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	123

INTRODUÇÃO

A idéia de trabalhar o funcionamento da linguagem, na esquizofrenia, partiu da necessidade de delimitar mais o meu tema inicial de pesquisa sobre o laço social na psicose. A partir desse meu interesse inicial, resvalei-me para a linguagem na esquizofrenia que, de certa forma, vem demonstrar, de forma mais evidente, uma dificuldade de estabelecimento do laço social, se este for pensado partindo da teoria lacaniana de discurso. Talvez os esquizofrênicos mostrem-nos a maneira de estar fora do laço social, desnudando-o constantemente, tornando-se, talvez, um paradigma do “fora do discurso”. Trata-se de uma pesquisa que buscou circunscrever os elementos teórico-clínicos que envolvem a interferência da linguagem na esquizofrenia.

A importância de trabalhar a psicose, em especial a vertente esquizofrênica, parte de minha experiência clínica, cujo trabalho se desenvolve em variadas situações: consultório, Centro de Referência em Saúde Mental, moradia protegida, supervisão de acompanhamento terapêutico. A grande maioria dos casos que utiliza os variados dispositivos institucionais de tratamento, além de outros recursos da saúde mental, é composta por pacientes esquizofrênicos. Devido ao fato de o campo da saúde mental abrigar diversos saberes, corre-se o risco de esses pacientes serem tomados numa posição de objeto de cuidados, pesquisas, e ações engessadas em algum ideal, o que poderá reforçar sua própria posição estrutural de objeto. A grande fragilidade subjetiva desses casos, marcada pela fragmentação da fala e do corpo, falta de interesse pelo mundo, passividade, etc., permite ações variadas sobre eles: ações de reabilitação psicossocial, pesquisas de medicações de última geração, intervenções cognitivo-comportamentais, atendimentos tradicionais em psicanálise, etc. Porém, os efeitos de grande parte dessas ações não atingem o sujeito ou acabam por reforçar a posição objetal do paciente, permanecendo o isolamento social, a passividade diante do outro, a

fragmentação, as esquisitices ou bizarrices que não têm remédio que dê conta delas, culminando nos casos nomeados de “refratários ao tratamento, à medicação, ao convívio social”. As ações não conseguem atingir o paciente em sua subjetividade, capturá-los para construir soluções em que eles mesmos estejam implicados e sejam minimamente responsáveis por elas. Pelo contrário, ao permanecerem sem interesse pelo mundo externo, esses pacientes acabam sendo rotulados de crônicos ou residuais, sendo esse rótulo um atestado de que não têm mais jeito: é o fim de linha.

Em função de o meu trabalho com esses pacientes envolver situações diversas e inesperadas, cuja prática ocorre dentro do cotidiano de uma casa, na rua, na urgência, etc., essas situações podem facilmente gerar intervenções puramente pedagógicas e morais, forçando uma inserção de adaptação social. Diante desse risco é que uma investigação psicanalítica sobre a esquizofrenia poderá contribuir na orientação das intervenções. Buscar entender a lógica do funcionamento da linguagem na esquizofrenia possibilita-nos perceber melhor esse modo subjetivo, bem como apostar na singularidade da construção de soluções de cada um. Nesse sentido, a clínica nos tem ensinado que uma das vias que esses pacientes nos mostram para a construção de soluções é aquela que se desenvolve no “fazer junto”, na ação prática mais ligada ao cotidiano, aos pequenos detalhes da vida, a alguma nomeação mínima que possa ancorá-los, a uma historicização dos acontecimentos, ao encontro de algum papel social a ser desempenhado, à eleição ou construção de algum objeto, etc. Como exemplo: um paciente que me pede para enviar um fax para a rainha da Inglaterra, pois estão pisando em seu corpo. Proponho-lhe que eu possa escrever a mensagem, e assim ele passa a me ditá-la. Isso o apazigua e ele não se importa se esse fax será enviado ou não de fato, parecendo que só o ato de registrar e deixar os papéis comigo o tranqüiliza. Outro paciente encontrou o recurso de carregar consigo algum objeto no bolso, tendo um “ritual” de tirá-lo do bolso, mostrar a alguém e o guardar novamente junto ao seu corpo (cabo de colher, canetas, ímãs, etc.). Ele

dizia que, quando guardava algum objeto no bolso, a sua perna parava de doer. Eram objetos descartáveis que ele recolhia do ambiente, usava e jogava fora após encontrar outro. Esse arranjo aponta para uma forma de tentar concentrar o insuportável do gozo que recai sobre o seu corpo nos objetos que eram tirados e colocados novamente junto ao corpo.

Por outro lado, a psicanálise aponta-nos a via da construção do sentido pela metáfora delirante. Porém, essa via é quase inexistente nos casos que surgem e, muitas vezes, insistir em intervenções que privilegiam o entendimento e a construção de um sentido, mesmo que delirante, quase não tem efeitos de apaziguamento ou estabilização. Nessa perspectiva, esses casos nos levam a colocar uma questão para a psicanálise, pois a mesma toma como base o tratamento pela palavra, e, muitas vezes, esses se restringem ao atendimento tradicional do consultório. É nesse sentido que se faz necessário buscar recursos teóricos que possam sustentar mais uma prática a partir do que esses casos pedem.

Privilegiar uma investigação da esquizofrenia é tentar chamá-la ao cenário da psicanálise, lacaniana e freudiana, de um lugar de frente e não somente daquele lugar meio de lado, marginal, tal como podemos perceber nos textos de Freud e de Lacan que mencionam a esquizofrenia. E como podemos perceber, é a clínica que nos ensina o caminho a seguir, mas esse caminho precisa de uma orientação teórica para nortear uma prática. Nessa perspectiva, acredito que as orientações de Freud e Lacan poderão contribuir na construção dessa prática, mesmo que os casos coloquem muitos impasses.

Se nos textos lacanianos e freudianos a esquizofrenia foi “meio que deixada de lado”, mantendo-se mais periférica, atualmente percebemos que, no campo das ciências sociais, há aumento de publicações que se referem à civilização contemporânea, aproximando-a do funcionamento esquizofrênico. Alguns fatores indicam que isso acontece devido ao surgimento de outras formas de ordenação social, regidas pelo princípio da utilidade direta, que é uma das conseqüências do sistema capitalista, levando a uma crescente

forma de relação social fragmentada e desregulada: consequência da queda dos ideais que regulavam as sociedades, do declínio da posição paterna, dentre outros. David Harvey¹, em seu estudo sobre o modernismo e o pós-modernismo no mundo ocidental, comenta que, se a modernidade se caracterizou pela racionalidade em busca da apreensão do sentido que se embasasse numa interpretação estável e coerente, por outro lado, a pós-modernidade caracteriza-se pela desconstrução e fragmentação do sentido, sobressaindo a condição de efemeridade, do acaso e de mudança caótica. Para este autor, a patologia do modernismo era a paranóia e a do pós-modernismo é a esquizofrenia.

A esquizofrenia também é foco de crescente interesse do discurso da psiquiatria contemporânea, deixando sua marca biológica, neurológica e farmacológica na forma de pensá-la e tratá-la. Observamos que há um crescimento da prática de uma psiquiatria que não considera tanto a dimensão clínica no sentido da singularidade da fala do paciente. Percebe-se que o interesse concentra-se mais na descrição dos sinais demonstrados pela patologia do paciente, que podem ser enquadrados em manuais, escalas e procedimentos epidemiológicos, visando a uma remissão desses sintomas. A aposta dessa psiquiatria está no surgimento de novos medicamentos psicotrópicos que trazem em seus anúncios a promessa da inserção social desses pacientes dentro de uma perspectiva de adaptação comportamental.

Outro fator que nos chama atenção é que o tipo clínico da esquizofrenia, enquanto uma entidade nosológica, foi o único a ser mantido como tal nos manuais de classificação diagnósticas, tal como no DSM-IV e CID-10². As outras categorias nosológicas foram retiradas e dissolvidas em transtornos mentais, tais como a paranóia, a histeria, a melancolia, dentre outras, que não aparecem nesses manuais. Isso nos coloca uma questão em torno do motivo que levou esses manuais a manterem somente essa categoria nosológica da

¹ HARVEY, D. Pós-modernismo, p. 45-50.

² DSM-IV: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais). CID-10: Classificação Internacional de Doenças.

esquizofrenia Talvez possamos supor que isso aconteceu devido ao fato de essa entidade clínica carregar, desde os seus primórdios, uma história permeada pelas idéias orgânicas de demenciação, deterioração, de componentes genéticos, de déficit ou alterações cognitivas, etc. História que tentaremos abordar no primeiro capítulo desta dissertação, percorrendo autores importantes na construção dessa entidade nosológica, bem como do termo esquizofrenia, que já foi uma tentativa de separação, de alguma forma, dessa marca da demenciação e deterioração dessa categoria clínica.

No meio psicanalítico pós-freudiano, bem como nas Psicologias do Eu, o tema da esquizofrenia também teve lugar de destaque. Observamos isso especialmente em Melanie Klein, que apresentou muitas elaborações sobre a esquizofrenia, como também em Paul Federn, que desenvolveu suas pesquisas sobre a esquizofrenia privilegiando a precariedade da unidade do eu nesses casos, culminando na perda das fronteiras do eu. Essas elaborações são caras à Psicologia do Eu. Ao contrário de Freud e Lacan, que indicavam uma outra forma de pensar os processos do psiquismo, a partir de uma cisão dele e não de uma unidade, tal como tentaremos nos ocupar no primeiro capítulo desta dissertação, visando a demarcar pontos de rupturas e aproximações para retirar elementos teóricos que possam delinear o campo das idéias freudianas e lacanianas sobre o psiquismo, a linguagem, o mecanismo da psicose, bem como outros elementos necessários para demarcar uma certa concepção da esquizofrenia a partir desses autores.

Chama-nos a atenção que a esquizofrenia não foi um tema de maior interesse teórico para Freud e Lacan, não havendo uma teoria da esquizofrenia como há da paranóia. Parece-nos que a preocupação desses autores estava em formular instrumentos conceituais diferenciados, próprios à psicanálise, para entender a psicose. Uma vez que a esquizofrenia estava mais atrelada à concepção de demenciação e déficit, talvez isso dificultasse ainda mais as elaborações psicanalíticas calcadas na incidência da linguagem na constituição subjetiva.

Nesse sentido, a paranóia foi eleita para trabalhar esses instrumentos, tal como podemos perceber que Lacan a ampliou para dar-lhe o estatuto da estrutura mesma da psicose³. O termo esquizofrenia sempre foi problemático para Freud e Lacan, porém eles deixaram essa discussão de lado, apesar de utilizarem os fenômenos da esquizofrenia para demonstrar outros conceitos que estavam elaborando.

Após um percurso histórico do termo, bem como a tentativa de delimitação do campo teórico, escandindo algumas idéias freudianas e lacanianas, buscaremos desenvolver, no capítulo dois, os elementos teóricos mais precisos sobre algumas especificidades do funcionamento da linguagem na esquizofrenia, tomando como guia as indicações de Lacan e Freud referentes a: “o simbólico como real” (1954) e “a palavra como coisa” (1915), bem como a dissolução do imaginário, a relação da linguagem com o inconsciente, e a exterioridade em relação ao discurso como laço social. Optamos por demarcar em alguns textos desses autores o que permitiram a eles associarem esses modos de funcionamento da linguagem à esquizofrenia. Trabalhamos alguns textos de Lacan, do Seminário 1, Seminário 3, Escritos de 1954 e 1958, bem como o texto de 1972, *O aturdito*, o qual faz referência ao dito esquizofrênico e sua exterioridade em relação ao laço social. Em Freud buscamos alguns textos metapsicológicos de 1915, bem como *Sobre o narcisismo*, *O caso Schreber*, de 1911, retirando daí alguns fundamentos que poderão sustentar o modo de funcionamento da linguagem a partir da palavra como coisa. Esse mapeamento de elementos teóricos, entrecortados com fragmentos clínicos, é um trabalho preliminar de esboçar por onde poderia ir uma teoria da esquizofrenia em Freud e Lacan.

No capítulo três, tomaremos outra indicação preciosa de Freud sobre uma especificidade da esquizofrenia que é a “linguagem de órgão”. Para alcançar o sentido dessa idéia, introduzimos uma discussão em torno da linguagem e do corpo na esquizofrenia,

³ SCIARA, L. *Por que Lacan entrou no campo das psicoses pela paranóia?* p. 44-45.

partindo de fragmentos clínicos que nos indicavam como uma perturbação, no campo da linguagem, conseqüentemente levaria a uma perturbação no nível do corpo. Recorremos, nesse capítulo, a alguns conceitos necessários a essa discussão, tais como a noção de libido e sua forma de investimento no corpo, a relação da linguagem na sustentação ou não da estruturação e unificação corporal, as vivências de corpo despedaçado e fenômenos hipocondríacos, fazendo uma interlocução com o discípulo de Freud, Tausk, o qual introduziu a idéia de “linguagem de órgão” como um fenômeno da esquizofrenia. Para encerrar o capítulo, servimo-nos do relato de um esquizofrênico americano, Louis Wolfson, que foi publicado em seu livro, *Le schizo et les langues*. Ele nos mostra como é insuportável ouvir sua língua materna – o inglês, como sofre dos efeitos da linguagem que o decompõe, agindo diretamente em seu corpo, pois não serve para ampará-lo, uma vez que ele não habita a linguagem que se apresenta numa outra vertente. Nesse ponto, recorreremos à noção de *lalíngua* como uma possibilidade para pensar esse funcionamento. Por outro lado, Wolfson nos demonstra suas tentativas de construir um procedimento para tratar a linguagem e construir um corpo, fazendo arranjos cotidianos para lidar com a invasão da língua materna destrutiva. Podemos dizer que é um caso exemplar do modo de funcionamento da linguagem na esquizofrenia, bem como a tentativa reiterada de inventar recursos para encontrar uma possível saída. Nesse sentido, a invenção, que é a construção de uma função original e diversificada diante daquilo que não existe, adquire maior propriedade, pois o esquizofrênico atesta essa inexistência do Outro simbólico, tendo que inventar uma função ou uma relação inédita.⁴

⁴ MILLER, J.A. *A invenção psicótica*, p. 13.

1 A CISÃO DO PSIQUISMO E A LINGUAGEM

1.1 ESQUIZOFRENIA: UM TERMO PROBLEMÁTICO PARA FREUD E LACAN

Apesar de o termo esquizofrenia ter nascido a partir da incidência da psicanálise sobre a concepção psiquiátrica de demência precoce, sempre houve certa instabilidade em torno dessa terminologia, tanto em Freud quanto em Lacan. Percebemos que esses autores não chegaram a dar um estatuto consistente a esse conceito, bem como não houve uma elaboração de uma “teoria da esquizofrenia”, como foi com relação à teoria da paranóia. Isso fica mais evidente quando Lacan, em seu *Seminário* de 1955-1956, comenta que, até aquele momento, o tratamento das psicoses pelo meio psiquiátrico e também por muitos pós-freudianos abordava a esquizofrenia com muito mais interesse do que a paranóia. Lacan aponta-nos que essa tendência era contrária ao caminho de Freud que, primeiramente, interessou-se pela paranóia, bem como ele próprio, que também o seguiu na elaboração dessa teoria.

O termo esquizofrenia sempre foi problemático para Freud e para Lacan, havendo várias críticas em torno dele, e algumas tentativas incipientes para mudá-lo. Porém, isso não chegou a ser decididamente resolvido. Tal como Freud que, contrapondo à terminologia da demência precoce de Kraepelin (1899), tentou introduzir o termo parafrenia para esse tipo de psicose, visando a romper com a idéia de deteriorização orgânica que impregnava essa noção. Porém, no decorrer de seu ensino, deixou de utilizá-lo, e passou a empregar o termo esquizofrenia apenas para tentar demonstrar a elaboração de outros conceitos que estava trabalhando em determinadas épocas, sem se ater nesse problema e resolvê-lo.

A utilização que Lacan fez da esquizofrenia também leva-nos a situá-la como demonstrativa de alguns conceitos e situações, sem, contudo, tomá-la como uma teoria. Chama-nos a atenção que Lacan sempre coloca um tom de reticência no emprego desse

termo, tal como quando se refere à esquizofrenia a partir de expressões do tipo: “o dito ou suposto” esquizofrênico. Isso nos sugere que há uma suspensão ou um questionamento da esquizofrenia enquanto uma categoria clínica. Por outro lado, em alguns momentos, parecemos haver uma ambigüidade na forma que Lacan faz suas colocações, como podemos perceber na frase do artigo, *O aturdido*: “[...] o dito esquizofrênico ao ser apanhado sem a ajuda de nenhum discurso estabelecido”.⁵ Essa expressão leva-nos a pensar que há uma relação particularizada que especifica o funcionamento da linguagem na esquizofrenia, bem como os efeitos de perturbação que aí surgem como consequência dessa relação. Perturbações na ordem da linguagem que observamos nos esquizofrênicos, nas formas de utilização da mesma, que não servem para a comunicação ou que não têm uma função de sentido, bem como não possibilitam uma consistência para seu corpo, tal como será desenvolvido nos capítulos 2 e 3 desta dissertação.

Diante desse contexto, é importante fazer um rápido percurso sobre a origem e as bases históricas desse termo e sua utilização em Freud e em Lacan que, algumas vezes, recorreram a ele para demonstrar a formulação de conceitos fundamentais para a psicanálise, tais como: narcisismo, inconsciente, recalque, corpo, órgão, discurso e o fora do discurso, dentre outros. Portanto, fazer um percurso na doutrina da esquizofrenia será necessário para podermos escandir e pinçar alguns elementos das teorias freudiana e lacaniana que possam subsidiar a discussão em torno desse tema, bem como buscar entender melhor a especificidade do funcionamento da linguagem nos esquizofrênicos com os quais lidamos em nossa prática clínica cotidiana, que nos ensinam a radicalidade da incidência da linguagem que cinde o ser humano.

⁵ LACAN, J. *O aturdido*, p. 475.

1.2 ORIGEM E HISTÓRIA DO TERMO

Antes do surgimento do termo esquizofrenia, o campo nosológico que englobava os processos psicopatológicos dessa entidade clínica era denominado de demência precoce, sendo tal termo introduzido por Morel, em 1856, e, em seguida, utilizado por Emil Kraepelin⁶ para descrever tais processos psíquicos.

Essa entidade clínica foi colocada no grupo das enfermidades mentais consideradas endógenas, sendo Kraepelin quem ajudou a separar os quadros demenciais, de origem somática comprovada, daqueles de base endógena, estabelecendo, para este último, o nome de demência precoce. Em seu artigo de 1899 intitulado *A demência precoce*, ele propôs um importante deslocamento nosológico dos quadros englobados no campo da então denominada demência precoce, separando de outros quadros degenerativos evidentemente somáticos. Conforme diz Kraepelin,

todo o campo da demência precoce corresponde aos quadros que antigamente eram caracterizados como processos de demenciação. Proponho esse deslocamento nosológico porque a antiga denominação também inclui uma série de processos clínicos que dizem respeito à paralisia (Paralyse) e à demência senil (Altersblodsinn). (KRAEPELIN, 1899, p. 46)

Porém, ele afirmava que, de acordo com os conhecimentos clínicos e anatômicos de sua época, tudo indicava que se tratava de um processo com “graves prejuízos do córtex cerebral”⁷, com prognóstico desfavorável que evoluía para significativo quadro degenerativo incurável. Dentro dos transtornos mentais endógenos, esse autor contribuiu também para a diferenciação de quadros psicóticos considerados curáveis (psicose maníaco-depressiva) daqueles que evoluíam desfavoravelmente para a demência (demência precoce). Assim, para afirmar a diferença com os processos

⁶ Emil Kraepelin (1856-1926), psiquiatra alemão, foi um significativo nome da nosologia psiquiátrica do século XIX/XX. Contribuiu para a criação dos termos demência precoce e psicose maníaco-depressiva. O mesmo influenciou o caminho de teóricos que elaboraram posteriormente o termo esquizofrenia (ROUDINESCO, PLON, 1998, p. 440).

⁷ KRAEPELIN, E. *A demência precoce, sinais gerais da doença, formas paranóides*, p. 45.

demenciais senis e outros de base somática demonstráveis, Kraepelin introduziu a denominação de demência precoce para os processos psicopatológicos com características próprias, tais como o seu aparecimento a partir da puberdade, desenvolvimento de um estado de enfraquecimento psíquico peculiar que engloba, principalmente, o curso do pensamento e a vida afetiva, evoluindo para um quadro degenerativo das funções psíquicas.

Na história da elaboração do termo esquizofrenia, um autor fundamental foi o psiquiatra Eugen Bleuler⁸, seguidor das idéias tanto de Kraepelin, de quem foi aluno, como também das de Freud e Jung. Ele demarcou um importante cruzamento do campo da psiquiatria clássica com o campo da psicanálise, fazendo um debate em torno da demência precoce, lançando, em 1911, a denominação de esquizofrenia para tal grupo nosológico. Assim, no surgimento desse novo termo percebemos uma clara influência das idéias de Freud, as quais Bleuler comenta no prefácio de seu livro *Demência precoce – el grupo de las esquizofrenias*⁹, que contribuíram decisivamente para o processo de aperfeiçoamento e ampliação dos conceitos da psicopatologia, principalmente em torno da demência precoce. Bleuler, juntamente com Jung, fazia parte da corrente psicodinâmica alemã conhecida como a escola de Zurique, cuja origem foi caracterizada pela influência das idéias de Freud no meio psiquiátrico, a partir de 1904. Conforme o comentário existente no livro citado acima, observa-se que a influência da psicanálise sobre as noções psicopatológicas de afeto e associação revolucionou o enfoque kraepeliano da demência precoce, principalmente em relação ao prognóstico de incurabilidade. A aplicação das idéias freudianas de afetividade na regulação do

⁸ Eugen Bleuler (1857-1939), psiquiatra suíço, criador do termo esquizofrenia. Foi o pioneiro da nova psiquiatria do século XX, denominada de psiquiatria dinâmica, referenciada pela Escola de Zurique. Foi contemporâneo de Freud, utilizando as idéias do mesmo em suas elaborações teóricas sobre a esquizofrenia. (ROUDINESCO, PLON, 1998)

⁹ O livro *Demencia precoz – el grupo de las esquizofrenias*, do autor Eugen Bleuler, foi escrito em 1908 e publicado em 1911. A versão utilizada nesta dissertação é em castelhano, e foi traduzida do inglês *Dementia praecox or the group of schizophrenias*, editado pela Internacional Universities Press. New York. Traduzida para o castelhano por Daniel Ricardo Wagner e publicado pela Ed. Hormé, Argentina.

pensamento e da vida psíquica em geral já estava presente nos escritos de Jung e Bleuler em 1906, ganhando destaque a noção de complexo¹⁰ emocional que agia na vida psíquica, sendo este constituído a partir das experiências afetivas. Conforme diz Bercherie, esses autores tomaram de Freud a importância da afetividade no funcionamento do psiquismo, pois, por trás do desenrolar da noção clássica da associação sobre o funcionamento do pensamento, estava a ação do complexo afetivo como principal fator motivador, agindo no processo do pensamento e das ações do sujeito, mesmo que este complexo não fosse consciente.¹¹

A substituição da designação demência precoce pelo termo esquizofrenia (que quer dizer mente fendida ou partida), foi devida ao entendimento de Bleuler sobre os processos psicopatológicos, cujas alterações das funções psíquicas elementares consistiam em uma deficiente unicidade dessas funções, com fragmentação do pensamento, do sentimento e da vontade, caracterizando uma dissociação da vida psíquica, bem como a alteração do sentimento subjetivo acerca da própria personalidade.¹² Outro fator que este autor observou é que a demência precoce surgia, não apenas na puberdade, mas também em idades mais avançadas, sendo este mais um elemento que indicava que tal termo não era adequado.

Em relação ao curso demencial dos processos esquizofrênicos, Bleuler apontava que não havia uma unidade em todos os casos, pois existiam casos que evoluíam desfavoravelmente para a demência, bem como outros que podiam deter-se em determinados estágios, ou também podiam melhorar em diversos estágios. Porém, o autor afirmava que havia uma característica marcante em relação à direção para onde convergiam aqueles casos que progrediam no desenrolar do processo esquizofrênico,

¹⁰ Jung fez uma discussão sobre a noção de complexo em seu livro *Psychologie de la Demence Precoce* de 1906, antecedendo a elaboração de Bleuler sobre o tema da esquizofrenia. O termo “complexo” foi introduzido por Jung e utilizado, posteriormente, por Freud e Bleuler.

¹¹ BERCHERIE, P. *A psiquiatria moderna: a era psicodinâmica*, p. 226.

¹² BLEULER, E. *Transtornos mentales endógenos*, p. 426.

sendo essa direção a mesma para todos eles, que é aquela que sempre culmina na demência. Assim, podemos observar que a característica da demência, entendida enquanto um déficit ou defeito da unidade da vida psíquica, ainda estava presente nos estudos de Bleuler sobre a esquizofrenia, só que de uma maneira mais restrita a um grupo de casos.

Sobre as alterações das funções psíquicas elementares na esquizofrenia, Bleuler dá relevância ao fenômeno da dissociação da vida psíquica, sendo essa uma alteração do processo do pensamento que mais caracteriza essa entidade nosológica. Em seu livro *Demência precoce*, Bleuler dedica um capítulo aos sintomas fundamentais da esquizofrenia, compreendidos pelos transtornos da associação e da afetividade, destacando uma parte em que discute o papel da associação como uma das funções psíquicas simples que está aí alterada.

Em relação à função psíquica do pensamento, percebemos que uma das tendências teóricas que perpassava o meio psiquiátrico e o meio psicológico do final do século XIX e início do século XX era a teoria psicológica associacionista, cujo objetivo era o de estabelecer uma relação íntima do processo normal do pensar com a capacidade de fazer associações lógicas no nível da consciência. As associações eram designadas como as uniões estabelecidas entre os conteúdos psíquicos, sendo estabelecidas a partir de diversos processos que possibilitavam a formação do pensamento, das conclusões e dos juízos lógicos¹³. Bleuler bebeu também dessa fonte teórica e dizia que o norte do pensamento, bem como aquilo que o unificava, estava no fator mais importante das associações que é a noção de finalidade ou meta. Assim, ele afirmava que somente um conceito dirigido a uma meta, a um objetivo principal, é que amarra os elos da cadeia associativa em um pensamento lógico. Sobre essa concepção, ele comenta que, no

¹³ BLEULER, E. *Conceptos psicológicos fundamentales y psicopatología general...*, p. 59.

processo do pensamento lógico, cujo objetivo principal é o que determinará as associações, trata-se não apenas de uma única idéia, mas sim de uma hierarquia de idéias muito complexa, consistindo de: conceito/representação-meta unificador, idéias subordinadas e o contexto onde são formadas essas idéias, ou seja, determinados conceitos que pertencem a um esquema de referência específico.¹⁴

Por outro lado, na alteração do pensamento causada pelos transtornos associativos tão freqüentes na esquizofrenia, observa-se uma frouxidão ou interrupção dos elos associativos do pensamento, seja de uma associação isolada ou de um grupo de associações, levando a um pensamento ilógico e em grande parte extravagante. Em geral, as associações se dão por outros caminhos que não orientam um pensamento lógico, tais como as formadas por semelhanças, assonâncias, condensações, persistência de idéias, etc. Sobre esse processo, o autor diz:

No processo normal do pensar, as numerosas imagens/representações manifestas e latentes se combinam para determinar cada associação. Na esquizofrenia, por outro lado, podem tornar-se ineficazes representações isoladas ou combinações inteiras, de uma maneira aparentemente fortuita. No lugar delas, o pensamento opera com idéias e conceitos que não têm relação, ou tem uma relação insuficiente com a idéia principal, e que portanto deveriam ficar excluídas do processo mental. O resultado é que o pensar se torna confuso, extravagante, incorreto, quebrado. Algumas vezes faltam todos os fios associativos e a cadeia de pensamentos se interrompe totalmente; após uma tal “obstrução”, podem aparecer idéias que não têm nenhuma relação reconhecível com as precedentes. (BLEULER, 1911, p. 29-30)¹⁵

As idéias de Bleuler sobre o processo do pensamento levam-nos a aproximá-las de uma forma de funcionamento da linguagem, sendo esta uma expressão do pensamento, pois há todo um sistema simbólico com regras de uso convencionadas e relação hierarquizada de conceitos e signos envolvidos no pensamento associativo. As

¹⁴ BLEULER, E. *Sintomatologia*, p. 23-24.

¹⁵ Tradução livre de: “En el proceso normal del pensar, las numerosas imágenes presentes y latentes se combinan para determinar cada asociación. En la esquizofrenia, en cambio, pueden volverse ineficaces imágenes aisladas o combinaciones enteras, de una manera aparentemente fortuita. En lugar de ellas, el pensamiento opera con ideas y conceptos que no tienen relación, o tienen una relación insuficiente, con la idea principal, y que por lo tanto deberían quedar excluidos del proceso mental. El resultado es que el pensar se vuelve confuso, extravagante, incorrecto, quebrado. Algunas veces, faltan todos los hilos asociativos, y la cadena de pensamientos se interrumpe totalmente; después de una tal “obstrucción”, pueden aparecer ideas que no tienen ninguna relación reconocible con las precedentes” (BLEULER, 1911, p. 29-30).

alterações dessas regras de funcionamento da cadeia associativa é que demarcam uma forma peculiar de desenvolvimento da linguagem na esquizofrenia. Assim, podemos dizer que já há indícios, nessa concepção, de uma alteração da linguagem nessa forma de psicose, pois o esquizofrênico passa a fazer um uso próprio da linguagem, fugindo às regras convencionadas dentro de um contexto simbólico estabelecido.

Como mencionamos anteriormente, no desenrolar das idéias utilizadas por Bleuler sobre a associação e sua relação com o pensamento, era evidente a influência das idéias psicanalíticas daquela época, lembrando que sua investigação contou com as idéias de Jung (1906) que tentou discutir esse tema a partir das idéias freudianas de libido, tendo como base a noção de complexo afetivo que operava sobre o processo do pensamento. Assim, vemos Bleuler aplicar essa concepção quando ele diz que, mesmo que haja uma ruptura na cadeia associativa, o novo caminho por onde forma muitas associações poderá ser influenciado por um complexo de idéias que estão fortemente carregadas afetivamente, referindo-se à dimensão do inconsciente determinando a escolha de uma associação específica¹⁶. Portanto, ele indica que não é apenas uma relação mecânica da semelhança do som, da distração, etc., que produz a nova associação, mas que há um "complexo que opera" fora do plano da consciência e que interfere na escolha do paciente. O autor diz, também, que, na esquizofrenia, há uma retirada de investimento afetivo do mundo exterior, bem como aproxima os processos esquizofrênicos dos processos oníricos, remetendo-nos a Freud em suas pesquisas daquela época que giravam em torno da interpretação dos sonhos e a psicopatologia da vida cotidiana. Bercherie diz que a originalidade de Bleuler está na aplicação da visão psicanalítica sobre os sintomas da esquizofrenia, sendo

as perturbações do fluxo do pensamento (bloqueios, estereotípias, estagnações), as perturbações de seu conteúdo (associações estranhas, discursos herméticos, verbigeração, ambivalência), as bizarrices afetivas ou

¹⁶ BLEULER, E. *Sintomatologia*, p. 31; 45.

volitivas, os sintomas catatônicos, os delírios e alucinações, etc., encontram sentido na psicologia dos complexos e nos mecanismos (condensação, deslocamento, simbolização, etc.) evidenciados por Freud no estudo dos sonhos e dos atos falhos. Tudo aquilo que, para os autores precedentes, parecia decorrer do acaso ou da lesão, tornou-se assim a expressão de um movimento psicológico... (BERCHERIE, 1989, p. 230)

Dessa forma, percebemos no texto da *Demência precoce* o quanto a concepção freudiana de inconsciente e de libido influenciou na elaboração das idéias de Bleuler.

Apesar da influência das idéias psicanalíticas na elaboração da esquizofrenia, bem como o fato de Bleuler ressaltar que a característica mais importante de tal entidade é a dissolução das funções psíquicas a partir do distúrbio primário da perturbação das associações, gerando com isso uma falta de síntese diretora do funcionamento mental, a concepção desse autor em torno da causa da esquizofrenia ainda continuou aliada à idéia de uma base orgânica que agia antes da formação do complexo afetivo, conferindo a ele sua potência patogênica.¹⁷ Conforme afirma Miller, “Bleuler, apesar de falar de mecanismos freudianos nas psicoses, continuava atribuindo uma origem orgânica”.¹⁸

Contudo, a discussão que Bleuler desenvolveu em torno dos distúrbios da esquizofrenia a partir da perturbação da associação (associação não dirigida e unificada pela representação-meta), bem como a ação do complexo afetivo na vida psíquica, decorrendo dessa perturbação a prevalência da atuação dos complexos inconscientes (processos primários, tal como elaborado por Freud) no quadro manifesto da enfermidade, possibilitou maior esclarecimento sobre os chamados sintomas negativos, denominados de déficit ou defeito, que estavam relacionados a uma idéia de algo deficitário organicamente. Dentre esses sintomas, estavam a catatonia, a indiferença, a ambivalência, as bizarrices, as estagnações, o autismo. A partir dessa visão bleuleriana, esclareceu-se que o déficit específico da esquizofrenia não era um déficit orgânico, pois

¹⁷ BERCHERIE, P. *A psiquiatria moderna: a era psicodinâmica*, p. 230.

¹⁸ MILLER, J.-A. *Esquizofrenia y paranóia*, p. 18.

as funções instrumentais básicas do psiquismo estavam preservadas (memória, orientação, consciência, motilidade). Se havia um déficit na esquizofrenia, ele era secundário à perturbação da associação causada pelo desaparecimento do mecanismo responsável pela ação diretiva do eu (hierarquia da representação-meta) que garantia a prevalência da consciência nos processos psíquicos normais.¹⁹

1.3 A ESQUIZOFRENIA E A PSICOLOGIA DO EU: A CISÃO DA UNIDADE DO EU

A concepção da esquizofrenia, embasada na idéia de cisão, dissociação ou falta de unidade das funções psíquicas, principalmente na falta de unidade do Eu, foi muito difundida e, de certa forma, ainda permanece até os tempos atuais. Ainda observamos, no meio psiquiátrico, bem como no campo da saúde mental em geral, descrições de quadros esquizofrênicos caracterizados por “discurso do paciente com frouxidão dos nexos associativos, pensamento desagregado, sem unidade das funções psíquicas...”. Tal concepção está calcada principalmente na idéia da Psicologia do Eu, havendo uma prevalência da potencialidade do ego no desenvolvimento dos processos mentais normais, sendo tal visão difundida, principalmente, nos Estados Unidos por alguns pós-freudianos ou discípulos de Freud, como é o caso de Paul Federn.²⁰

Federn debateu e contribuiu com seus estudos sobre a esquizofrenia, principalmente em relação ao ponto que diz respeito à psicose enquanto déficit do Eu.

¹⁹ BERCHERIE, P. *A psiquiatria moderna: a era psicodinâmica*, p. 232.

²⁰ Paul Federn (1871-1950), médico clínico geral, discípulo de Freud, interessou-se pelo estudo da psicanálise a partir de 1903, dedicando-se exclusivamente a ela após a 1ª Guerra Mundial. Contribuiu com suas idéias em torno da psicologia do Eu no meio psicanalítico norte-americano, onde ficou exilado desde 1938 até a sua morte em 1950. Escreveu o livro: *Ego psychology and the psychoses*, que foi publicado postumamente em 1953 (CARVALHO, 1999, p. 125-127).

Conforme diz Miller, Federn tratou de “dar conta do que se chama dissociação em termos de déficit que corresponde unicamente à função de síntese da personalidade”.²¹

Em seus estudos psicanalíticos, cujo interesse maior era a psicose, Federn desenvolveu a teoria do Eu, sendo o conceito de Eu o principal fio condutor em suas investigações relacionadas à psicose. Para esse autor, que em sua prática clínica dedicava especial atenção aos fenômenos de despersonalização, estranhamento e alienação, a psicose está ligada a uma desadaptação essencial do Eu, cujo problema refere-se a uma falha na formação e coerência do Eu. Segundo Maria Tereza Carvalho, o conceito de Eu nas elaborações de Federn surgiu da idéia freudiana do Eu como objeto de investimento libidinal narcísico, tendo sua fonte no texto de Freud de 1914, *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Para ele, a concepção de Eu refere-se a uma realidade criada e mantida pelo investimento libidinal, sendo essa realidade uma unidade de investimento afetivo, coerente e contínuo.²² Conforme diz Federn,

O eu é a continuidade psíquica... O eu é sentido e conhecido pelo individuo como a *continuidade* durável ou recorrente da vida corporal e mental do ponto de vista do tempo, do espaço e da causalidade, e ele é sentido e apreendido por ele como uma unidade. [...] A base do eu é um estado de investimento psíquico de certos conteúdos e funções corporais e mentais interdependentes, os investimentos em questão sendo simultâneos e interconectados, e também contínuos. (FEDERN, 1953, p. 101)²³

Nas elaborações de Federn, ele comenta que o eu é, desde o início, um investimento unificado, sendo o mesmo desenvolvido pela organização de uma sucessão de estados do eu. Ele considera a constituição do eu a partir do narcisismo, de um ponto de vista econômico, mas como um investimento que já é dado desde o início, que faz parte de uma constituição biológica, cujo “sentimento do eu” está presente desde o início, associado a uma origem orgânica (protoplasma). Refere-se à organização do eu

²¹ MILLER, J.-A. *Esquizofrenia y paranóia*, p. 21.

²² FEDERN, P. *L'aspect psychologique du moi dans la schizophrénie*, p. 229.

²³ Tradução livre de: “Le moi est la continuité psychique... Le moi est senti et connu par l'individu comme la *continuité* durable ou récurrente de la vie corporelle et mentale du point de vue du temps, de l'espace et de la causalité, et il est senti et appréhendé par lui comme une unité. (...) La base du moi est un état d'investissement psychique de certains contenus et fonctions corporels et mentaux interdépendants, les investissements en question étant simultanés et interconnectés, et aussi continus”. (FEDERN, 1953, p.101)

como uma maturação que se dá pela aquisição de cadeias de reações típicas e atitudes emocionais habituais, bem como a composição de vários níveis ou estados do eu.²⁴ Ao reforçar sua idéia de organização do eu em estados e atitudes que podem ser recalcados e virem à consciência, quando necessários, isso nos leva a pensar em uma estrutura do eu que não considera a clivagem do psiquismo pela linguagem. Conforme comenta Carvalho²⁵, o que leva Federn a cair em explicações biológicas sobre o eu é que, apesar de ele reconhecer a constituição do eu a partir do narcisismo, por outro lado ele não considera o narcisismo como investimento libidinal vindo da relação com o outro, bem como a idéia de recalque como fundador da clivagem do psiquismo. Percebemos que a falta da idéia de clivagem não permite perceber que também no próprio eu há um desconhecimento, tal como veremos com Freud e com Lacan no próximo sub-item.

O autor acima faz uma diferença entre o eu e a consciência, referindo-se à mesma como uma função unificadora no interior do eu. Portanto, a consciência é uma função do eu. A maturação do eu é indicada pela capacidade adquirida de reagir a acontecimentos, em dados momentos, com uma parte da unidade do eu, enquanto que o conjunto da unidade continua em repouso, mas controla a reação da parte em questão. A organização de um eu maduro e forte é obtida pela aquisição de cadeias de reações típicas, de atitudes emocionais habituais, bem como a sucessão de níveis do eu. Ele diz que uma personalidade integrada significa a manutenção do controle das reações parciais e dos diferentes estados do eu, exigindo um investimento sólido e forte do estado do eu.²⁶

Outra noção importante que Federn trabalha é sobre as fronteiras do eu, ou seja, é um contorno ou fronteira às variações de investimento que constituem o eu, criando uma unidade ao que acontece com o indivíduo em um dado momento –

²⁴ FEDERN, P. *L'aspect psychologique du moi dans la schizophrénie*, p. 229.

²⁵ CARVALHO, M.T. *Le moi: être de frontières*, p. 228.

²⁶ FEDERN, P. *L'aspect psychologique du moi dans la schizophrénie*, p. 229.

estímulos sensoriais ou intenções novas – dando a ele um “sentimento de unidade dos conteúdos do eu” quando penetram na consciência. Isso possibilita um reconhecimento do eu em relação ao corpo e ao mundo externo. Ele trabalha com dois tipos de fronteiras, ou seja, a fronteira do eu corporal e a fronteira do eu mental. O estabelecimento dessas fronteiras permitirá o reconhecimento de si próprio e do mundo exterior, desempenhando certa função do “teste de realidade”. “O conhecimento da realidade é conseqüente da função principal da fronteira do eu”.²⁷

Porém, essas fronteiras podem se modificar, chegando inclusive a se perderem, demonstrando que o teste de realidade é deficiente ou ausente. É a partir daí que o autor desenvolverá a noção de vulnerabilidade do Eu, sendo os fenômenos da psicose decorrentes do desinvestimento das fronteiras do Eu. Nessa perspectiva, as fronteiras do Eu poderão ser excessivamente expandidas, como no caso da megalomania, ou pelo contrário, excessivamente reduzidas a um órgão, tal como no caso da hipocondria.

Conforme comenta Carvalho, referindo-se ao texto de Federn publicado postumamente em 1953, esse autor centra toda a sua teoria na concepção de Eu, chegando a divergir das idéias de Freud contidas no artigo de 1924, *A perda da realidade na neurose e na psicose*, quando este diz que a psicose é um mecanismo de defesa. Para Federn, pelo contrário, na psicose trata-se de uma derrota do Eu e não de uma defesa. Ele diz que “toda psicose é uma doença do eu”, pois o eu fica vazio de investimento. A esquizofrenia será definida como uma deterioração das funções do eu devido a essa perda de investimento no mesmo. Para ele,

todo caso de esquizofrenia começa, não pela perda da realidade exterior, mas pela criação de conceitos de uma realidade falsa. [...] a perda da realidade do

²⁷ Tradução livre de: “La connaissance de la réalité est par conséquent la fonction principale de la frontière du moi”. (FEDERN, 1953, P. 240)

esquizofrênico consiste na perda de investimento da fronteira mental e corporal do eu. (FEDERN, 1953, p. 196-197)²⁸

Portanto, é a retirada ou diminuição do investimento das fronteiras do eu que levam aos fenômenos psicóticos, ocorrendo uma falta de distinção entre o eu e o mundo exterior, pois o eu não pode exercer sua função de agente recalcante, e os conteúdos pré-conscientes e inconscientes invadem a consciência sem serem filtrados e reconhecidos pelas fronteiras do eu.

Para encerrar essa rápida passagem pelas idéias de Federn, percebemos que o pensamento embasado na unidade do Eu direciona um certo tipo de prática no sentido de promover um fortalecimento dessa unidade do Eu, que está diretamente ligado à forma de investimento libidinal que poderá ser ou não nociva a ele. Isso levou Federn a orientar o tratamento aos psicóticos a partir do método que ele nomeou de “higiene mental do eu”. Visando a reforçar a parte sã do eu, ou recuperar sua unidade e força de controle, ele propõe que

certas medidas devem poupar e fortalecer o investimento do eu, outras devem se opor à regressão, outras devem melhorar ou até mesmo ensinar o pensamento atento, enquanto que outras ainda devem se opor à invasão da consciência pelo inconsciente, protegendo assim o eu contra o perigo iminente. (FEDERN, 1953, p. 201)²⁹

No sentido de dosar os investimentos dos pacientes, recorre a medidas concretas de orientações e sugestões na vida dos psicóticos, sendo mais um guia de orientações no sentido de adaptação à realidade externa. O objetivo era criar ou fortalecer as fronteiras do Eu a partir do reinvestimento que as abandonou ou foi diminuído. Embasado na orientação acima, ele propõe algumas medidas que o “higienista” deveria tomar: considerando a economia do eu, o higienista deve impedir

²⁸ Tradução livre de: “tout cas de schizophrénie commence, non par la perte de la réalité extérieure, mais par la création de concepts d’une réalité fausse. [...] la perte de la réalité du schizophrène consiste dans la perte de l’investissement de la frontière mentale et corporelle du moi. (FEDERN, 1953, p. 196-197)

²⁹ Tradução livre de: “Certaines mesures doivent épargner et renforcer l’investissement du moi, d’autres doivent s’opposer à la régression, d’autres doivent améliorer et même enseigner la pensée attentive, alors que d’autres encore doivent s’opposer à l’invasion de la conscience par l’inconscient, protégeant ainsi le moi contre le danger imminent”. (FEDERN, 1953, p. 201)

um consumo exagerado de energia do investimento devido a um uso e a uma deterioração aumentados – tentar ajudar a fornecer ao eu fontes abundantes de energia; fazer um reconhecimento precoce da esquizofrenia (infantil) e, nesse caso, a medida é poupar as forças até que a maturação psicossomática aumente a fonte de investimento do eu, incluindo nessa medida a intervenção disciplinar do ambiente em torno do paciente (manter um ambiente harmonioso para que não haja excesso de emoção); fortalecer as partes sãs do eu exercitando-as, e a parte doente deve economizar o investimento (atividades que produzem tensão devem ser interrompidas e outras exigências diminuídas, não expor o paciente a excessos emocionais).

Percebemos que a prática embasada na idéia da linguagem como síntese ou unidade das funções do Eu, reforçando técnicas de fortalecimento do eu, foi difundida em vários meios psiquiátricos e, atualmente, há uma tendência no campo de várias psicoterapias que lembra tais procedimentos, tal como as terapias cognitivo-comportamentais.

Como indicado anteriormente, essa concepção de unidade do Eu e da linguagem enquanto síntese do Eu, diverge em muitos pontos das idéias de Freud e de Lacan. Se nos atemos às noções de dissociação, síntese do Eu, unidade do Eu, dentre outras, é porque aí se faz necessário demarcar pontos de ruptura ou até mesmo de continuidade com os pensamentos freudiano e lacaniano. Em algumas discussões sobre a esquizofrenia, no ensino de Lacan, tais noções se fazem presentes, como é o caso de algumas passagens do *Seminário I* (1953-1954), levando a certas confusões teóricas se não demarcarmos os pontos de vistas que tais conceitos estão situados. Nos debates deste *Seminário* em torno dos textos de Freud, um dos alunos de Lacan – Lang – dizia que, para se falar em esquizofrenia, era preciso “contar com o elemento essencial da

dissociação”.³⁰ Ou então quando Lacan fez um comentário concernente a um suposto caso de esquizofrenia, cujo sintoma era a alteração do comportamento motor, referindo-se a isso como uma manifestação de “falha nas funções de síntese do eu”, fazendo um contraponto à noção de déficit orgânico. Apesar de Lacan utilizar essas terminologias, as quais são pontos de críticas em sua teoria, ele as contextualiza dentro de uma concepção teórica que vinha desenvolvendo. Tal é o caso da noção do eu que ele elabora a partir do contexto da teoria analítica e que está calcada no registro do imaginário.³¹ Portanto, se buscamos alguns elementos em Freud e em Lacan que possam indicar funcionamentos específicos da esquizofrenia, é preciso esclarecer melhor esses conceitos que dão margem a confusões, principalmente em relação à concepção da Psicologia do Eu, sendo esses elementos teóricos desenvolvidos a seguir, conforme a orientação que desejamos sustentar neste trabalho.

1.4 A CISÃO DO PSIQUISMO PARA FREUD E PARA LACAN

Em vários momentos da obra de Freud, principalmente em suas investigações sobre a histeria, há discussões sobre a cisão da vida psíquica, cujo ponto de vista divergia daqueles que afirmavam que a divisão da personalidade estava ligada a uma insuficiência psicológica inata. Pelo contrário, Freud dizia que a divisão da mente é de ordem psíquica e constituinte do psiquismo em consciente e inconsciente.³² Já Pierre Janet³³, em seus estudos sobre a histeria e a hipnose, atribuía às pessoas histéricas uma

³⁰ LACAN, J. *O lobo! O lobo!*, p. 124.

³¹ LACAN, J. *O lobo! O lobo!*, p. 126-127.

³² FREUD, BREUER. *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos...*, p. 48-49.

³³ Pierre Janet (1859-1947), médico e psicólogo francês, teórico do automatismo psicológico, cuja tese foi defendida em 1889. Elaborou várias pesquisas em torno da histeria, participando dos estudos de Charcot sobre o hipnotismo. Criou o método de análise psicológica que se fundamentava numa investigação consciente e não

suposta incapacidade constitucional para a síntese, decorrendo daí uma desintegração ou dissociação da vida mental.³⁴ Para ele, a atividade mental normal é devida a uma capacidade de síntese, ou seja, à capacidade de unir várias representações num complexo, combinando várias percepções sensoriais em direção a um único sentido. Por outro lado, nos histéricos, devido à sua debilidade mental congênita, isso não ocorre, havendo a dissociação psíquica.³⁵

Percebemos, com isso, que a discussão de Freud vai para além de um entendimento congênito da atividade mental, bem como vai além da supremacia dos processos psíquicos conscientes, como os que podem garantir uma normalidade, apontando decisivamente para a importância dos processos inconscientes na vida psíquica de qualquer pessoa, mesmo aquelas consideradas normais. Portanto, ele diz que há uma divisão que é inerente ao psiquismo em geral, estabelecendo as dimensões consciente e inconsciente que se fazem presentes na vida cotidiana de todos os seres humanos.

Em relação a Lacan, há um distanciamento da concepção que contempla a psicologia do eu, centrada em modelos adaptativos, cuja noção de ego refere-se à função de síntese, contrapondo-se à idéia de ego como função dinâmica.³⁶ Verificamos essa posição de Lacan conforme uma crítica que faz a Federn, no texto de 1959-1960 – *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache*. Nesse texto, marcado pelo momento estruturalista³⁷, Lacan questiona o comentário de Daniel Lagache sobre a autonomia do Eu. Questiona também as teorias do Eu que reforçam a supremacia imaginária, uma vez

numa escuta dos mecanismos inconscientes. As pesquisas de Janet eram caracterizadas por se restringirem à dimensão dos fenômenos conscientes, sendo a histeria uma doença psicológica de constituição hereditária. Janet era contrário às idéias freudianas da sua época, atacando cruamente os trabalhos de Freud. (ROUDINESCO, PLON, 1998, p. 407)

³⁴ FREUD, S. *Uma breve descrição da psicanálise*, p. 241-245.

³⁵ FREUD, BREUER. *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos...*, p. 233.

³⁶ LACAN, J. *Introdução e resposta a uma exposição de Jean Hyppolite sobre a Verneinung de Freud*, p. 67.

³⁷ O momento estruturalista de Lacan compreende o período entre 1953 a 1970, e é caracterizado pela soberania do simbólico nas elaborações sobre o psiquismo.

que o objetivo seria, de certa forma, corrigir as distorções do Eu, sem levar em consideração os efeitos do inconsciente.³⁸ Seguindo o caminho de Freud, Lacan vem contrapor-se às teorias psicanalíticas que colocam o acento no poder do Eu e suas projeções imaginárias, e que não levam em consideração a relação do Eu com o Inconsciente. Esse é um ponto de ruptura de Lacan com as psicologias do Eu, já que elas acabam por buscar uma harmonia imaginária, reduzindo os desejos dos seres humanos às normas das relações sustentadas em ideais que vêm de encontro às exigências de imagens harmoniosas. Lacan aponta que essas psicologias esquecem que nem mesmo na instância do Eu há essa harmonia, pois não consideram o mecanismo da alienação fundamental. É a partir daí que Lacan critica Federn, pois ele afirma nesse texto que

o que nos retém é que uma psicanálise, que funciona no simbólico – o que não é contestável, caso seu processo seja de conquista do inconsciente, de advento da história e reconstrução do significante, se não denegarmos simplesmente que seu meio seja de fala -, que uma psicanálise seja capaz de reformular um Eu assim constituído em seu status imaginário. (LACAN, 1959-60, p. 683-684)

Ou seja, se há uma desarmonia no campo imaginário, um desvanecimento do Eu, isso vem indicar um efeito estrutural em que o sujeito se constitui numa elisão do significante³⁹. Se para Federn há uma falha em termos do plano imaginário, ou seja, em relação às fronteiras do Eu, para Lacan, a questão está numa falta no campo simbólico que é sustentado por um significante especial. Assim, o mecanismo da psicose apontaria para uma falta desse significante que está abolido, e por isso não sustentaria o campo imaginário no momento de desencadeamento da psicose. Lacan desloca a concepção corrente no meio analítico e psiquiátrico em relação ao déficit e à dissociação referidas ao Eu na psicose para colocar a tônica em relação ao sujeito como efeito do significante, mesmo que um significante especial falte.

³⁸ LACAN, J. *Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura da personalidade*, p. 675.

³⁹ LACAN, J. *Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura da personalidade*, p. 683-684.

1.5 A CONCEPÇÃO DO EU PARA LACAN: UMA FUNÇÃO IMAGINÁRIA

Conforme indicado no sub-item 1.3, no Seminário de 1953-1954, a concepção do eu deve considerar o registro do imaginário, pois não é uma instância homogênea, mas sim, funções imaginárias. Nesse Seminário, Lacan desenvolve uma detalhada elaboração em torno da tópica do imaginário, recorrendo ao modelo óptico⁴⁰ para demonstrar o mecanismo desse registro. Na época dessa elaboração, que podemos situar entre os momentos inaugural e clássico do ensino lacaniano – aquele da supremacia do simbólico – Lacan procura localizar o lugar do imaginário na estrutura simbólica, já trabalhando com as dimensões do simbólico, imaginário e real. Porém, a noção do real nesse momento não tem a mesma elaboração daquela que será trabalhada e privilegiada no último momento de seu ensino. O real a que ele se refere aqui está relacionado com a realidade psíquica e com o que subsiste fora da simbolização.⁴¹ É também nesse momento que há uma discussão em torno da exposição de Jean Hyppolite sobre a *Verneinung* de Freud, na qual aparece o notável comentário de Lacan de que para o esquizofrênico “todo o simbólico é real”.⁴² É sobre esse contexto teórico que se faz necessário nos debruçarmos mais detidamente para esclarecer a relação do simbólico e do imaginário, visando a situar a particularidade da linguagem na esquizofrenia.

Se, para Lacan, o eu tem uma estreita relação com o registro do imaginário, sendo uma função do mesmo, a constituição do eu acontecerá no desenrolar da relação com o outro semelhante, sendo sustentada numa função fundamental do ego que é a de alienação e desconhecimento.⁴³ Lacan busca delimitar as variadas interpretações sobre o

⁴⁰ O modelo óptico advém da Física para demonstrar a formação de imagens vistas no espaço a partir da conjunção de espelhos matematicamente calculada, observando os ângulos e as distâncias necessários para se produzirem os fenômenos de ilusão que se dividem em imagens real e virtual.

⁴¹ MILLER, J.-A. *Linguagem e pulsão*, p. 48.

⁴² LACAN, J. *Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a Verneinung de Freud*, p. 394.

⁴³ LACAN, J. *Introdução e resposta a um exposição de Jean Hyppolite...*, p. 67.

eu, fazendo críticas às diversas maneiras de apreender a relação analítica que poderá se pautar numa relação imaginária dual, na qual o analista entra numa rivalidade de eu a eu com o analisando – como é o caso de Anna Freud⁴⁴ - sendo essa direção contrária àquela sustentada pela estruturação simbólica do sujeito, situada para além da estrutura do eu.

Percebemos como Lacan está totalmente submetido à concepção simbólica estruturalista neste momento, dando grande ênfase à operação simbólica na constituição da realidade psíquica, definindo que o simbólico é que determina o imaginário.

Retornando à discussão sobre a constituição do eu, Lacan lançará mão do estágio do espelho⁴⁵ para demonstrar, juntamente com o esquema óptico, a relação do simbólico com o imaginário e o real nesta constituição, destacando que se trata de um momento em que a criança tem um domínio imaginário de seu corpo a partir da visão da imagem total de outro corpo humano, mesmo não tendo ainda o domínio motor do seu próprio corpo.

Ao longo de seu ensino, Lacan fez referência ao estágio do espelho em vários momentos, iniciando em 1936 e referindo-se a ele até o final de sua obra. Atendo-nos ao momento em que se situa o Seminário de 1953-1954, cujo foco será dado no efeito do simbólico sobre o imaginário a partir da relação com o outro, Lacan reforça que o estágio do espelho não é simplesmente um momento do desenvolvimento do ser humano no sentido orgânico, mas “tem também uma função exemplar, porque revela certas

⁴⁴ Anna Freud (1895-1982), psicanalista nascida em Viena, filha de Sigmund Freud, destacou-se no meio psicanalítico pelo trabalho com criança, principalmente na Inglaterra. Sua concepção de uma psicanálise centrada na adaptação do eu à realidade teve grande destaque nos Estados Unidos, aproximando-se das idéias da Psicologia do Ego.

⁴⁵ "Estádio do espelho": expressão cunhada por Lacan em 1936 e retirada da terminologia utilizada pelo psicólogo Henri Wallon (1879-1962), que nomeou de “prova do espelho” a uma experiência pela qual a criança, colocada diante de um espelho, passa a distinguir, progressiva e naturalmente, seu próprio corpo da imagem refletida neste espelho. Lacan utilizou também das idéias do embriologista holandês Louis Bolk (1866-1930) referentes à prematuração do nascimento do ser humano, articulando-o ao estágio do espelho. Apesar de utilizar alguns elementos desses autores, Lacan elaborou sua própria concepção do estágio do espelho para designar uma operação psíquica e ontológica pela qual o ser humano se constitui numa identificação com o seu semelhante. (ROUDINESCO, 1998, p.194)

relações do sujeito à sua imagem, enquanto *Urbild* do eu”.⁴⁶ Ele se refere ao esquema do aparelho psíquico⁴⁷ de Freud localizado no capítulo VII do texto de 1900, *A interpretação dos sonhos*, retirando daí a idéia do lugar psíquico formado no aparelho, para nomeá-lo de campo da realidade psíquica, que se constituirá a partir daquilo que se passa entre a percepção e a consciência motora do eu. Freud dirá que não se trata de uma localização anatômica e que o lugar psíquico corresponde a um ponto do aparelho psíquico onde a imagem é formada. Isso implica dizer que, na produção de imagens, a subjetividade está envolvida, sendo um fenômeno subjetivo advindo da incidência do simbólico.⁴⁸

Lacan recorre às imagens ópticas para nos falar das imagens que interessam à psicanálise, lembrando-nos que mesmo as imagens ópticas apresentam diversidades singulares. Essas imagens se dividem em virtuais (puramente subjetivas – vê a imagem onde ela não está, tal como a imagem refletida no espelho plano) e reais (sob certos prismas, essas imagens se comportam como objetos reais, sendo tomadas como tais). Entretanto, apesar das diversidades singulares, a óptica está toda ela sustentada sobre uma teoria matemática, sendo aí estruturada. Ela parte do pressuposto de que, para todo ponto dado no espaço real, é necessário que corresponda um ponto dado em outro espaço, que é o imaginário. Aqui Lacan intervém dizendo que a dimensão simbólica incide na manifestação de fenômenos que estão nessa conjunção do espaço imaginário com o espaço real.

Nesse jogo da apreensão da imagem no espaço imaginário e no espaço real, Lacan recorre ao *experimento do buquê invertido*, utilizado no ensino da Física, em que

⁴⁶ LACAN, J. *A tópica do imaginário*, p. 91.

⁴⁷ Freud constrói o esquema do aparelho psíquico para demonstrar como se insere o processo do inconsciente, referindo-se a ele como composto de várias instâncias ou sistemas, com diferentes camadas, por onde transcorre toda a atividade psíquica. É um aparelho cujos processos psíquicos têm um sentido e uma direção, partindo de estímulos (internos ou externos) que ocorrem numa extremidade perceptual e vão em direção a uma extremidade motora. Nesse circuito, há diferentes camadas que inscrevem ou não traços que poderão ser recalçados no inconsciente. (FREUD, 1900, p. 492-493)

⁴⁸ LACAN, J. *A tópica do imaginário*, p. 92-93.

um espelho esférico produz uma imagem real. O experimento demonstra que, dentro de um campo de visão, a partir de um olho que observa a uma determinada distância, e posicionado em um determinado ponto, ao colocarmos dois objetos separados em frente a um espelho esférico, tal como um vaso ou jarro vazio e um buquê de flores, estando o vaso virado para cima e o buquê virado para baixo, e colocado sob a parte inferior do vaso, a visão que o observador terá será a de um buquê dentro do vaso, formando uma imagem do buquê invertido. Ou seja, o buquê que estava virado para baixo, escondido e fora do vaso, será visto dentro do vaso e virado para cima, formando uma imagem real que é aquela vista no lugar que o objeto está e não em outro lugar. À forma que vê a imagem em outro lugar, dá-se o nome de virtual, que é aquela refletida no espelho plano (o objeto está aqui e a imagem em outro lugar). Dentro desse contexto e dependendo do campo de visão do observador, um buquê imaginário será formado no gargalo do vaso, ganhando a impressão de realidade, sem causar estranhamento. Partindo desse esquema, Lacan vai demonstrar como essa confusa relação primitiva do mundo imaginário com o mundo real vem estruturar a vida psíquica. Ele retoma a idéia de que o domínio do eu primitivo se "constitui pela clivagem, pela distinção com o mundo exterior – o que está incluído dentro distingue-se do que é rejeitado pelos processos de exclusão, *Aufstossung*, e de projeção" (LACAN, 1954, p. 96).

É de acordo com essa idéia que ele afirmará que, na concepção analítica sobre a formação do eu, no seu estado primitivo, é preciso considerar as noções de continente e de conteúdo, tal como é a relação do vaso com o buquê, no experimento citado. Assim, mesmo antes de estar biologicamente preparado, antes mesmo da maturação fisiológica que permite ao sujeito integrar suas funções motoras, tendo domínio real de seu corpo, o ser humano passa pelo estágio do espelho que é, conforme dito anteriormente, uma antecipação de acabamento e unidade do seu corpo no domínio

imaginário, mas não no domínio biológico. Lacan reafirma que a visão da forma total do corpo humano do outro semelhante é que dará ao sujeito a consciência da unidade de seu corpo, mesmo antes de atingir a maturação fisiológica. É através do que Lacan chama de aventura original, que é a experiência do homem se ver e se conceber como outro que não ele mesmo, delimitando um mínimo de realidade em que o sujeito consegue separar o que é dentro e o que é fora, o continente e o conteúdo.

Vemos com isso se delimitar, a partir da imagem do corpo do semelhante, uma primeira forma que possibilita situar o que é do eu e o que não é do eu. Entretanto, é uma imagem especular que dá a ilusão de completude e unidade, integrando por antecipação aquilo que até então era para a criança uma experiência de fragmentação, descoordenação e despedaçamento do corpo. Dessa forma, o estágio do espelho vem fixar um eu e, ao mesmo tempo, uma alienação no outro, ou seja, uma maneira de se perceber a partir do outro, sendo o outro tomado como um eu. Essa é uma fase que exemplifica a dimensão do imaginário naquilo que ele concerne à ilusão de completude, porém, trazendo junto o engano onde subjaz o desamparo de só existir enquanto reflexo do outro semelhante.

Mas, ao falar em estruturação do registro do imaginário, isso já implica relacioná-lo com a dimensão simbólica. Como indicado acima, para que se produza uma imagem unificada do vaso com o buquê, é preciso que o olho que olha esteja localizado e fixado em determinado campo que se forma no interior do cone do espelho. Lacan dará ênfase a esse olho fixado concernindo-o como o símbolo do sujeito, sendo isso contrário à idéia de redução do sujeito a um olho de forma objetivada, como é o caso da ciência. A esse olho situado dentro de um campo específico, Lacan o relacionará com a situação do sujeito que é caracterizada pelo seu lugar no campo simbólico. Assim, a constituição da realidade psíquica dependerá desse lugar simbólico representado pela posição do sujeito

nesse campo delimitado. Portanto, é a ordem simbólica que organiza e ressignifica o campo imaginário.

Nas relações iniciais do sujeito com o outro especular, cuja primeira forma de contato ou objeto privilegiado é a mãe, a criança estabelece uma série de relações de incorporações imaginárias desse primeiro objeto, sendo essa tentativa de captura permeada pela relação dual carregada de toda ambivalência, amor e ódio, cujo tom está na destruição do objeto para poder ser incorporado, tal como: para incorporar o leite que é bom é preciso morder o peito da mãe. Assim, vai sendo estruturada a relação com o outro, delimitando mais o lugar do eu que a princípio acontece numa vertente imaginária repleta de engodos, marcada pelo ódio e o fascínio, ancorada na relação com o duplo especular que é igual, mas também estranho e rival. A formação do eu nessa vertente puramente imaginária dá à subjetividade um caráter bipolar, ou ele (rival) ou eu (igual), adquirindo o eu sua essência paranóica.

O estágio do espelho possibilita, a partir da imagem especular, organizar aquilo que estava fragmentado, delimitando uma armadura corporal. Mas, para essa imagem ser sustentada e assegurada para além da alienação no outro (especular), sendo uma alienação de caráter paranóico, é necessário que opere também o Outro simbólico, separando o sujeito dessa alienação na imagem especular e estruturando a percepção dos objetos a partir de um campo de nomeação. Estabelece-se um movimento em direção à exterioridade, que vai se acentuando e outros objetos exteriores vão sendo investidos, contrapondo-se às limitações iniciais do eu. Com isso, ficará mais evidente o movimento de rejeição do que é mau e de inclusão do que é bom, tentando fazer uma demarcação em relação ao primeiro continente que é a totalidade do corpo da mãe, e, conforme diz Lacan, é “o império total da primeira realidade infantil”.⁴⁹ Esse movimento já indica o

⁴⁹ LACAN, J. *A tópica do imaginário*, p. 99.

próprio movimento da linguagem em sua potencialidade de simbolização, ou seja, de afastamento e aproximação, de presença e ausência, de oposições e substituições, tal como a brincadeira do carretel comentada por Freud – o momento em que a criança tenta apreender simbolicamente a ausência e presença da mãe, brincando com um carretel que joga para debaixo da poltrona e desaparece, para em seguida o fazer aparecer novamente, acompanhando esse movimento com os fonemas *Fort-Da*. Portanto, é quando se nomeiam os objetos a partir de uma ausência, que eles poderão adquirir certa consistência simbólica, desde que seja dentro de um campo delimitado pelo significante que estrutura e sustenta uma zona simbólica. Essa delimitação impede que aquilo que é percebido se disperse e se misture com o sujeito que percebe, quando não há separação entre o objeto e o sujeito.

Em síntese, podemos retirar do esquema sobre o estágio do espelho proposto por Alvarenga⁵⁰, três momentos lógicos do mesmo na constituição do sujeito: 1) num primeiro momento, diante da impotência primitiva do ser, há a possibilidade da imagem especular de organizar e dar limites concretos às pulsões fragmentadas. 2) Num segundo momento, é a alienação paranóica na imagem do semelhante e a agressividade narcísica que daí surge, subsistindo o Outro simbólico de forma totalizante, sem a operação da castração simbólica. 3) Em outro momento, a solução para a relação em espelho e a alienação rivalizada no outro semelhante, será a operação do recalque que definirá o Outro simbólico enquanto barrado, não total, pois falta nele um significante. O estágio do espelho será importante para verificarmos onde poderemos localizar a esquizofrenia nesses momentos lógicos, tal como será desenvolvido mais à frente, no capítulo 2.

Em relação a Freud, encontramos valiosos pontos referentes à teoria do eu, em seu texto de 1914, *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Nesse texto, Freud recorre à

⁵⁰ ALVARENGA, E. *A esquizofrenia e o estágio do espelho*, p. 87.

idéia de narcisismo para trabalhar a noção do eu. Ao narcisismo ele designa como um estágio na evolução da libido que vai do auto-erotismo ao amor objetal. Ele parte da idéia da existência de um estado anterior à estrutura do eu, que é o estado inicial da libido, ao qual nomeia de auto-erotismo, uma vez que o eu não existe desde o início, mas precisa ser desenvolvido. A esse estado inicial, ele relaciona o narcisismo primário e, para elaborar melhor esse conceito, ele recorre aos fenômenos da esquizofrenia ou da parafrenia.

Nesse caso, ele refere ao quadro da esquizofrenia em que há um desinvestimento radical dos objetos do mundo exterior, havendo uma regressão da libido para o próprio ego, o qual é tomado como objeto de amor. Porém, Freud afirma que o narcisismo primário, fonte de diversas influências, existe também nas pessoas normais, sendo parte do desenvolvimento normal da libido.⁵¹ Ao estado auto-erótico, Freud diz que encontramos as pulsões de forma desordenada, cujo próprio corpo será o lugar de satisfação que se dá de maneira fragmentada e não unificada em uma imagem totalizante. Trata-se de um modo de satisfação da pulsão no sentido auto-erótico, fragmentada em partes, desordenada. Apesar de ser “auto” isso ainda não implica a estruturação de um eu, mas já diz da incidência da relação com o outro e, por conseguinte, com a linguagem, começando a esboçar um lugar de suporte para a constituição do eu. Aqui já se esboça o narcisismo primário que será a base para edificar o narcisismo secundário, que é o estado dos investimentos objetais do mundo exterior.

Nesse texto, Freud indica que o eu surge de uma “nova ação psíquica”, que virá organizar o movimento fragmentário da pulsão em um circuito que será tomado em uma imagem unificada, saindo do estado de auto-erotismo para o investimento no eu, ou seja, no narcisismo secundário, forçando, com isso, o investimento no mundo exterior e,

⁵¹ FREUD, S. *Sobre o narcisismo: uma introdução*, p. 90.

por conseguinte, nos objetos.⁵² Conforme diz Freud, a nova ação psíquica permite a constituição do ego oficial, que implica uma imagem unificada de si mesmo, que pode ser tomada como objeto de amor, e realizar, assim, a transição da satisfação pulsional auto-erótica para o amor objetal. Essa “nova ação psíquica” remete-nos ao estágio do espelho de Lacan, pois é nessa fase que, a partir da relação com o outro especular, se dará uma unificação da imagem e a formação do eu.

Essa unificação da imagem como se fosse de “si mesmo” delimita um dentro e um fora, tal como o continente e o conteúdo da experiência do buquê invertido evocada por Lacan. Ele dirá que a equação simbólica surgirá desse jogo imaginário em relação aos objetos, do mecanismo de alternância de expulsão e introjeção, de projeção e absorção, fazendo “inclusões imaginárias de objetos reais, ou inversamente, tomadas de objetos imaginários no interior de um recinto real”.⁵³ Ele ressalta que, na apreensão dos objetos, é preciso considerar a conjunção entre as diferentes dimensões que os compõem, ou seja, a imaginária e a real. Esse é um ponto importante de ser esclarecido, pois nos parece que é nessa relação do imaginário com o simbólico que há uma modificação na esquizofrenia, surgindo daí a relação do simbólico como real, sendo este ponto elaborado no capítulo 2.

Para Lacan, o processo da criança de apreensão dos objetos do mundo, só acontece de forma efetiva se ela entrar numa relação com eles enquanto estruturas. Isso não acontece somente em um plano de igualdade da realidade, mas se constitui pela dissociação de diferentes partes dos objetos primitivos. Tal como diz Lacan, “na medida em que uma parte da realidade é imaginada, a outra é real, e inversamente, na medida em que uma é realidade, é a outra que se torna imaginária. Apreende-se aí porque, no

⁵² FREUD, S. *Sobre o narcisismo: uma introdução*, p. 91.

⁵³ LACAN, J. *A tópica do imaginário*, p. 99.

início, a conjunção das diferentes partes, dos sets, nunca pode ser acabada” (LACAN, 1953-54, p. 100).

Mesmo se tratando de uma relação imaginária, da relação em espelho, a qual Lacan coloca no plano da projeção, “geralmente é pelas possibilidades de jogo da transposição imaginária que se pode fazer a valorização progressiva dos objetos”⁵⁴, transformando-os em vários objetos, a partir de múltiplas equações imaginárias que permitem isolá-los em uma determinada forma valorizada afetivamente e, por conseguinte, aquela que fascina e captura. A discussão em torno do imaginário é importante, porque é ele que nos permite capturar uma imagem a ser investida, sendo esse um grande problema que se manifesta na esquizofrenia, como podemos observar no fragmento clínico abaixo.

Para ilustrar essa discussão, Lacan recorre a um caso clínico apresentado por Melanie Klein⁵⁵, o caso Dick, cujo sintoma marcante é o negativismo e o contato verbal quase nulo, recusando-se a estabelecer contato com as pessoas, caracterizando um quadro de autismo. Nesse caso, Melanie Klein observa que há uma pobreza do mundo imaginário dessa criança, bem como uma impossibilidade de estabelecer uma relação efetiva com os objetos. A essa relação, a qual Lacan diz que essa criança “serve-se da linguagem de forma negativista”, ele comenta que falta a dimensão do apelo. Aqui, ele diferencia o nível da linguagem daquele do apelo, sendo este último posterior à aquisição da linguagem, o que aponta para níveis diferentes que operam na linguagem. Dessa forma, há o nível do enunciado que é aquele em que se diz qualquer coisa para alguém, já existindo um sistema adquirido da linguagem, mesmo que seja de forma reduzida. Porém, em um enunciado qualquer, há outro nível operando que é aquele do

⁵⁴ LACAN, J. *A tópica do imaginário*, p. 100.

⁵⁵ Melanie Klein (1882-1960), psicanalista, nasceu em Viena, mas morou e desenvolveu seu trabalho na Inglaterra. Contribuiu para o surgimento de uma das grandes correntes do freudismo, nomeada de kleinismo. Teve grande contribuição na escola inglesa de psicanálise, bem como foi uma das criadoras da psicanálise de crianças.

apelo, ou seja, é o tom em que esse enunciado é dado e que irá valorizar de diferentes maneiras o enunciado pronunciado. É a tonalidade da fala que caracteriza o modo de expressar, demarcando uma interpelação. No nível do apelo algo responde, pois “o apelo toma o seu valor no interior do sistema já adquirido da linguagem”, viabilizando o nível da demanda.⁵⁶

Dessa forma, Lacan dirá que, no caso Dick, há um problema no nível do apelo, pois essa criança não o emite. Apesar de ela ter seu sistema de linguagem, o sistema se interrompe quando o sujeito vem se situar na linguagem que é aquele ao nível da palavra. Aqui ele faz uma diferença entre linguagem e palavra, aquela que é falada, dizendo que pode haver o sujeito, mas o mesmo pode não responder, apresentando uma “linguagem que não envolveu seu sistema imaginário”.⁵⁷ Nesse sentido, há um problema na junção da linguagem e do imaginário. Dessa falta de envolvimento da linguagem pelo imaginário é que resulta numa limitação na forma de expressão, na inflexão da voz que dá a tonalidade, chegando a uma indiferença em relação ao mundo exterior. Contudo, não há alteração na faculdade da comunicação, mas apenas no nível da expressão. Nesse caso, Lacan diz que o real e o imaginário são equivalentes. A essa perturbação no nível da linguagem com o imaginário, Lacan apontará que falta um simbólico operante no sentido de que não há o ato da palavra que diz de um funcionamento da linguagem coordenado a um sistema simbólico já estabelecido. Assim, é necessária uma estrutura fundamental simbólica para colocar o mundo em movimento em que se desenrolam os investimentos que vêm delimitar a variedade dos objetos humanos a partir da nomeação. E Lacan dirá que é essa estrutura fundamental que “humanizará o homem”, ou seja, a constituição do mundo exterior que é um mundo simbolizado, humanizado.

⁵⁶ LACAN, J. *A tópica do imaginário*, p. 102.

⁵⁷ LACAN, J. *A tópica do imaginário*, p. 102.

Na falta dessa articulação dos registros, mais especificamente no que concerne à dificuldade de o imaginário se introduzir nessa articulação, havendo uma redução ou empobrecimento nesse nível, podemos perceber perturbações que vão desde a verbalização reduzida, negativismo, empobrecimento da relação com os objetos, até o estado de autismo grave. Nesse empobrecimento do imaginário, Lacan dirá que “o ego não pode ser utilizado de forma válida como aparelho na estruturação desse mundo exterior”, e isso acontece pelo fato da má posição do sujeito no simbólico, levando o ego a não aparecer.⁵⁸

Portanto, percebemos que para o imaginário se sustentar e se articular em um campo da linguagem de forma estável, faz-se necessária uma operação simbólica na constituição da realidade psíquica, sendo esse assunto tratado no próximo item, uma vez que essa articulação se complica na psicose, como veremos no sub-item 1.7.

1.6 A ESTRUTURAÇÃO DA REALIDADE: UMA OPERAÇÃO SIMBÓLICA

Para que o imaginário envolva a linguagem, bem como para que haja a estruturação do mundo exterior, constituindo uma realidade, é necessário que haja uma operação simbólica inicial, bem como um posicionamento do sujeito em relação a ela. Nesse sentido é que o mecanismo da *Bejahung*, ou seja, a simbolização primordial, vem possibilitar essa estruturação. Para desenvolver melhor essa discussão, é importante retomar um texto deste *Seminário 1*, que é anterior ao texto sobre o qual nos debruçamos até então. Trata-se do seminário intitulado *Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud*. Esse seminário traz valiosas discussões sobre o

⁵⁸ LACAN, J. *A tópica do imaginário*, p. 106.

mecanismo de constituição da realidade externa, da apreensão dos objetos, a partir do mecanismo da *Verneinung* (denegação). Traz também algumas indicações sobre a diferença do mecanismo da esquizofrenia em relação à paranóia, cujo foco se faz na questão do imaginário e sua relação com o simbólico.

No seminário de 10 de fevereiro de 1954, Lacan convidou o filósofo Jean Hyppolite⁵⁹ a fazer um comentário sobre o texto de Freud de 1925, *A negativa* (*Verneinung*), uma vez que, segundo Lacan, nesse artigo, Freud retoma a relação entre o ego e a palavra verdadeira (o simbólico), para demonstrar nessa relação, permeada pela denegação, a existência do recalque. Extraíndo dessa discussão o processo da simbolização primordial atrelada à *Bejahung*, que se refere à fundação do inconsciente, Lacan reafirma que se trata de um momento de criação simbólica da negação em relação à afirmação simbólica, sendo um momento mítico e não genético. Diz isso no sentido daquilo que concerne à relação do sujeito com o ser, que é correlativa à ordem real, ou seja, do vivente, sendo anterior à entrada do sujeito na alienação significante. Dessa forma, não se refere ao sujeito em relação ao objeto e, por conseguinte, ao mundo exterior.⁶⁰

Conforme comenta Hyppolite, no texto de Freud há referência ao mecanismo da simbolização primordial, *Bejahung*, que é uma afirmação inaugural do simbólico, advindo daí a gênese do juízo ou do pensamento. O autor destaca os juízos de atribuição e de existência, estando o primeiro correlacionado ao mecanismo da afirmação (*Bejahung*), cuja função é traduzir uma oposição entre o bom e o mau. Por trás desse juízo, existe a situação do eu em apropriar ou expulsar algo (bom ou mau). Isso remete ao momento primordial da alienação do eu em que não havia nada de estranho a ele, mas é posteriormente que começa a criar um dentro e um fora. Esse processo acontece a

⁵⁹ Jean Hyppolite (1907-1968), filósofo francês hegeliano.

⁶⁰ LACAN, J. *Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a Verneinung de Freud*, p. 384.

partir da operação de expulsão (*Ausstossung*) que leva à distinção entre aquilo que é estranho ao eu e o que é do eu mesmo. Assim, o que é estranho ao eu está do lado de fora, levando em seguida a uma polarização entre a hostilidade e o amor (apropriado, ou alienado pelo eu como não estranho). Nessa operação primordial (*Ausstossung*) é que se fundará o juízo de atribuição, cuja função é expulsar ou introjetar algo.

Juntamente a esse momento de atribuição, haverá também o juízo de existência, trazendo, em sua origem, a relação da representação com a percepção, ou seja, aqui “trata-se de atribuir ao eu, ou melhor, ao sujeito, uma representação à qual seu objeto já não corresponde...”.⁶¹ O que está em questão aqui é o que Freud chama de prova (teste) da representação na realidade, podendo o sujeito dizer que algo existe na realidade. Entretanto, para Freud, essa prova está baseada na possibilidade de o sujeito reencontrar novamente o objeto dessa representação. Relembrando que a representação das coisas dá-se a partir da percepção primitiva que o sujeito teve delas, constituindo traços que são registrados, considerando que a coisa em si está perdida desde sempre. Aqui se trata da constituição do externo e do interno, do objetivo e do subjetivo, concernindo à realidade externa, psíquica, simbolizada, cuja prova de existência no exterior está para além do atributo de algo ser bom ou ruim ao ego, mas que esse algo exista também no exterior. Portanto, para que o juízo seja efetivo, é necessário que haja o “símbolo da negação” e, por conseguinte, a denegação, pois é ele que desempenhará o papel da potencialidade simbólica naquilo que possibilita a utilização e o funcionamento do inconsciente a partir da manutenção do recalque. Nessa perspectiva, Freud dirá que “o reconhecimento do inconsciente por parte do ego se exprime numa fórmula negativa”.⁶²

⁶¹ HYPOLITE, J. *Comentário falado sobre a “Verneinung” de Freud*, p. 899/900.

⁶² FREUD, S. *A negativa*, p. 300.

Essa discussão sobre a estruturação da realidade, do interno e do externo, foi necessária para entendermos melhor como é o processo da psicose em relação a essa realidade que é definida, nesse momento do ensino de Lacan, pelo simbólico. Essa discussão nos dará elementos para demonstrarmos como a não operação da simbolização primordial afeta a psicose, tal como observaremos no sub-item seguinte.

1.7 O QUE É ABOLIDO DO SIMBÓLICO RETORNA NO REAL: O MECANISMO DA PSICOSE

Em relação à *Bejahung*, Lacan apontará no texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1958), que a mesma se refere ao significante, ou seja, o significante Nome-do-Pai, sendo que o mecanismo da psicose, caracterizado pela *Verwerfung*, implica na ausência dessa *Bejahung* primordial. Nesse texto de 1958, Lacan já havia elaborado os conceitos de Falo, Metáfora Paterna, Nome-do-Pai e a Forclusão como o mecanismo da psicose, deduzido da concepção da *Verwerfung*. Ele formula que a forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro da linguagem é que confere à psicose sua condição essencial. Faz referência ao Nome-do-Pai como um significante fundamental que tem valor de “metáfora que coloca esse Nome em substituição ao lugar primeiramente simbolizado pela operação de ausência da mãe”, vindo assim barrar o desejo da mãe, produzindo uma nova significação, nomeada de significação fálica, que será orientada pela lei do pai simbólico, regulando a relação entre mãe e criança.⁶³

A inscrição do Nome-do-Pai no Outro da linguagem vai possibilitar a ordenação do campo simbólico. Segundo J.-A. Miller, “a função do Nome-do-Pai corresponde, no

⁶³ LACAN, J. *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*, p. 563.

escrito de Lacan, à necessidade de fazer pontos de basta na ordem simbólica [...] e, na medida em que opera a metáfora dita paterna, ele é o significante que detém o deslizamento da significação”.⁶⁴ Portanto, sem a instauração do Nome-do-Pai, o sujeito ficará à mercê de uma lei caprichosa, sem limites, que é a lei materna, permanecendo como objeto da mãe. Nesse caso, não há um consentimento do sujeito que rejeita esse significante fundante do sistema simbólico, ou seja, rejeita a simbolização primordial.

Retornando ao texto em que Lacan responde ao comentário de Hyppolite (1954), ele discorre sobre a simbolização primordial fazendo uma referência ao que acontece nesse nível pelo que foi excluído no primeiro tempo da simbolização. Nesse momento, ele diz que há uma espécie de interseção do simbólico e do real de forma imediata, pois não há a intermediação do imaginário. Contudo, mesmo assim, haverá uma mediatização do real e do simbólico, mesmo de forma “renegada”, pelo que foi excluído do primeiro tempo da simbolização, sendo uma mediatização pelo excluído, ou seja, pela *Verwerfung*, que é a rejeição de algo do simbólico ao nível da *Bejahung*.

Para demonstrar esse efeito a partir da rejeição, Lacan tomará a alucinação para dizer de que forma aquilo que é abolido do simbólico retorna no real. Diferenciando do mecanismo do recalque (*Verdrangung*), que não é uma rejeição ou “supressão” da castração, Lacan dirá que o processo de que se trata no caso da *Verwwerfung* (rejeição) situa-se em um determinado tempo referente à dialética da *Verneinung*, ou seja, “trata-se exatamente do que se opõe à *Bejahung* primária e constitui como tal aquilo que é expulso”.⁶⁵ Dessa forma, a *Verwerfung* corta qualquer manifestação da ordem simbólica que diz respeito ao processo primário (*Bejahung*) em que o juízo de atribuição se articula, “e que não é outra coisa senão a condição primordial para que, do real, alguma coisa venha se oferecer à revelação do ser [...], seja deixado-ser” nessa afirmação inaugural. Se essa afirmação simbólica é rejeitada, ou mais

⁶⁴ MILLER, J.-A. *Suplemento topológico a “Uma questão preliminar...”*, p. 124.

⁶⁵ LACAN, J. *Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud*, p. 389.

especificamente, se escolhe ir pelo caminho daquilo que não foi deixado ser nesta simbolização primordial, deixado ser representado pelo simbólico, remetendo a não querer saber nada da castração pelo simbólico, acontecerá que “o que não veio à luz do simbólico aparece no real”.⁶⁶

Em função de não ocorrer o processo da expulsão (*Ausstossung*) que se dá no primeiro momento da *Bejahung*, não haverá também uma separação do real a partir da simbolização. Segundo Lacan, é a *Ausstossung* que constitui o real em sua relação com o simbólico, pois o real é o que subsiste fora da simbolização. Ao suprimir a castração no sentido simbólico, ela vai aparecer no real de forma errática, tal como “uma pontuação sem texto”.⁶⁷ Em outras palavras, nesse caso, o real não espera de forma simbolizada o sujeito, mas ele será idêntico à sua própria existência, apresentando-se como um ruído que se pode ouvir sem o anteparo do princípio de realidade, onde o mundo interno e o mundo externo possam estar separados. Como dissemos anteriormente, é a expulsão primária (*Ausstossung*) que permite delimitar o real como externo ao sujeito. Em seguida, no momento do juízo de existência, é que haverá a discriminação da realidade como a possibilidade de o sujeito reencontrar o objeto perdido, apoderando-se disso que foi perdido, sem que isso fale por si só, pois serão traços do objeto silenciados pelo simbólico.

No caso do real como suprimido da simbolização primordial, ele estará presente de forma a falar sozinho e sem ser reconhecido pelo sujeito, pois é um retorno no real que é percebido como real e não como simbolizado. É nesse nível que se trata da alucinação. Lacan nos dirá que, no fenômeno da alucinação, há um sentimento de estranheza experimentado pelo sujeito, pois isso se apresenta no nível de um não reconhecimento do significado que chega até ele de forma abrupta e radical. Nesse sentido, a alucinação se diferencia do caso de esquecimento de um nome, pois aqui o sujeito deixa de dispor de um significante e, na

⁶⁶ LACAN, J. *Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud*, p. 390.

⁶⁷ LACAN, J. *Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud*, p. 390.

alucinação, é o significado que está em questão. Na alucinação ocorre “o eco imaginário que surge como resposta a um ponto da realidade que pertence ao limite onde ele foi suprimido do simbólico”.⁶⁸

O fenômeno da alucinação aponta-nos para a questão da percepção quando esta poderá ou não adquirir um caráter de realidade, sendo aí reconhecida. Lacan dirá que é a articulação simbólica que dará à percepção seu caráter de realidade. Como sabemos, é essa dimensão do simbólico que não opera na psicose, dando o sentimento de estranheza à apresentação da percepção que não é reconhecida, pois seu aparecimento no real deve-se ao fato de não existir para o sujeito, no que concerne à castração simbólica que a *Bejahung* permite. A alucinação indica que aquilo que não é reconhecido faz uma irrupção sob a forma de visto correlativa ao nível do imaginário enquanto tal, enquanto uma pura percepção, mas que não é o reconhecido simbolizado. Dessa forma, o que não existe propriamente é o que foi suprimido no nível da *Bejahung*, ou seja, a castração simbólica.

A discussão em torno do mecanismo geral da psicose é importante para entendermos o que é específico do funcionamento da linguagem na esquizofrenia. Desse mecanismo específico da psicose – a forclusão – percebemos de qual forma aquilo que é abolido do simbólico retorna no real como real mesmo, sem que seja esperado com o potencial de simbolização. Seguindo essa perspectiva, buscaremos no capítulo 2 entender como o funcionamento na esquizofrenia ocorre a partir do simbólico como real e seu correlato freudiano que é a palavra como coisa, bem como o que diferencia esse funcionamento em relação à paranóia.

⁶⁸ LACAN, J. *Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud*, p. 393.

2 ESPECIFICIDADE DA LINGUAGEM NA ESQUIZOFRENIA.

2.1 O SIMBÓLICO É REAL

Como visto no capítulo anterior, no ensino lacaniano de 1954, a delimitação do real pelo simbólico, separando-o do sujeito, advém do que acontece no primeiro momento da simbolização primordial (*Bejahung*), ou seja, da operação de expulsão (*Ausstossung*). Isso indica que a questão da existência está atrelada à demarcação de lugares vazios, demarcação de um fundo de ausência, de não existência, sendo o simbólico que possibilita essa demarcação que é correlata da castração simbólica. O movimento de existir, a partir de uma ausência, é o que caracteriza a ordem simbólica, pois “*é a hiância de um vazio que constitui o primeiro passo de todo o seu movimento dialético*”.⁶⁹ Essa questão da hiância dentro de um movimento simbolizado será um ponto de perturbação na esquizofrenia, conforme veremos abaixo.

Em um momento posterior do ensino de Lacan (1960), no texto *A posição do inconsciente*, ele atribui ao processo de delimitação do real pelo simbólico uma operação à qual nomeia de separação. Essa separação refere-se a uma lógica simbólica de operação, possibilitando ao sujeito lidar com a sua perda original. Nesse sentido, Miller (1981) dirá que é a operação de separação que permite ao sujeito restaurar sua perda original, restaurando sua esquizize realizada pela incidência do significante. Mas, nessa operação, o sujeito restaura sua esquizize, sua cisão original, a partir do simbólico com o qual ele se arranja e se protege agora. Aqui, “o sujeito se realiza na perda em que surgiu como inconsciente, mediante a falta que produz no Outro...”.⁷⁰ Anterior a essa operação, há o sujeito cindido pelo significante, pela linguagem, em que os significantes não estão

⁶⁹ LACAN, J. *Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud*, p. 394.

⁷⁰ LACAN, J. *Posição do inconsciente*, p. 857.

ordenados em um sistema, mas existem de forma dispersa. E, conforme diz Lacan, um “*enxame de significantes*”, de vários S1, sem haver uma articulação mínima do significante que possa dar uma armação simbólica para o sujeito em sua função de representação signifiante (um significante representa o sujeito para outro significante).

A discussão do texto de 1960 dá-nos elementos para perceber como uma falta de separação do real pelo simbólico coloca o sujeito à mercê da pura cisão da linguagem. Essa leitura possibilita-nos dizer que, no texto de 1954, é a hiância (fenda, abertura, borda) de um vazio que possibilita o início do movimento dialético da ordem simbólica, demarcando lugares. É nesse nível que Lacan parece situar a questão do esquizofrênico, dizendo que “é justamente isso que explica, ao que parece, a insistência do esquizofrênico em reiterar esse passo. Em vão, já que, para ele, todo o simbólico é real”.⁷¹ Essa discussão nos leva a pensar que não há a operação signifiante de separação do real, bem como a não operação da hiância realizada pelo simbólico que delimita o real fora do sujeito, jogando-o em um puro estado de cisão da linguagem sem o tratamento simbólico. Nesse momento de seu ensino (1954), Lacan correlaciona a separação do real com a operação da expulsão primária (*Ausstossung*), o que possibilitará o recalque primário. Aí está a condição para que o simbólico capture o real. No entanto, pelo que podemos ver, é o recalque primário que não ocorre na esquizofrenia e por isso ele tenta, insistentemente, fazer essa separação de forma concreta, realizada, e não simbolizada.

Esse contexto teórico coloca-nos uma questão, pois nos dá margem a pensar que há dois momentos distintos e separados no processo da simbolização primordial (*Bejahung*): atribuição/*Ausstossung* e existência/*Verneinung*. Fazendo aqui um forçamento de nosso raciocínio nessa direção, poderíamos dizer que a operação de

⁷¹ LACAN, J. *Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud*, p. 394.

expulsão (*Ausstossung*) não ocorre na esquizofrenia e, por isso, o real não está separado do sujeito que permanece num estado de pura cisão da linguagem. Já no caso da paranóia, haveria a possibilidade de essa operação de expulsão ocorrer, mas não o momento da denegação que fundaria o funcionamento do inconsciente contando com o simbólico a partir do mecanismo do recalque. Nesse caso, é o juízo de existência que estaria comprometido, levando aos delírios mais sistematizados. Porém, surge aqui um impasse nesse raciocínio, pois para que haja a *Bejahung*, é necessário que esses dois momentos se realizem, não sendo possível que haja apenas um deles, pois concernem a momentos lógicos. Mas, será que podemos dizer que Lacan estava colocando a esquizofrenia em relação a esse real não separado pelo simbólico, articulando-o a essa distinção de momentos na constituição da *Bejahung*? Esse ponto necessita de maior esclarecimento que não será possível realizar neste trabalho.

No momento do ensino, em 1954, percebemos que Lacan situa a esquizofrenia em relação ao imaginário no sentido de dizer que há uma falha da função imaginária que não é sustentada pelo simbólico. Nesse caso, o eu, que é considerado como uma função imaginária, se desestrutura e sai de cena. Isso indica que há um modo de interferência entre o simbólico e o real que não é recoberto pelo imaginário, bem como um funcionamento da linguagem que não conta com a potencialidade do simbólico para organizar o sistema de linguagem. Essa organização é possível a partir do elemento fundamental que faz funcionar o inconsciente: a denegação (*Verneinung*) e seu correspondente elaborado posteriormente por Lacan que é o Nome-do-Pai. Esse elemento permite que o sistema da linguagem funcione de uma forma em que o sujeito diz muito mais do que ele pensa dizer, manifestando os dois níveis da palavra no sujeito que fala, ou seja, o sujeito do consciente e o sujeito do inconsciente.⁷²

⁷² LACAN, J. *Introdução e resposta a uma exposição de Jean Hyppolite sobre a Verneinung de Freud*, p. 76.

Conforme apontado anteriormente, podemos dizer que o simbólico é real, na medida em que o imaginário não recobre ou faz corte no simbólico, havendo aí uma disjunção, deixando que a linguagem apareça em sua dimensão fragmentada e de pura alteridade (o sujeito é falado), sem que uma imagem unificada possa sustentá-la, porque o simbólico não estruturou o imaginário. Verificamos em várias passagens do Seminário 1, como Lacan refere-se à esquizofrenia a partir de uma “alteração na função do imaginário”, ou mesmo quando ele diz de “uma falha na função de síntese do eu”, porém considerando a teoria do eu a partir dos registros imaginário, real e simbólico, tal como comentado no capítulo anterior.

Contudo, não podemos nos esquecer que, para o imaginário se estabilizar, é necessária uma operação simbólica. A falta dessa operação é que indicará o mecanismo específico da psicose – a *Verwerfung* – seja a esquizofrenia ou a paranóia. Porém, observamos diferentes funcionamentos da linguagem na esquizofrenia e na paranóia, conforme faremos um breve comentário a seguir.

2.2 ESQUIZOFRENIA E PARANÓIA

É nesse momento (1954) que Lacan fará também uma diferença em relação à paranóia, pois, nesse caso, há uma preponderância do imaginário que invade toda a relação do paranóico com o mundo. Já no esquizofrênico há uma complicação no nível do imaginário que está impossibilitado de se sustentar, havendo uma constante fragmentação e despedaçamento do mesmo. Conforme diz Soler (1999), o esquizofrênico está aquém da alienação imaginária. Podemos fazer uma aproximação dos fenômenos esquizofrênicos com o momento inicial da fase do espelho, ou seja,

aquele momento em que, diante da impotência primitiva do ser, se dá uma unificação da imagem corporal a partir da visão da imagem corporal de seu semelhante, fixando uma forma – de acordo com os momentos lógicos do esquema do estágio do espelho visto no item 1.5 do capítulo anterior. É um momento em que há uma fusão com o outro semelhante que dá uma conformação ortopédica da imagem corporal, sem se configurar, ainda, a dimensão do eu que traz consigo a dimensão da alienação. Essa forma ortopédica da imagem não sustentada pelo simbólico poderá se dispersar a qualquer momento, tal como percebemos nas crises esquizofrênicas em que há uma pulverização da cadeia significante, manifestada no discurso desagregado e extravagante. Bem como, do ponto de vista libidinal, há uma satisfação libidinal auto-erótica ou, em termos lacanianos, um gozo colado ao corpo do esquizofrênico.

Na paranóia, é o mundo imaginário que prevalece sobre o simbólico, estabelecendo relações especulares de agressividade e rivalidade entre o amor e o ódio, cuja tônica está na alienação do eu que se guia por: ou você ou eu, havendo um campo simbólico engolido pelo imaginário. Segundo Lacan, “a paranóia, no que difere da esquizofrenia, está sempre em relação com a alienação imaginária do eu”.⁷³ Do ponto de vista do gozo, na vertente paranóica o mesmo se manifesta a partir de uma certa alteridade, localizado – não negativado – no lugar do Outro que é total. Na paranóia, sobressai o que se passa ao nível da relação ao Outro e ao sentido, já na esquizofrenia a característica está ao nível do corpo e da língua.⁷⁴

Verificamos no capítulo 1 que o fenômeno da alucinação indica que aquilo que foi abolido do simbólico retorna no real. Esse é um fenômeno que pode acontecer, tanto na paranóia quanto na esquizofrenia, pois se refere ao mecanismo específico da psicose que é a *Verwerfung* ou forclusão. Para além desse mecanismo geral da psicose,

⁷³ LACAN, J. *Introdução do grande Outro*, p. 311.

⁷⁴ ZENONI, A. *La mesure de la psychose – note sur la dite schizophrénie*, p. 02.

perguntamo-nos quais outros elementos poderão sustentar melhor o funcionamento mais específico da esquizofrenia. Nesse sentido, continuaremos a seguir a indicação de Lacan do simbólico como real, bem como a indicação de Freud de que no esquizofrênico há um processo peculiar de formação da linguagem, pois ele trata a palavra como coisa.

2.3 A PALAVRA COMO COISA

A expressão freudiana referente à “palavra como coisa” é uma das maneiras de caracterizar o funcionamento da linguagem na esquizofrenia. A vinheta clínica a seguir demonstra-nos esse funcionamento particular, e nos remete a diferenças importantes que concernem, por um lado, à perturbação no nível da linguagem, e, por outro, à perturbação de outras ordens no processo verbal ou de comunicação (neurológicas, outras alterações orgânicas).

J. tem, atualmente, 50 anos de idade, com o desencadeamento da psicose aos 16 anos, história de várias internações psiquiátricas de longa duração. Iniciou tratamento comigo em 1996. Esse paciente esquizofrênico, além de apresentar várias vivências de corpo despedaçado, demonstra também uma relação com a linguagem de forma bastante peculiar, tendo um procedimento para conviver melhor com as palavras que atingem diretamente o seu corpo. Tal como quando vê em seu cartão de consulta do Centro de Referência em Saúde Mental (CERSAM) que vem escrito o nome do Serviço que é: CERSAM Betim Central. Diante desse nome, ele solicita que modifique o “central” para outra palavra, pois “esse nome centraliza energia seca”. Ele sugere que o seu cartão seja nomeado por “Betim SUS Real”. O “Real” faz parte de sua tentativa de nomeação a qual ele insiste em dizer que ele é o “Rei Deus Vênus, Urano, etc.”. Outro dado que pediu para modificar no cartão foi o número de sua

matrícula, de 21270 para 1418. Comenta que o “70” seca, pois todas as palavras que começam com as letras C e S secam tudo no mundo. Se elas secam tudo no mundo, secam a ele também, pois é ele que sustenta o universo com um fio invisível que sai do seu umbigo e se liga aos planetas. Então, ele sustenta o universo com o seu corpo. Percebemos, com isso, como a linguagem o decompõe e, diante disso, como ele faz um uso bastante particularizado dela. Para ele, o nome Jesus Cristo não pode ser falado porque começa com a letra “J” e a letra “J” acompanhada pelo som “je ou ge”, “gela” o universo. Até o nome da medicação interfere nele, tal como o neuroléptico Levomepromazina que ele diz ser veneno, pois “Levo” quer dizer “lepra” e “mepromazina” quer dizer “arsênico”. Se tomar esse remédio, ele morrerá. Observamos aqui como que o significante poderá ser letal, sem mortificar a coisa para representá-la. Outra decomposição refere-se ao seu nome que viu escrito em seu prontuário que estava em cima da mesa. Pediu para acrescentar entre os dois sobrenomes o “de” (Souza “de” Melo), pois o “D” (o som *dê*) é de Deus e ele é o Rei Deus Vênus do Universo.

Dessa forma, esse paciente é decomposto pela linguagem e também a decompõe, fazendo arranjos instáveis com a mesma para conseguir viver de forma menos mortífera, porém faz isso de forma reiterada, sem descanso. Trata-se de uma linguagem carregada de satisfação pulsional, dispersa nos sons de algumas palavras que são índices daquilo que não foi separado pelo simbólico. Modo de satisfação que indica que a letra pronunciada não substitui ou separou-se do corpo, apresentado o modo de satisfação pulsional indicado por Freud como auto-erótico, sons ou ruídos afetando partes disjuntas do corpo. Esse caso demonstra que não é uma dificuldade de elaboração cognitiva ou do entendimento pelo reconhecimento do que foi aprendido no processo de aprendizado, bem como pela dificuldade de expressão verbal, devido a uma lesão cerebral. Pelo contrário, as faculdades intelectivas estão preservadas e o que ocorre é uma perturbação da incidência da linguagem na

constituição subjetiva, que, nesse caso, a linguagem não é habitada pelo sujeito e não serve para representar o sujeito via cadeia significante, mas sim para ameaçá-lo no ato da pronúncia que se transforma em ruído destrutivo. A palavra não serve para substituir, ela não mata a coisa, mas presentifica uma satisfação pulsional mortífera, conforme pudemos demonstrar que o som de “*ge* e *sê*” trazem um excesso pulsional que não foi barrado e localizado pela linguagem e ameaça destruir o sujeito, indicando que o simbólico não foi separado do real.

Esse fragmento clínico vem nos mostrar que a maneira particularizada de relação com a linguagem, e a perturbação que aí ocorre é diferente das perturbações da comunicação secundárias a um déficit intelectual, aos problemas neurológicos e orgânicos em geral, tal como Freud, desde o início de sua obra, buscou distinguir. Percebendo a importância da linguagem na constituição dos processos psíquicos, Freud elabora sua noção de representação para que a linguagem ganhe um lugar fundamental na constituição subjetiva. Nessa perspectiva, Freud parte da noção de representação como elemento dessa constituição, e elabora sua própria concepção em torno do aparelho psíquico e seus representantes psíquicos, ou seja, em torno da experiência subjetiva dos objetos, das palavras e suas significações. O caso clínico acima sugere-nos que a perturbação está no nível dos representantes psíquicos que se ordenam de forma diferente a partir da incidência da linguagem, tomando a palavra como coisa, tal como veremos a seguir.

A noção de representação para a psicanálise é diferente daquela empregada pela filosofia ou pela psicologia. Esse tema terá importância no seu desenvolvimento, pois, ao esclarecermos qual é seu mecanismo na constituição dos processos psíquicos, isso possibilitará entendermos melhor sua articulação na esquizofrenia. Lembrando aqui que Freud recorreu a essa psicose para demonstrar outros conceitos que vinha trabalhando, tal como o conceito de inconsciente, recalque, sonho, etc.

Um importante texto freudiano em que ele inicia uma discussão em torno da linguagem e da representação é o artigo sobre *A afasia* (1891). Nesse texto, ele aborda a questão do “aparelho da fala” e suas perturbações, considerando que esse aparelho está fundado na linguagem, e não reduzido apenas ao registro tópico-anatômico, circunscrito em áreas específicas do cérebro, como apontavam algumas teorias do campo neurológico daquela época. Nesse momento inicial dos escritos freudianos, o autor trava uma discussão com os neurologistas que tinham um ponto de vista de localização dos processos psíquicos em áreas do cérebro, cuja representação psíquica seria um efeito mecânico de uma estimulação nervosa das áreas motoras, e busca ir além disso, quando propõe seu modelo teórico para o aparelho de linguagem que está sustentado sobre a noção de representação da palavra. Assim, podemos dizer que Freud introduz uma concepção simbólica desse aparelho quando comenta: "a unidade da função da fala é a palavra, uma representação complexa que vem a ser uma combinação de elementos auditivos, visuais e cinestésicos, [...] havendo aí um complicado processo de associação" (FREUD [1891] 1915, p. 240).

Dessa forma, esse modelo proposto por Freud leva a concluir que “a palavra adquire seu significado ligando-se a uma representação do objeto” e não por meio de sua relação direta com o objeto, ou seja, através da vinculação da imagem acústica da representação da palavra e a imagem visual do objeto. O autor enfatiza a existência de uma relação de natureza simbólica entre representação da palavra e representação do objeto, e questiona a existência de uma relação entre o objeto e a representação do objeto. Podemos já ver se delinear, nesse momento, algumas indicações teóricas que influenciarão a construção de conceitos psicanalíticos a serem desenvolvidos posteriormente sobre a natureza dos processos psíquicos, bem como o aparelho psíquico, tal como é o caso da noção de representação de palavra que se transformará em um

conceito metapsicológico de capital importância, pois já indica a existência de uma essência simbólica e não uma relação de correspondência entre uma significação e um objeto no mundo exterior.

Outro texto pré-psicanalítico importante no desenvolvimento da concepção do aparelho psíquico e da noção de representação será a *Carta 52* (1896). Esse texto traz a idéia da formação dos mecanismos psíquicos em um esquema constituído de registros, camadas e traços (percepção, memória), desenvolvendo a idéia do psiquismo a partir da noção de aparelho de memória. A idéia de traço será um ponto de relevância nesse texto, pois Freud, referindo-se ao caminho feito pelos estímulos provenientes de fontes exógenas que atingem o aparelho psíquico, deixando nele uma impressão, dirá que isso terá como efeito permanente o traço, sendo este uma marca mnêmica da impressão, ou, mais especificamente, uma representação. Esses traços podem se ordenar nos vários registros ou sistemas do aparato psíquico, conforme o modo de funcionamento de cada um. Desse texto, podemos destacar a idéia do traço enquanto uma representação, pois, para Freud, ele não é a reprodução do estímulo externo ou uma imagem correspondente de um objeto externo no sentido de uma reprodução do mesmo. As inscrições dos traços vão estabelecer a memória a partir dos variados e diferentes caminhos traçados pelo fluxo de excitação, caracterizando assim o mecanismo inconsciente que será formado por traços que carregam uma memória, capazes de reter algo. Assim, Freud considera que, para se conhecer um objeto ou ter sua significação, não bastam só a percepção e a consciência, mas é preciso uma memória que retenha traços, sendo o inconsciente fundamental nesse processo. A introdução, nesse texto, da idéia do inconsciente enquanto memória, bem como a possibilidade de conscientização dessa memória através da representação de palavra, ajuda-nos a delinear a questão da representação e sua relação com o inconsciente.

Essa discussão sobre a importância da representação e os processos psíquicos será melhor desenvolvida posteriormente nos textos metapsicológicos de Freud (1915), *O recalque* e *O inconsciente*. É no texto *O recalque* que tal tema ganhará maior elaboração teórica, havendo um refinamento em torno da representação, pois será introduzido o termo representante-representação, estabelecendo aqui uma concepção teórica mais consistente e específica. Freud considera o recalque como sendo responsável pela clivagem do psiquismo em sistemas distintos – Pcs/Cs e Ics⁷⁵ - com estruturas e leis de funcionamento próprias a cada um deles. A noção de recalque trabalhada por Freud, nesse momento, será mais apurada, pois ele desdobra o mecanismo do recalque tanto como sendo responsável pela clivagem do aparelho psíquico em dois sistemas (Pcs/Cs e Ics), como também operando entre esses dois sistemas em sua função de fazer barreira aos efeitos do Ics.

A partir daí, Freud infere a existência do recalque primário (primeira fase) e do recalque propriamente dito (segunda fase). O recalque primário consiste em negar que o representante psíquico da pulsão tenha acesso ao consciente e isso leva a uma fixação, ou seja, uma ligação da pulsão ao representante pulsional. Isso quer dizer que o representante da pulsão (representante-representação) continua a existir apenas no registro inconsciente e o recalque só interfere na relação desse representante com o sistema Pcs/Cs. Dessa forma, o recalque primário que instaura a fixação da pulsão ao seu representante traz o estatuto de uma inscrição no psiquismo, demarcando algo que serve de captura de representações elementares inconscientes, mesmo antes da instauração do inconsciente enquanto sistema.

No texto *O inconsciente* (1915), Freud retoma a noção de representantes pulsionais, referindo-se a eles como o que constitui o núcleo do inconsciente. Esses

⁷⁵ Sistemas Pré-consciente/Consciente (Pcs/Cs) e sistema Inconsciente (Ics).

representantes estão organizados em princípios de funcionamento próprio ao inconsciente, tais como a simultaneidade, a não-contradição, a não existência de negação, a mobilidade do investimento das representações segue o processo primário (energia livre) e está ligado ao princípio do prazer. Nesse mesmo texto, Freud busca saber o que diferencia uma representação consciente de uma inconsciente. Ele aponta que a diferença está no fato de a representação consciente abranger “a representação da coisa mais a representação da palavra pertencente a ela, ao passo que a representação inconsciente é apenas a representação de coisa”.⁷⁶

Observamos que, nesse texto, Freud faz um desdobramento da representação do objeto citado no texto da *Afasia* em um complexo formado pela representação da coisa mais a representação de palavra.

Destacando dessa discussão de Freud o conceito de representante-representação (*Vorstellungsrepräsentanz*) e sua característica fundamental de fixação da pulsão ao seu representante, havendo, a partir daí, uma inscrição no psiquismo, ressaltamos que Lacan deteve-se nesse conceito, dando a ele um lugar de grande importância teórica, associando-o à sua própria elaboração do conceito de significante. No texto, *À memória de Ernest Jones: sobre sua teoria do simbolismo*, (1959), Lacan, referindo-se aos artigos freudianos sobre as pulsões e suas vicissitudes, o inconsciente e o recalque, faz uma explícita equivalência entre o significante e o representante-representação quando comenta: “é o significante que é recalcado, pois não há outro sentido a dar nesses textos à palavra *Vorstellungsrepräsentanz*”.⁷⁷

Trazendo essa discussão do representante-representação para o campo das idéias lacanianas, que tem toda uma elaboração própria sobre a linguagem e o significante – apesar de beber de fontes da teoria lingüística –, Lacan aponta no

⁷⁶ FREUD, S. *O inconsciente*, p. 230.

⁷⁷ LACAN, J. *À memória de Ernest Jones: sobre sua teoria do simbolismo*, p. 722.

Seminário 3 (1955-1956) uma falta de relação direta entre os objetos e os significados, pois

o sistema da linguagem, em qualquer ponto que vocês o apreendam, nunca se reduz a um indicador diretamente dirigido a um ponto da realidade, é toda a realidade que está abrangida pelo conjunto da rede da linguagem. (LACAN, 1955-1956, p. 43).

Dessa forma, essa concepção aponta para um sistema de linguagem que comporta uma falta de correspondência direta com a realidade externa, sendo necessário um elemento operante que permita uma sustentação da significação, estabelecendo uma ordem da linguagem em sua relação com o mundo externo. Desde o início de seus escritos, Freud já indica que o elemento que dará sustentação à representação, conferindo-lhe um valor de verdade, está na própria linguagem e não exterior a ela. Nos termos de Lacan, esse elemento estará na ordem do próprio significante, onde haverá um significante-mestre (S1) que ordenará todo o sistema de significantes, e, por conseguinte, o sistema de linguagem. Trata-se de um significante em posição de extimidade, que não significa nada, mas que ao ser retirado do “enxame de significantes”, organiza todo sistema. Esse “não significar nada” indica a sua dimensão de operador lógico, porém sem necessitar referir-se a nenhum sentido concreto. Ele opera no sentido de instituir um lugar vazio para garantir a significação.

Com isso, podemos dizer que Lacan equivale o representante-representação ao significante-mestre no sentido de que não há uma correspondência entre os objetos e os significados, mas há um elemento que fixa e inscreve algo para organizar o sistema de linguagem. Esse elemento que, para Freud, se refere ao representante-representação, é inconsciente, está fora do sistema Cs e por si só não significa nada. Porém, ele possibilita força, mobiliza a existência de vinculações, associações com outras representações (de palavra), conferindo-lhe uma significação com estatuto de verdade, mesmo sem haver o referente, ou seja, seu correspondente concreto no mundo externo.

Podemos dizer que diante da falta de referente, o representante-representação ou o significante-mestre fixa algo, e permite construir ficções com valor de verdade para determinada comunidade, havendo, assim, um “estatuto de referente”.

Retomando a discussão em relação ao mecanismo da psicose, conforme tratado no capítulo anterior, verificamos que há uma rejeição no nível da simbolização primordial (*Bejahung*), cujo desdobramento é uma alteração no nível da apreensão dos objetos e sua significação em relação ao mundo exterior. Assim, detendo-nos ao comentário de Freud em relação à representação de objeto e seus componentes (representação de palavra e representação de coisa), verificamos que no texto *O inconsciente*, (1915), o autor tomará a esquizofrenia para demonstrar como esse processo ocorre a partir da sua concepção de Inconsciente, pois ele observava que os casos patológicos revelavam, muitas vezes, uma notável independência e falta de suscetibilidade à influência do Inconsciente. Na parte VII – *Avaliação do inconsciente*, Freud comenta que situava esse tipo de caso a partir da posição dessa afecção relativa à antítese entre ego e libido.⁷⁸ Essa antítese caracteriza-se pelo processo de retirada da libido dos objetos e investimento da mesma no ego. Ou seja, as catexias objetais são abandonadas, ocorrendo um estado de narcisismo de ausência de objeto e um hiperinvestimento no próprio ego, levando a um repúdio crescente do mundo externo e chegando à característica marcante em sua forma mais evoluída, que é aquela de um quadro de completa apatia. Porém, o que mais chamou a atenção de Freud foram as modificações na fala dos esquizofrênicos, em que eles apresentavam uma maneira muito peculiar de se expressar, cujas construções das frases passavam por uma forma muito singular e original, tornando-se, muitas vezes, incompreensíveis para nós.

⁷⁸ FREUD, S. *O inconsciente*, p. 224.

Para ilustrar essa peculiaridade da linguagem no esquizofrênico, Freud recorre ao clássico exemplo do caso clínico que fora atendido por Victor Tausk⁷⁹, seu discípulo, cujo objetivo era demonstrar o funcionamento da linguagem e sua relação com o Inconsciente. Freud extrai, desse caso de esquizofrenia, alguns fragmentos. Era uma paciente que foi levada para atendimento após ter conflitos com o amante. Ela se queixava desse amante de forma injuriosa e relatou ao seu médico o seguinte: Queixou-se de que “seus olhos não estavam direitos, estavam tortos (*verdreht*)”. Diante disso, ela avaliou que devido ao amante ser hipócrita, enganador e simulador, tal como o sentido que essa expressão tem em alemão que é “(*Augenverdreher*) um entortador de olhos”, ele havia entortado os olhos dela e agora ela tinha olhos tortos. Outro comentário da paciente foi o seguinte: “*Ela estava de pé na igreja. De súbito sentiu um solavanco e teve de mudar de posição, como se alguém a estivesse pondo numa posição, como se ela estivesse sendo posta numa certa posição*”. Quanto a isso, a paciente fez uma avaliação delirante contra o amante, pois, por causa dele, que era vulgar, ela também se tornara vulgar. Ele a fez ficar igual a ele, pois “ele dera uma falsa impressão da posição dele; agora ela era igual a ele (por identificação), ele a pusera numa falsa posição”.⁸⁰

Nesse exemplo, Freud chama a atenção para o elemento que domina o encadeamento do pensamento dessa paciente que é a sensação ou impulso para agir, estando isso relacionado a uma sensação no corpo. Diferentemente da neurose histérica, que nessa situação teria reagido conversivamente, revirando os olhos “convulsivamente”, ou teria apresentado solavancos e estremecimentos no corpo, no caso do esquizofrênico há uma sensação ou impulso para agir de determinada forma, demonstrando isso na fala. A isso, Freud acrescenta que o mecanismo do recalque não funciona na esquizofrenia, uma vez que a paciente fala explicitamente sobre a causa e o

⁷⁹ Viktor Tausk (1879-1919), advogado, psiquiatra e psicanalista austríaco, discípulo de Freud, fez parte da primeira geração dos freudianos. (ROUDINESCO, PLON, 1998, p. 748)

⁸⁰ FREUD, S. *O inconsciente*, p. 226.

efeito de seus problemas, não demonstrando que algo permanece inconsciente, tal como no modo histérico de reagir. Nesse último caso, o sintoma da conversão demonstra que o motivo e o efeito da mesma estão separados, pois o motivo da conversão está recalcado, não podendo a histérica falar dele no discurso, mas sim no corpo. Trata-se, portanto, de uma relação de simbolização, cuja substituição daquilo que foi recalcado apresenta-se de forma distorcida do seu verdadeiro motivo.

Essa relação com a linguagem remete-nos ao comentário de Lacan referente à dialética intersubjetiva⁸¹ da estrutura neurótica em que o sujeito mantém um laço com o Outro simbólico a partir do mecanismo do recalque e, por isso, ele recebe sua própria mensagem que lhe vem do Outro sob uma forma invertida. Isso quer dizer que a relação com o Inconsciente nunca é direta, havendo um desconhecimento do mesmo, mas, ao mesmo tempo, um reconhecimento no qual o sujeito sanciona aquilo que advém daí. Ao contrário da neurose, na psicose essa relação com o Outro simbólico não é sancionada pelo sujeito que sofre dos efeitos que daí advém, de forma estranha, e não reconhecida, cuja linguagem se apresenta de forma invasiva, em que o sujeito é habitado, falado por ela.

Mesmo que esses exemplos venham demonstrar uma “fala hipocondríaca ou fala de órgão”, Freud comentará que eles apontam para outra coisa que lhe parece ser mais importante que é o processo de formação das palavras esquizofrênicas. A isso ele apresenta a seguinte fórmula: "na esquizofrenia as palavras estão sujeitas a um processo [...] que chamamos de processo psíquico primário. Passam por uma condensação, e por meio do deslocamento transferem integralmente suas catexias de umas para as outras" (FREUD, 1915, p. 227).

⁸¹ Lacan faz uma discussão da dialética intersubjetiva referente à relação do sujeito com o Outro simbólico e a alienação imaginária a partir do seu esquema L introduzido no Seminário II (1955). Trabalha nesse esquema a relação do sujeito do enunciado (eu) com o sujeito da enunciação (inconsciente), apontando que o sujeito diz muito mais do que pensa, ou o sujeito não sabe o que diz. (LACAN, 1955, p. 296-311).

Refere-se a esse processo como aquele que trata as palavras como coisas, advindo, daí, o caráter de estranheza a esse tipo de formação, tal como podemos observar nos neologismos ou expressões muito peculiares. A esse processo, Freud dirá que a orientação dele está na uniformidade das palavras empregadas, na assonância das mesmas, e não na semelhança ou correlação entre as coisas denotadas, onde palavras e coisas não coincidem. Seguindo com Lacan (1956), podemos dizer que, na relação com a linguagem, numa dimensão da comunicação, mais especificamente no eixo entre o sujeito e o Outro simbólico, há aí uma suspensão nesse nível, que é de onde pode advir a significação, prevalecendo a relação imaginária não regulada pelo simbólico.

Nesses momentos de ruptura com o Outro é que surgem os fenômenos dos neologismos, das frases interrompidas, os ritornelos, as falas estereotipadas, trazendo o caráter de esvaziamento do sentido, sendo apenas uma “forma que a significação toma quando não remete mais a nada”.⁸² Em relação ao neologismo, Lacan aponta que nele podemos perceber dois fenômenos que englobam a intuição delirante e a forma. O primeiro é um fenômeno pleno que tem um caráter inundante e enigmático para o sujeito. Já a forma é aquilo que se repete no puro significante, vazio e sem carregar o caráter enigmático, apresentando-se, apenas reiteradamente, bem como de maneira estereotipada. Podemos observar esse fenômeno da Forma na seguinte fala de um paciente esquizofrênico. Esse jovem, no meio de seu discurso, apresenta um sorriso e faz o seguinte comentário: “como 2 mais 2 são 5 e 4 mais 4 são 8, a vida tem suas prorrelidades”. Quando o indago sobre sua fala, ele a repete do mesmo jeito e diz: “é isso mesmo que eu falei”, e prossegue dizendo outros assuntos, sem que isso lhe faça qualquer enigma.

Podemos fazer uma aproximação dos fenômenos da esquizofrenia com o que acontece no nível de uma ruptura ou suspensão em relação ao Outro simbólico, sendo

⁸² LACAN, J. *Introdução à questão das psicoses*, p. 44.

nesse momento que percebemos as variadas alterações da linguagem tão características das crises esquizofrênicas. Fenômenos que podemos situar muito mais próximos aos neologismos na vertente da forma vazia, ou seja, sem carregar o caráter enigmático, o que é mais freqüente nos paranóicos. É aqui que podemos situar também o caráter irônico, tão específico do esquizofrênico, assunto que será retomado no sub-item abaixo. Conforme diz Pierre Naveau (2004), referindo-se às frases partidas ou interrompidas, “O tom irônico da frase partida vem, com efeito, do que ela provoca, no interior mesmo do diálogo, a ruptura da relação ao Outro, como se, no movimento da dialética da frase, o laço entre as palavras, [...] tivesse se tornado uma derrisão” (NAVEAU, 2004, p. 63).⁸³

Dentro das alterações da linguagem, percebemos que, nos esquizofrênicos, é muito comum a formação de neologismos, ou seja, formas verbais que trazem um caráter de irreduzibilidade e estagnação do significante que não remete a nada, a nenhuma significação *a priori*, tal como ilustra uma paciente que diz que várias palavras lhe chegam sem ela saber o que significam, exemplificando: *salva, saca belô, maramanco, peito de pombo, lamonha, Vera, tangerina*. Essas palavras sempre surgem de forma reiterada e ela comenta: “*tenho as palavras, mas não tenho o significado delas*”. Essa é uma forma bem peculiar de funcionamento da linguagem em que o significante fica solto, sem se atrelar a outro que possa se sustentar numa significação.

Retornando ao tema da representação para pensar o que ocorre na esquizofrenia, sabemos que a representação consciente abrange a representação da coisa mais a representação da palavra que corresponde a ela, ao passo que a representação inconsciente abrange apenas a representação da coisa (catexias da imagem da coisa dos objetos). Na neurose, o recalque incide, não permitindo que haja uma ligação da

⁸³ Tradução livre de: “Le ton ironique de la phrase brisée vient, en effet, de ce qu’elle provoque, au coeur même du dialogue, la rupture du rapport à l’Autre, comme si, dans le mouvement de la dialectique de la phrase, le lien entre les mots, [...], était tourné en dérision” (NAVEAU, 2004, p. 63).

representação de palavra com a representação da coisa, que permanece, assim, inconsciente.

Considerando essa concepção, Freud dirá que o mecanismo, na esquizofrenia, será outro, pois, nesse caso, ele consiste na retirada da catexia pulsional da representação inconsciente do objeto, ou seja, a representação de coisa, e de um hiperinvestimento na parte do objeto que pertence ao Pcs, sendo esta a representação de palavra. Esse investimento ocorrerá porque, segundo Freud, a catexia da representação de palavra não faz parte do processo de recalçamento, uma vez que isso ocorre com a representação de coisa que faz parte do núcleo do inconsciente. Se o processo de recalçamento não funciona na esquizofrenia, deparamo-nos com outro tipo de processo defensivo, que traz sua radicalidade, por privilegiar o registro em que há representação de palavras (Pcs) funcionando conjuntamente com o mecanismo típico do inconsciente que é o processo primário. Nesse caso, temos o desenrolar do investimento da representação de palavra, comandado pelo processo primário, ou seja, pelo princípio de prazer. Dentro dessa perspectiva, as alterações de linguagem da esquizofrenia levam a concluir que o investimento na representação de coisa fica perdido, havendo o investimento na representação de palavra, porém submetida às leis do processo primário.

A esse funcionamento da esquizofrenia, Freud pontuará que se trata de uma das primeiras tentativas de recuperação ou cura, ou seja, a tentativa de recuperar o objeto perdido numa vertente que “conduz ao objeto através de sua parte verbal, vendo-se então obrigadas a se contentar com as palavras em vez de coisas”.⁸⁴ Outra tentativa de restituição do objeto perdido é apontada por Freud a partir da fase alucinatória do esquizofrênico, pois, nesse momento há uma tentativa de restaurar uma catexia libidinal às idéias do objeto.⁸⁵

⁸⁴ FREUD, S. *O inconsciente*, p. 232.

⁸⁵ FREUD, S. *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos*, p. 262.

Continuando em sua diferenciação do processo da esquizofrenia em relação a outros processos da vida psíquica, Freud tomará o processo onírico para esclarecer as diferenças. No artigo *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos* ([1915] 1917), Freud deixará claro que, na esquizofrenia, o que é modificável pelo processo primário são as palavras que são expressas pelo pensamento pré-consciente. Já nos sonhos, a modificação está no nível da representação da coisa à qual as palavras foram levadas de volta. Outra diferença diz respeito à regressão tópica que existe nos sonhos, mas não na esquizofrenia, pois, nos sonhos, há uma livre comunicação entre catexias da palavra e catexias da coisa, mas na esquizofrenia essa comunicação é interrompida.

Conforme comentado anteriormente, o sistema da linguagem ganha uma certa estabilidade a partir de um representante-representação que dará sustentação à representação, aos processos psíquicos, ou, como diz Lacan, a partir de um significante mestre (*S1*), que, numa posição de extimidade, ordenará o sistema de significantes, sendo um operador que institui um lugar vazio para garantir a significação. Diante disso, podemos dizer que o modo de funcionamento da esquizofrenia aponta para uma dificuldade da sustentação dos representantes psíquicos de forma ordenada, pois o representante-representação não se sustenta em sua função de amarração com a realidade. No dizer lacaniano, não há extração do significante-mestre (*S1*) do enxame de significantes, permanecendo os mesmos em estado de dispersão e pulverização em vários *S1*, cujo movimento segue a lógica do puro deslizamento metonímico que não se amarra a uma significação. Ou seja, prevalece o nível do significante na sua dimensão verbal ou da assonância, havendo uma ruptura com o significado. Como indicado anteriormente, no nível da dialética da comunicação intersubjetiva há uma ruptura no eixo daquilo que se diz em relação ao que se quer dizer, pois a mensagem não chega de forma invertida. O eixo do sujeito do inconsciente, aquele do dizer ou da enunciação,

não está articulado de forma indireta ao eixo consciente daquele que fala, ou seja, o eixo do dito ou do enunciado. Diante da complicação na conjunção dessas dimensões, o sujeito psicótico não reconhece o que advém do simbólico que passa a se apresentar como algo estranho. Se isso que é estranho apresenta-se como externo ao sujeito, localizado fora dele, podemos dizer que, nesse caso, estaremos na vertente paranóica da psicose. Já na vertente esquizofrênica, o que é estranho tem como palco de invasão o próprio corpo do sujeito.

Recapitulando o que foi elaborado até aqui, podemos dizer que nos textos lacanianos que percorremos e que se referem ao momento estruturalista de seu ensino, cuja vertente da linguagem é a produção de sentido e o sujeito como efeito de uma articulação significante, percebemos indícios do funcionamento mais específico da linguagem na esquizofrenia, a partir de elementos concernentes à dimensão imaginária que não foi sustentada pelo simbólico. Assim, podemos verificar, no momento do *Seminário I* (1953-1954), que Lacan refere-se à esquizofrenia a partir de uma alteração na função imaginária, chegando a se referir a isso como falhas nessa função. Essa alteração levaria ao que ele chama de um “eu caótico”, uma vez que o eu é uma função imaginária. Função essa que se diferencia das concepções da Psicologia do Eu, uma vez que Lacan coloca que há uma discordância nesse registro, e não uma harmonia que levaria a um ideal adaptativo. Com isso, podemos dizer que esse “eu caótico”, correlativo do imaginário esfacelado e que dá margem às vivências de corpo despedaçado, fragmentação da cadeia significante observada na desagregação do pensamento, neologismos, estereotípias verbais, etc., aponta para o momento inicial de organização desse registro, que é o estágio do espelho. No contexto desse estágio, podemos situar os fenômenos da esquizofrenia no momento anterior à alienação na imagem do outro (agressividade narcísica). Seria o momento em que a imagem especular

que propicia uma forma ortopédica organiza as pulsões nessa forma. Ou então, conforme indica Freud, seria o momento mais próximo do auto-erotismo, aquele em que há uma dispersão da pulsão que se localiza de forma desordenada em partes fragmentadas do corpo.

Nesse momento de seu ensino (1954), Lacan diz do simbólico como real, e a partir de alguns elementos apontados, podemos verificar que, nesse caso, a linguagem não é revestida pelo imaginário no sentido de capturar e fixar uma imagem à qual possa fazer um apelo. A partir disso, talvez possamos dizer que o simbólico é real, no sentido de tomar as coisas como no início do estágio do espelho, em que a criança toma o outro como a si própria em sua concretude real, mas não alienada nessa imagem de forma rivalizada. Não podemos esquecer-nos de que, apesar de Lacan apontar para uma falha na função imaginária, isso acontece devido a uma falta no campo simbólico, que posteriormente será elaborado como forclusão do Nome-do-Pai (1958), propiciando uma disjunção do imaginário em relação ao simbólico.⁸⁶

Para além dessa concepção que situa os fenômenos esquizofrênicos no nível de falha na função imaginária, referimos também a psicose em relação ao Outro simbólico, tal como sustentado no *Seminário 3* (1955-1956), cuja “dialética” (ou não dialética) intersubjetiva dá-se numa relação direta entre o sujeito e o simbólico que se apresenta de forma estranha e invasiva. Dessa forma, há uma relação direta entre o sujeito do enunciado (dito) e o sujeito da enunciação (dizer – inconsciente). No caso mais específico da esquizofrenia, podemos dizer que há uma suspensão do eixo inconsciente, que é a enunciação, ocorrendo, nesses momentos, as falas estranhas e bizarras dos esquizofrênicos, tal como tratado por Freud em termos de tomar a palavra

⁸⁶ Essa disjunção dos registros imaginário e simbólico faz-nos pensar no momento do último ensino de Lacan, no momento topológico, no qual a esquizofrenia poderia ser pensada a partir do registro do imaginário que se solta dos outros registros, tal como a vivência que Joyce teve diante da surra que levou de seus colegas, mas não sentiu nenhuma dor, pois foi como se seu corpo tivesse se soltado dele mesmo.

como coisa, não metaforizada, mas seguindo o rumo da pura metonímia. Há uma prevalência da vertente do dito que se apresenta sem o dizer operar, ou seja, sem o eixo do inconsciente funcionar. Portanto, metáfora e metonímia não se articulam de forma a ter um efeito de sentido que serve à comunicação.

Essa forma de funcionamento que apresenta o dito (enunciado) sem a dimensão inconsciente operando, aponta para uma estreita relação com o real⁸⁷ do gozo (o sem sentido da linguagem), remetendo-nos a outro momento do ensino de Lacan (1972), em que ele especifica o esquizofrênico a partir de sua exterioridade em relação ao discurso naquilo que concerne à dimensão simbólica. Nesse momento de seu ensino, ele já demonstra que a noção estruturalista, bem como o que ela traz de efeitos de sentido, já não é tão suficiente para dar conta do que a clínica apresentava. Lacan desenvolve, então, uma concepção da linguagem numa íntima articulação com o gozo, apresentando uma vertente que considera os efeitos de não-sentido, cujo simbólico perde seu lugar de primazia, traçando um caminho que coloca o real no foco das elaborações.

2.4 O DITO ESQUIZOFRÊNICO SEM A AJUDA DE NENHUM DISCURSO...

Fazendo um salto no ensino de Lacan, para além da discussão em torno da primazia do simbólico, a partir de 1969 há uma virada em seu ensino em relação à concepção da linguagem, tal como é demonstrado a partir do *Seminário 17*. É o

⁸⁷ A partir da década de 70 o ensino de Lacan privilegia cada vez mais as elaborações em torno do Real que será abordado numa perspectiva para além do domínio do Simbólico. Será o momento da topologia em que os três registros são conectados sem a primazia de um deles para fazer essa amarração. Trata-se do real que concerne ao gozo, ordenado a partir do fora de sentido. Conforme diz Miller (2003, p. 103), trata-se de um Real que é prévio ao que a estrutura possa dar sentido e que por ele mesmo não pode ser definido. Por isso ele é pensado como fora do sentido, mas correlacionado a uma construção, a uma elucubração de saber. O Real nesse momento é claramente diferente da realidade psíquica, e como diz Lacan (1974: 22), “o real não é o mundo. Não há esperança alguma de atingir o real pela representação. [...] O real, ao mesmo tempo, não é universal...”. Portanto, é um real correlativo a contingência, daquilo que não faz um todo, que sempre faz corte, dissipação, e por isso é ausência absoluta de sentido.

momento de formulação da teoria dos discursos, e a virada de seu ensino é decorrente da noção de linguagem que passa a ser vista não só como mortificadora de gozo, mas também como produtora de gozo. Se nas formulações estruturalistas é o significante Nome-do-Pai como o representante da lei simbólica que normaliza o sujeito no campo da linguagem, em um momento posterior de sua teoria, Lacan se deparou com a necessidade de ir mais-além do pai da estrutura edipiana. Ele observou que, na transmissão do significante Nome-do-Pai, havia uma falha, pois algo escapava ou não passava por esse significante ordenador da estrutura simbólica do sujeito. Nessa perspectiva, haverá sempre um resíduo que escapa à linguagem, permanecendo fora dela, mas ao mesmo tempo atrelado a ela, circulando na linguagem, de forma estruturada.

Considerando a estruturação do sujeito no mundo a partir das leis da linguagem, Lacan faz uma discussão sobre a teoria do discurso em seu ensino de 1969-1970, cujo momento é de elaboração do mais-além do Édipo, equivalendo o discurso à sua concepção de laço social. É importante lembrar que, ao longo de sua obra, o autor já havia referido por várias vezes à idéia de discurso, mas é nesse momento que ele chega a dar uma maior formulação a esse conceito, estabelecendo, a partir de então, que há uma relação próxima entre o campo do saber e o gozo, chegando a afirmar que é a partir do registro do simbólico que surge a ordem do real como impossível, pois o significante produz o gozo, ou seja, institui uma relação com o real. Portanto, na vertente teórica sobre os discursos, Lacan está no momento de articulação íntima entre o significante e o gozo, ou seja, o que mortifica e também produz gozo.

A categoria do discurso permite dizer de uma forma de estruturação da relação do sujeito em seu encontro com o campo do Outro simbólico, o Outro do saber, e os efeitos que tem sobre ele esse encontro. Lacan refere-se ao discurso como sendo um

campo definido, um campo já estruturado de um saber, fundado sobre a linguagem, composto de significantes que integram uma rede desse saber.⁸⁸

No *Seminário 20* (1972/1973), Lacan retoma a idéia do discurso para dizer que ele deve ser tomado “como liame social, fundado sobre a linguagem”. Diz de um liame, ou seja, um laço, no sentido de apontar uma rede articulada de significantes, uma vez que “um significante como tal não se refere a nada, a não ser que se refira a um discurso, quer dizer, a um modo de funcionamento, a uma utilização da linguagem como liame. [...] um liame entre aqueles que falam” (LACAN, 1972-73, p. 43).

Nesse mesmo texto, prossegue dizendo que tudo que diz respeito à relação entre os seres humanos, que se caracteriza como coletividade, há algo que sempre escapa nesse encontro, introduzindo, mais uma vez, a dimensão do real, ou seja, a relação sexual como impossível. Porém, aponta uma possibilidade para ordenar essa relação, que é o discurso. Ele diz:

que essa relação, essa relação sexual, na medida em que a coisa não vai, ela vai assim mesmo – graças a um certo número de convenções, de interdições, de inibições, que são efeitos da linguagem e só se devem tomar como deste estofo e deste registro. (LACAN, 1972-73, p. 46)

Essa discussão dos discursos faz referência a construir algo sobre uma falta, sobre aquilo em que não há relação sexual, pois a própria linguagem já aponta para alguma coisa que resta de não assimilável na cadeia significante. Trata-se nesse contexto de uma ordenação do modo de funcionamento da linguagem a partir de uma operação simbólica que demarca uma perda, mas, ao mesmo tempo, possibilita construir uma aparelhagem sobre essa falha, sendo o discurso essa aparelhagem simbólica. Nesse sentido, conforme pontua Miller, os discursos não passam de defesas contra o real, sendo uma defesa pela via do simbólico.⁸⁹ Isso nos leva a pensar que o estabelecimento do discurso, ou seja, do laço social com a linguagem, só é possível se houver a

⁸⁸ LACAN, J. *A produção dos quatro discursos*, p. 11.

⁸⁹ MILLER, J.-A. *Clínica irônica*, p. 190-191.

subjetivação de uma perda, havendo, com isso, uma barreira de acesso ao gozo por via do simbólico.

O *Seminário 20* demarca, também, uma inversão em relação ao conceito de linguagem. Conforme diz Miller, nesse Seminário a inversão está no fato da linguagem ser considerada

como um conceito derivado, e não originário, em relação à invenção lacaniana de *lalíngua*, que é a fala antes de seu ordenamento gramatical e lexicográfico. Trata-se, certamente também, do questionamento do conceito da palavra, concebida, agora, não como comunicação, mas como gozo. [...] O que Lacan chama de *lalíngua*, é a palavra entanto disjunta da estrutura de linguagem, que aparece como derivada em relação a este exercício primeiro e separado da comunicação. (MILLER, 1999: 101)

A formalização desse conceito permite situar a linguagem para além da sua função de comunicação, havendo uma aliança originária entre o gozo e a linguagem que engloba a palavra (comunicação) e *lalíngua*.⁹⁰ Essa noção de linguagem possibilita-nos pensar a relação do esquizofrênico na vertente daquilo que não serve para a comunicação, para além do sentido, exemplificando a prevalência do dito que vai sem uma função de endereçamento via sentido. É o eixo do enunciado que está mais próximo de *lalíngua*, da palavra como gozo, do que da comunicação.

É dentro desse contexto teórico que Lacan aponta no texto *O aturdido* (1972) a relação do esquizofrênico com a linguagem, a partir de sua exterioridade em relação ao discurso. Tentar situar a questão do esquizofrênico em relação ao discurso nos remete ao comentário de Miller (1981) sobre esse texto de Lacan, dizendo que, se há alguma possibilidade de dar consistência a uma "teoria da esquizofrenia", em Lacan, deve-se considerar o estatuto do corpo e do organismo em relação ao discurso. Dessa forma, uma das referências para situar a esquizofrenia em Lacan seria o discurso como laço social.

No texto acima, Lacan comenta que é a partir da linguagem que o ser humano cria uma função para seu corpo, uma função simbólica, na medida em que o ser falante

⁹⁰ LACAN, J. *O rato no labirinto*, p. 188-189.

habita essa linguagem, articulando aí uma relação com o real. Podemos dizer que essa função simbólica é equivalente ao discurso, pois ele possibilita criar lugares simbólicos nos quais o ser falante poderá habitar de forma estável, sem precisar criar a todo instante essa função. É justamente essa relação que se complica no esquizofrênico, e conforme diz Lacan, essa é a “[...] coisa pela qual se especifica o dito esquizofrênico ao ser apanhado sem a ajuda de nenhum discurso estabelecido”.⁹¹

Após essa elaboração de Lacan (1972), e considerando a linguagem a partir do ponto de vista da dimensão do real e não somente do simbólico concernido à norma edipiana, Miller (1996) reafirma que o esquizofrênico é “o sujeito que se especifica por não ser apreendido em nenhum discurso, em nenhum laço social”, uma vez que ele não se defende do real por meio do simbólico. Nesse momento Miller diz que o esquizofrênico não se defende do real pela linguagem porque, para ele, o simbólico é real, recorrendo, aqui, ao enunciado de Lacan de 1954, referente ao simbólico como real. Porém, ele atualiza esse enunciado em um contexto cuja concepção da linguagem ganha outro estatuto a partir de sua íntima articulação com a vertente do real (vertente do sem sentido), para além da normalização edipiana.

Nessa perspectiva, Miller pontua que a linguagem traz, em seu cerne, um caráter irônico, pois a mesma comporta uma base delirante, ou seja, uma construção artificial. Para a psicanálise, a linguagem tem um fundamento irônico, na medida em que ela tem um efeito de decomposição e desrealização progressiva sobre as coisas que ela tenta se referir. Nesse sentido, a dimensão irônica da linguagem encontra-se no fato de ela não ser um bom aparelho para referir, uma vez que não há uma relação de co-naturalidade entre a palavra e o objeto referido, entre a palavra e o significado conotado, entre a palavra e a coisa, conforme já dizia Lacan no *Seminário* de 1955-1956, já citado. E Miller prossegue dizendo que, se não há correspondência biunívoca entre a palavra e a coisa, é porque a palavra não representa a coisa,

⁹¹ LACAN, J. *O aturdo*, p. 475.

mas sim que há uma articulação significativa. Se “o significante não tem relação com a coisa, mas com um outro significante [...] implica que o significante tem uma função irrealizante. O significante irrealiza o mundo”.⁹²

Se, por um lado, a linguagem tem esse efeito irrealizante, por outro, ela necessita de um princípio que possa dar unidade e consistência a ela, sendo o significante Nome-do-Pai um dos princípios que cumpre essa função a partir do simbólico. Nesse contexto, o discurso seria uma construção simbólica sobre uma falta, um arranjo onde subjaz um vazio, dando uma aparência de unidade e possibilitando que o referente se articule aí. Dessa forma, o discurso seria um semblante, uma ficção, um artifício que funciona permitindo um pouco de realidade forjada pelo simbólico e pelo imaginário, sendo uma defesa contra a ironia, ou seja, contra a desrealização causada pela linguagem. Por outro lado, conforme afirma Miller (1996), o esquizofrênico vem denunciar essa relação de aparência, exemplificando uma ironia infernal em sua relação com a linguagem, interrogando constantemente seu referente (construção artificial), o que o leva à dificuldade de se prender a algum laço social que o discurso permite forjar.

Conforme explicitada por Maleval (1996), a ironia, que é tão característica de grande parte dos esquizofrênicos, deve ser entendida numa acepção mais ampla do termo da qual nos fala Miller (1996), ou seja, aquela concernente à decomposição da linguagem, seja no sentido lexical, seja no sentido do contexto em que é falado, etc. E Maleval comenta que essa ironia do esquizofrênico deve-se ao modo de o simbólico se apresentar como real, não separado dele, ou seja, o simbólico não toca o real de forma a representá-lo (o significante que é o representante-representação). Diferentemente do neurótico, que se serve do simbólico como semblante, em que o significante representa um pouco do real, cujo “simbólico se separa do real”, e que a palavra cumpre em certa medida sua função de assassinato da coisa.⁹³

⁹² MILLER, J.-A. *Clínica irônica*, p. 193.

⁹³ MILLER, J.-A. *Clínica irônica*, p. 192.

A essa ironia, no sentido mais amplo da decomposição da linguagem, seja no sentido do desinvestimento na linguagem e um retorno desse investimento no corpo, ou numa postura de constante interrogação, bem como no tom de zombaria e bizarrice que se apresenta, observamos que a relação da linguagem de alguns esquizofrênicos tem como efeito o desnudamento do saber do Outro simbólico e também uma destituição daquilo que poderia visar ao próprio sujeito. É como se carregasse uma certa indiferença em relação ao afeto que envolve os significantes, no sentido de provocar algum enigma e ser capturado aí. Observamos esse modo de funcionamento da linguagem a partir do exemplo da vinheta clínica abaixo.

C., 35 anos de idade, apresentou mudança de comportamento aos 13 anos de idade, após a morte da mãe. Iniciou tratamento psiquiátrico aos 19 anos de idade, e, no CERSAM de Betim, aos 26 anos. Acompanho o paciente há dois anos. Ele se queixa de sentir um “vazio” intenso e por isso precisa ter uma “ocupação” para ter a sensação de estar cheio, satisfeito. Visando a preencher esse vazio é que ele iniciou uma série de rituais nomeados por alguns psiquiatras de rituais obsessivos. Em busca dessa “ocupação”, uma das saídas para aplacar sua angústia terrificante é escrever todas as placas de carros e motos que vê na rua, bem como palavras do dicionário ou de livros. Em seguida decompor e desenhar essas palavras e números de forma diferente, duplicando, triplicando as consoantes, sem mexer nas vogais. Faz dessa forma porque as consoantes não ressoam se aumentá-las dentro da palavra, ao contrário das vogais que ressoam e isso lhe chega como alterando o som da palavra. Quer desenhar as letras, bem como aumentar as consoantes para dificultar o sentido da palavra que tem que ser descoberto por aqueles que lerem seu escrito. Porém, a sua escrita transforma-se em um desenho incompreensível para quem o vê. Esse “ritual” que ele nomeia de “mania” não é suficiente para amenizar o mal-estar desse vazio que se apresenta, e com isso ele passa para outras “manias” que interferem diretamente em seu corpo. Nesse caso, percebemos que a

linguagem decomposta e reescrita não é suficiente para tratar seu gozo que acaba retornando diretamente em seu corpo, de forma complicada. Esse ponto do corpo no esquizofrênico será o tema do próximo capítulo, onde tentaremos demarcar a relação da linguagem e do corpo.

As vinhetas clínicas que vimos até aqui demonstram-nos como o esquizofrênico se posiciona de forma exterior ao discurso, cujo simbólico não ajuda a criar funções que possam estabilizar o sujeito no campo da linguagem. Percebemos que, muitas vezes, há um desinvestimento da linguagem que se apresenta na dimensão do dito sem nenhuma intenção, pois não há a operação do eixo do inconsciente que possibilita um investimento na linguagem de forma a separar o gozo do corpo do sujeito. Talvez possamos dizer que “o dito esquizofrênico” demonstra essa íntima aliança com o gozo deslocalizado do eixo do simbólico, naquilo que não serve para comunicar, situando-se de forma desordenada nas frases interrompidas, no corpo, fazendo o sujeito padecer disso que não é regulado. Dessa forma, o tema da linguagem e corpo na esquizofrenia será desenvolvido no próximo capítulo.

3 LINGUAGEM E CORPO NA ESQUIZOFRENIA: A LINGUAGEM DE ÓRGÃO

3.1 PERTURBAÇÃO NO CAMPO DA LINGUAGEM: PERTURBAÇÕES NO NÍVEL DO CORPO

É muito comum caracterizarmos a relação do esquizofrênico com seu corpo a partir do que Freud nomeou de “linguagem de órgão”. Retomando o comentário de Freud, no artigo *O inconsciente* (1915), lembramos que o autor faz referência à paciente que se queixava de que seus *olhos estavam tortos*, concordando com a elaboração de Tausk sobre esse exemplo de que a relação da paciente com o órgão corporal (nesse caso o olho) “exibe uma característica hipocondríaca: tornou-se *fala de órgão*” (*organsprache*).⁹⁴

Recorrendo a um fragmento clínico para demonstrar como a “linguagem de órgão” está presente, ilustro tal característica com o paciente esquizofrênico citado no capítulo anterior. Trata-se do paciente J., no qual os significantes interferiam diretamente em seu corpo, atacando-o, dependendo do som da letra pronunciada (c e s, conforme seu som na palavra, “centralizava energia seca sobre seu corpo”). A relação desse paciente com seu corpo é da ordem de uma linguagem sem o recurso do simbólico que possa estabilizá-lo, pois não assegura as funções e limites de seu corpo dentro desse campo simbólico. Isso nos remete, também, ao conceito de *lalíngua* ou da palavra como gozo que vimos no capítulo anterior, pois esses sons são letras de gozo. Percebemos essa

⁹⁴ A expressão em alemão *Organsprache* foi traduzida pela Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud por *fala de órgão* (Vol. XIV, 1915, p. 226). Optamos pela tradução francesa “Le discours schizophrénique présente ici un trait hypocondriaque, il est devenu langage d'organe.”, cuja referência é: Freud, S., *L'inconscient*. In: *Métapsychologie*. Traduzido do alemão por Jean Laplanche e J.-B. Pontalis, Paris: Gallimard, 1968.

“O discurso esquizofrênico apresenta aqui um traço hipocondríaco, ele se tornou linguagem de órgão”. Assim, adotaremos nesta dissertação, a partir de agora, a expressão “linguagem de órgão”.

relação particularizada com seu corpo quando ele tenta se ajeitar no mundo, buscando reiteradamente sua origem que está intimamente ligada à criação do universo, a partir de seu corpo, mas não sabe ainda quem são seus pais. Ele diz que seu nascimento foi na Via Láctea, em um planeta o qual não pode revelar o nome, pois ninguém poderá saber onde nasceu. Diz que é o Rei Deus Vênus, Urano, Netuno, etc., pois foi ele quem criou o universo. Essa criação foi a partir de “ondas sonoras que recebeu e fez o nada engrossar e virar o universo”. Isso quer dizer que: o nada engrossou em 800 quatrilhões de vias lácteas, transformando-se no universo que é seu corpo multiplicado. Dessa forma, seu corpo e o universo são um só. Ele afirma constantemente: “sou o universo, o nada... meu corpo se divide em mil planetas... sou o rei do super-deus”. Ele prossegue, em sua lógica da criação do mundo, que tem a ver com a sua própria existência, dizendo que o universo é o seu corpo multiplicado e, devido à lei do retorno, o universo não aceita outro corpo que não seja o dele. Por isso, se algo de mal acontecer a ele, será todo o universo que estará em risco. Ele sustenta o universo com seu corpo a partir de um fio invisível que sai do seu umbigo e se liga a todos os planetas que são multiplicações de seu corpo. Diante disso, ele estabelece uma lógica para a vida, que é multiplicada e renovada por ele. Se ele multiplicou a sua vida, logo ele é imortal, mas precisa constantemente de renovação. Dessa forma, a realidade da vida é renovar a cada dia seu corpo que é feito de H₂O e universo. É um trabalho diário de renovação do corpo que não poderá correr riscos para sustentar o universo e a humanidade. Sua missão de deus é: ele foi gerado para poder criar os universos e dar consistência a eles.

J. passa os dias a tomar conta de seu corpo que sofre várias interferências do bem e do mal, tais como: receber e traduzir as ondas sonoras telepáticas do planeta que sente em seu corpo para controlar o universo. Sente quando alguém está contra o planeta a partir do momento em que tem sensações em partes de seu corpo que são atingidas por

algum mal. Isso vem, seja do seu pai que machuca seu coração com a unha, seja da sua irmã que pisa em seu coração e corta suas veias do corpo, seja do rádio que fala em matá-lo e por isso começa a dar bolhas em seu coração. Em muitos momentos, ele diz: “olha as minhas veias cortadas!”, mostrando-me seu pescoço que foi alvo do mal. Logo em seguida ele comenta: “por isso meu coração recebe pouco sangue e desse jeito o universo corre perigo”.

Esse caso vem nos mostrar como uma perturbação no campo da linguagem, conseqüentemente, poderá levar a uma perturbação no nível do corpo, que, nesse caso, não apresenta uma imagem unificada simbolicamente, mas uma tentativa de reunir partes do corpo que insistem em se soltar e falarem por si só. Percebemos que esse caso apresenta um certo delineamento do eu a partir da montagem de um corpo-universo, sustentado fragilmente em uma forma ortopédica que se desfaz e refaz constantemente, pois não houve fixação da mesma. Conforme dito anteriormente, é um modo de retorno da satisfação pulsional, ou do gozo, em partes do corpo.

Essa construção que apresenta tal experiência com o corpo lembra-nos a definição de Tausk para alguns casos de esquizofrenia, cuja construção delirante para as sensações de modificações no corpo é nomeada de “paranóia somática”.⁹⁵ Podemos dizer que a paranóia somática, no caso acima, é apresentada pela não separação do corpo com o mundo. Aqui, o corpo toma um tom de inimigo, pois não é reconhecido em uma unidade. A tentativa de algum distanciamento ocorre na localização fora dele de perseguidores que machucam seu corpo, mas sempre havendo um retorno em partes de seu corpo de forma isolada, não chegando a sustentar uma unificação da imagem corporal que se fragmenta facilmente. É sempre seu corpo que está em perigo, sendo

⁹⁵ TAUSK, V. *Da gênese do aparelho de influenciar no curso da esquizofrenia*, p. 44.

alvo de perseguição, constantemente ameaçado, e também concretizando a destruição da unificação corporal que precisar de ser amarrada de alguma forma.

Recorremos a Tausk, porque é dentro do contexto das discussões que ele participou com Freud, bem como Jung e Abraham⁹⁶, que surgiu a noção de linguagem de órgão. Noção essa que foi embasada nas elaborações teóricas sobre a pulsão, a libido e o narcisismo, propiciando a esse autor desenvolver seu pensamento sobre a esquizofrenia, cujo trabalho clínico era permeado por esse tipo de caso.

Porém, antes de adentrarmos nas elaborações de Tausk, trabalharemos, a seguir, noções de corpo e libido em Freud e Lacan.

3.2 CORPO E LIBIDO

Podemos dizer que a idéia de corpo, em Freud, está estreitamente ligada à teoria da libido e do narcisismo. Para desenvolver a teoria da libido e do narcisismo, ele recorre a processos patológicos mentais para demonstrar alguns esclarecimentos e conclusões referentes ao funcionamento psíquico normal. É dentro desse espírito de investigação que Freud (1911) tomou o livro de Daniel Paul Schreber⁹⁷ para retirar daí elementos clínicos que pudessem sustentar suas pesquisas, principalmente em relação à paranóia.

⁹⁶ Karl Abraham escreveu, em 1908, o artigo: *diferencias psicosexuales entre histeria y demência precoz* e Jung escreveu em 1907 o livro *Psicologia da demência precoce*.

⁹⁷ Daniel Paul Schreber (1842-1911) foi um proeminente jurista alemão, funcionário do Ministério da Justiça do Reino da Saxônia, ocupou importante cargo de juiz presidente do tribunal regional. Após o desencadeamento de sua psicose que culminou em longas internações psiquiátricas, publicou em 1903 o livro intitulado *Memórias de um doente dos nervos*. Trata-se de uma autobiografia escrita em uma de suas internações, expressando suas experiências delirantes. Ele acreditava que esse livro teria valiosa contribuição para as pesquisas científicas do mundo. Schreber terminou seus dias apresentando um quadro psíquico bastante deteriorado e morreu internado em um hospital psiquiátrico em 1911. Tornou-se um famoso psicótico através de variados estudos no meio da psiquiatria e psicanálise. (CARONE, 1995, p. 9-19)

Apesar de o foco de seu artigo ser a paranóia, ele apresentou importantes indicações sobre a esquizofrenia, nomeando o quadro clínico de Schreber de “demência paranóide”, pois ele apresentava tanto traços esquizofrênicos quanto paranóicos. Porém, Freud afirmará que o desenrolar e o desfecho desse caso é de uma paranóia.

Restringiremos à fase esquizofrênica desse caso, aquela referente a vivências corporais intensas e nomeadas por Freud de “distúrbios cenestésicos, que dominavam a totalidade de seu sentimento e pensamento”.⁹⁸ Os primeiros anos da segunda crise de Schreber foram perpassados por inúmeros fenômenos de corpo despedaçado, como podemos perceber quando ele próprio diz em suas *Memórias de um doente dos nervos*, (1903), no capítulo intitulado: “Danos à integridade física por meio de milagres”. Nesse capítulo, Schreber nos dá o testemunho de como seu corpo era infligido por danos causados por milagres divinos. Ele demonstra como o caráter ameaçador desses milagres o atemorizava, pois resultavam em “danos muito graves, que reavivavam uma impressão de extremo perigo ou provocavam situações bastante dolorosas”. Ele afirmava: “não há um único membro ou órgão do meu corpo que não tenha sido distendido por milagre, para pô-lo em movimento ou paralisá-lo...”.⁹⁹ Ele experimentou variadas sensações corporais situadas em diferentes partes e de maneira fragmentada: modificações nas partes sexuais (retração, amolecimento, dissolução do membro viril); diminuição do tamanho do corpo – “eu próprio tinha a impressão de que meu corpo tinha se tornado 6 a 8 centímetros mais baixo...”; milagres operados nos órgãos internos do tórax e do abdome (outro coração, pulmões atacados por verme pulmonar causador de inflamações ou tuberculose fatais, levando a uma dissolução do mesmo, e permanecendo apenas um “pequeno resto de pulmões” que dificultava a respiração – órgão deslocalizado e que, segundo ele, “tinha que conquistar seus pulmões a cada inspiração”. Uma parte das

⁹⁸ FREUD, S. *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia*, p. 29.

⁹⁹ SCHREBER, D. Danos à integridade física através de milagres, in: *Memórias...*, p. 127.

costelas foi temporariamente destruída, tinha a abominável vivência de compressão da caixa torácica, provocando asfixia por todo o corpo; o esôfago e os intestinos, muitas vezes, foram dilacerados ou desapareceram, bem como a laringe que, mais de uma vez, foi deglutida junto com o alimento. Por várias vezes não tinha o estômago e, por isso, não podia comer. Mas quando lhe era fornecido um “estômago inferior” antes das refeições, logo após iniciar a ingestão da comida, esse estômago lhe era retirado pelo milagre e “a comida e a bebida então ingeridas caíam diretamente na cavidade abdominal e nos quadris, um fenômeno, por mais incrível que pareça, que ficava para mim completamente fora de dúvida, dada a clareza da percepção”.

Podemos dizer que Freud retirou das *Memórias de um doente dos nervos*, de Schreber, essas vivências corporais tão convictamente sentidas, associando-as ao mecanismo alucinatório que é mais característico da esquizofrenia, lembrando o parentesco desse mecanismo com a conversão histérica, porém, sem haver a parte simbólica do sintoma no caso da esquizofrenia. Contrapondo a esse mecanismo, ele introduz o mecanismo da projeção como característico da paranóia. A partir da teoria da libido, essas vivências alucinatórias no corpo estão também relacionadas ao desligamento da libido do mundo externo, dos objetos, havendo uma regressão da mesma ao auto-erotismo e, por conseguinte, à localização da pulsão em partes fragmentadas do corpo, tal como indicado acima pelo relato de Schreber. Já na paranóia, a libido regride ao narcisismo, decorrendo, daí, a megalomania, em que o narcisismo fica inflado.

Conforme comentado no sub-item 1.5 do capítulo 1, no narcisismo há uma unificação da imagem corporal, bem como a constituição do eu, que implica uma imagem de si mesmo que poderá ser tomada como objeto de amor. Há, aqui, uma

transição da satisfação pulsional auto-erótica, desordenada, para o amor objetal que constitui um investimento unificado.

No texto sobre o *Caso Schreber*, percebemos certo interesse de Freud pelo tema do somático na esquizofrenia, ao aproximá-la com a conversão histérica, indicando a existência de um prazer de órgão nesses casos. No artigo posterior, *Sobre o narcisismo: uma introdução*, (1914), Freud se detém mais nesse tema do somático e desenvolve uma concepção da hipocondria e da parafrenia (esquizofrenia) como distúrbios da libido do ego, havendo uma erogeneidade dos órgãos de forma isolada. Ele relaciona a erogeneidade – atividade de enviar estímulos sexualmente excitantes à mente – como uma característica geral de todos os órgãos, podendo haver um aumento ou diminuição dela numa determinada parte do corpo.¹⁰⁰ As modificações na erogeneidade são correspondentes a uma modificação também na libido no ego. É nessa relação que está situada a hipocondria, bem como os fenômenos da esquizofrenia, pois, diante da vivência alterada dos “órgãos” – não havendo uma doença material, orgânica – há também uma alteração da libido do ego. Ou seja, a libido represada no ego investe em partes do corpo (auto-erótico), e não em uma imagem unificada pelo ego, ou então na possibilidade de ultrapassar o narcisismo e investir a libido no mundo exterior.

A retirada da libido para o ego poderá produzir a megalomania, sendo uma tentativa de elaboração dessa libido que voltou ao ego. Porém, se a megalomania falha, isso dá margem à vivência hipocondríaca, tão comum nos esquizofrênicos. Se por um lado a megalomania é uma tentativa de elaboração do represamento da libido no ego, por outro lado, quando ela falha e dá início ao processo alucinatorio das vivências corporais, isso também será uma tentativa de recuperação, porém por outras vias ligadas ao mecanismo alucinatorio e não o da projeção. Conforme comenta Freud, a fase de

¹⁰⁰ FREUD, S. *Sobre o narcisismo: uma introdução*, p. 100.

alucinações violentas é “uma nova tentativa de restituição, destinada a restaurar uma catexia libidinal às idéias de objetos”¹⁰¹, porém a partir do hiperinvestimento nas representações de palavra. A dimensão da imagem verbal do objeto (representação de palavra), percebida na alucinação, poderá ser um passo inicial para as formações delirantes, restabelecendo, com isso, uma forma de investimento nos objetos, mesmo de forma delirante.

Nesse artigo, Freud introduz a dimensão da formação de um ideal como uma modalidade de referência do eu, possibilitando ultrapassar o narcisismo e investir em outros objetos amorosos que não em si próprio. Trata-se de uma certa renúncia da onipotência característica do narcisismo infantil, sendo formado, no lugar, um ideal. No nível dessa renúncia e no advento da formação do ideal estará atrelado o fator condicionante do recalque. Podemos dizer que, nesse artigo de 1914, Freud conceitua o ideal do ego como o que propiciará o afastamento do narcisismo primário pelo deslocamento da libido em direção a um ideal imposto de fora, por terceiros.¹⁰² Junto a esse ideal, ele acrescenta a ação de um agente psíquico especial, cuja função é garantir a satisfação narcisista desse ideal: vigiando e medindo constantemente o ego em relação a esse ideal. Aí está o cerne do que posteriormente foi elaborado como superego.

Portanto, o ideal implica uma relação que extrapola o nível apenas imaginário, já indicando uma relação com o outro, em sua dimensão simbólica. Esse ponto da formação do ideal será retomado por Lacan, em seu *Seminário* de 1953-1954, estabelecendo uma distinção mais clara em torno de duas funções do ideal, que ele diz já se encontrar de forma menos explícita no texto de Freud *Sobre o Narcisismo*. Ele comentará que, para a organização e sustentação da imagem corporal, investida libidinalmente, é necessário que o ideal contemple duas funções distintas: o eu-ideal e o

¹⁰¹ FREUD, S. *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos*, p. 262.

¹⁰² FREUD, S. *Sobre o narcisismo: uma introdução*, p. 117.

ideal do eu. O primeiro tem uma função de fixação narcísica à imagem com a qual o sujeito se identifica, ou seja, uma forma em que se é capturado, uma identificação narcísica. Portanto, trata-se da relação especular, guiada pelo imaginário, tal como constituído no momento do estágio do espelho. Ou seja, nosso eu visto no outro, fora de nós, remetendo-nos à impotência primitiva do ser humano, que só vê sua forma realizada e delimitada como estando fora de si mesmo, mas ainda estranho e rival. Já o ideal do eu implica uma operação a partir do que vem do outro como portador do simbólico. E Lacan dirá que, para haver um pouco de acomodação ou regulação do imaginário no ser humano, será necessária a relação simbólica, pois é ela “que define a posição do sujeito como aquele que vê”. Ao definir a posição do sujeito no imaginário, o ideal do eu permite uma identificação simbólica que vai além da dimensão imaginária, pois “é da troca dos símbolos que nós situamos uns em relação aos outros nossos diferentes eus”: você é você e eu sou eu.¹⁰³ Lacan chamará a atenção para essa distinção entre o eu ideal e o ideal do eu como sendo essencial, pois é isso que permite uma regulação subjetiva. Por outro lado, a confusão entre essas duas funções poderá levar à loucura, tal como ocorre na situação de se estar apaixonado, pois há uma prevalência da captura imaginária.

Essa distinção das funções do ideal nos permite falar também de diferenças nas estruturas clínicas. Conforme a discussão acima, podemos dizer que, na psicose, não há a formação do ideal do eu, pois não há uma identificação simbólica. Dentro do campo das psicoses, podemos dizer que há o eu ideal, que no caso da paranóia há uma fixação nesse eu ideal e, por conseguinte, o funcionamento da linguagem ocorre de forma a prevalecer a consistência imaginária dos significados que leva à busca de um sentido fechado, sem faltas. Mas, no caso da esquizofrenia, há uma perturbação no nível dessa

¹⁰³ LACAN, J. *Ideal do Eu e Eu ideal*, p. 165.

função do eu ideal, pois a identificação narcísica não se sustenta numa unificação a partir de uma fixação em um ideal. Em consequência disso, há a dissolução imaginária que é observada na fragmentação da cadeia significante e do corpo.

Nesse texto de 1954, Lacan dá grande ênfase à pregnância do imaginário como articulado à libido. Ele dirá que “o próprio da imagem é o investimento pela libido”. E define o investimento libidinal como “aquilo através de que um objeto se torna desejável, quer dizer, aquilo através de que se confunde com essa imagem que levamos em nós, diversamente, e mais ou menos estruturada”.¹⁰⁴ Ele comenta sobre a “libido imaginária” associando-a ao que produz uma captura narcísica, localizando, nesse nível, as perturbações subjetivas a partir do predomínio do imaginário. Portanto, para ultrapassar essa captura da libido imaginária, bem como estabelecer uma maior estruturação do imaginário, é que se faz necessária a operação do simbólico, propiciando com isso uma ação articulada entre o imaginário e o real (realidade externa). Trata-se, nessa articulação, de uma certa coincidência entre certas imagens e o real, ou seja, uma certa relação entre nossas imagens e as imagens do mundo externo. Será nessa conjunção ou coincidência que se encontra a estruturação do corpo, criando o que Lacan nomeia de realidade oral, anal, genital, ou em zonas erógenas. Portanto, a estruturação do imaginário ocorre pela via do simbólico, permitindo que a estruturação do corpo passe pela simbolização. Essa intervenção do simbólico é que possibilitará que a carne do organismo se constitua em um corpo libidinal unificado, e, tal como diz Lacan, “que a boca original se transforma, no fim, em falo?”.¹⁰⁵

¹⁰⁴ LACAN, J. *Ideal do Eu e Eu ideal*, p. 165.

¹⁰⁵ LACAN, J. *Ideal do Eu e Eu ideal*, p. 165.

Sob a luz da teoria do simbólico, Lacan reafirmará que a normalização da estrutura corporal depende de um “órgão” simbólico que é o Falo, um órgão fora do corpo.¹⁰⁶

3.3 O CIRCUITO PULSIONAL E AS BORDAS DO CORPO

Para que a imagem fisque o corpo, é necessário que a função fálica seja operante. A função do falo, a partir da intervenção do significante Nome-do-Pai, possibilitará uma nova significação da falta com valor simbólico. Conforme comentado no capítulo 1 acima, no texto de 1958, *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*, Lacan faz referência à significação fálica que dará uma significação simbólica à ausência da mãe, à falta. Porém, o mecanismo da psicose – forclusão do Nome-do-Pai – leva a um comprometimento do acesso ao simbólico, podendo haver uma desorganização do sistema da linguagem no momento de invocação do Nome-do-Pai. Como diz Lacan, “no ponto em que é chamado o Nome-do-Pai, pode pois responder no Outro um puro e simples furo, o qual, pela carência do efeito metafórico, provocará um furo correspondente no lugar da significação fálica” (LACAN, 1958, p. 564).

Esse furo no lugar da significação fálica leva também ao “desastre do imaginário” e, por conseguinte, a experiência da imagem do corpo que se fragmenta.

A teoria do falo levará Lacan a pensar a pulsão a partir do simbólico. Miller (2005) fará uma distinção das elaborações de Lacan em torno da pulsão, destacando o momento inaugural e clássico da obra desse autor. No primeiro momento, Lacan situa a

¹⁰⁶ MILLER, J.-A. *A invenção psicótica*, p. 07.

satisfação pulsional no imaginário e, no segundo momento, o clássico, ele tenta submeter a pulsão à supremacia do simbólico. Segundo Miller, o momento mais simbólico sobre a pulsão na obra de Lacan, aponta para um apagamento da mesma no que diz respeito à sua vertente real, que é a presença constante de um certo estado de necessidade que pede uma satisfação. Se a pulsão retira a ordem da necessidade do ser humano, dando provas do processo de desnaturação do organismo pela linguagem, ela também instaura a presença da necessidade que exige uma satisfação. É o que Freud chama do princípio de constância. Assim, nesse momento mais simbólico de Lacan, há a construção de conceitos que visam a sustentar sua idéia da supremacia da ordem simbólica, tais como a teoria do Falo e da Metáfora Paterna como articuladores da constituição do sujeito e, com isso, todo o desenvolvimento da noção de pulsão em conexão com esses operadores indicativos da relação com a falta.

A teoria do falo sustentará que há um elemento imaginário que visa a tamponar a falta materna, mas que deverá adquirir um valor significante, a partir da operação simbólica. Trata-se de uma operação que permite passar do imaginário para o simbólico, onde a relação com a falta referente ao objeto fálico adquire valor simbólico. É em torno desse elemento, o falo, cujo dispositivo é tentar encobrir a falta no campo simbólico, que Lacan se ocupará nesse momento. Assim, a pulsão será correlacionada com a idéia do falo, que passa a ser um concentrador de gozo. Trata-se, portanto, de um elemento com valor simbólico que permite uma localização de gozo, não sendo considerada aqui a dimensão real da pulsão, havendo, com isso, um distanciamento da noção de pulsão sustentada por Freud.

Nessa perspectiva simbólica, Lacan também reduziu a noção de pulsão à cadeia significante, ou seja, à lógica substitutiva que tem, no deslizamento da cadeia, a transcrição da pulsão enquanto manifestação do simbólico. Nessa vertente, há a tentativa de conjugar a pulsão com o desejo que é visto aqui como morto, pois ele mortifica a necessidade através da palavra. É como se o significante pudesse saturar a necessidade, sendo a pulsão um índice

dessa mortificação. Sendo o significante Falo a expressão máxima de organização do campo simbólico, logo, a satisfação pulsional, ou seja, o gozo, estaria endereçada a esse significante, sendo saturada por ele.

Porém, Miller mostrar-nos-á que, no desenrolar do ensino de Lacan, o próprio autor foi percebendo que o Falo não era suficiente para responder à satisfação pulsional, havendo um excedente que era refratário ao deslizamento da cadeia significante. No *Seminário 7*, Lacan já indicará esse excesso como resto libidinal irreduzível. Mais tarde, no *Seminário 11*, o autor tratará desse resíduo irreduzível que ultrapassa o significante fálico, demonstrando um questionamento à idéia anterior do desejo, pois, se o desejo visa o significante fálico, haverá também um tipo de satisfação que ultrapassará esse significante, introduzindo aqui a idéia do objeto “a”.

Posteriormente, a noção de resto enquanto aquilo que não é assimilável pela linguagem, ganhará mais expressão nos comentários do *Seminário 17*, sendo esse resto denominado como *mais-de-gozar*, tornando mais clara a relação entre significante e gozo, conforme comentado no capítulo anterior.

Considerando o *mais-de-gozar* enquanto um elemento inassimilável e heterogêneo, enquanto um resto de gozo concernido ao objeto *a* por onde instaura um movimento pulsional, será que se trata de um circuito específico de uma determinada estrutura clínica, tal como a neurose, ou podemos falar também desse elemento heterogêneo na psicose?

No que se refere à neurose, há uma operação simbólica de extração desse elemento, constituindo-se, assim, um objeto enquanto resto de gozo que circula pela cadeia significante, mesmo sem ser assimilável por ela, mas articulado à consistência da cadeia significante. Como afirma Miller, “o objeto *a* é um semblante [...] é um ser de ficção que depende da articulação do significante [...] O objeto *a* é uma elaboração simbólica do real [...]

ele está apto para encarnar o que falta ao sujeito”.¹⁰⁷ Essa operação de extração cria um circuito pulsional que bordejia esse objeto que o neurótico acredita ser o que falta ao sujeito, havendo aí uma separação entre o sujeito e o objeto, e, com isso, o Outro estará separado do gozo. Mas, e na psicose, como se estabelece um circuito pulsional se não há a extração desse objeto e, como diz Miller, “a psicose é essa estrutura na qual o objeto não está perdido, onde o sujeito o tem à sua disposição”? Será que podemos falar de circuito pulsional na psicose, uma vez que o gozo fálico não é a referência? É preciso considerar outras referências, para além do registro fálico, como formas de organização do gozo, para podermos pensar o caminho da pulsão na psicose.

Considerando os comentários de Serge André (1986), em seu texto *A pulsão no esquizofrênico*, ele coloca um questionamento se na psicose trata-se de uma desorganização pulsional, ou de uma estrita organização da pulsão, cuja organização no neurótico apresenta o aspecto parcial que é velado pela unificação comandada pela significação fálica, ao contrário do psicótico, em que essa organização manifesta-se em partes isoladas do corpo. O autor retoma o conceito de auto-erotismo para indicar o movimento de construção do trajeto pulsional, lembrando, com Freud, que, a partir desse estágio no qual se desenvolve o processo de separação do objeto de necessidade, dando lugar ao movimento em torno da perda do objeto primevo, para assim estabelecer uma dinâmica dialética em torno dessa perda ou falta, resultando em uma modificação da relação do sujeito com o seu corpo. Conforme diz Serge André referindo-se a esse processo,

à resposta do Outro caridoso portador do objeto da necessidade, se substitui o gesto do sujeito, onde ele mesmo que traça sobre o próprio corpo o contorno do objeto faltoso – enfim, o apaziguamento que dá a satisfação da necessidade se apaga ao ganho de um mais-de-prazer, de um gozo, cuja causa é uma falta. (ANDRÉ, 1986, p.104)¹⁰⁸

¹⁰⁷ MILLER, J.-A. *Clínica irônica*, p. 196.

¹⁰⁸ Tradução livre de: “[...] à la réponse de l’Autre secourable porteur de l’objet du besoin, se substitue le geste du sujet lui-même qui trace sur le corps propre le contour de l’objet manquant; - enfin, l’apaisement que procure la satisfaction du besoin s’efface au profit d’un plus-de-plaisir, d’une jouissance dont la cause est un manque” (André, 1986, p. 104).

Haverá, aqui, uma separação do sujeito em relação ao Outro, cujo corpo não mais estará entregue ao capricho do Outro Materno.

Como essa separação não se processa na psicose, o autor aponta que se trata mais de um “hetero-erotismo”, pois, como o objeto não está perdido, o sujeito fica colado ao Outro, “prisioneiro de um corpo abandonado ao hetero-erotismo, quer dizer, ao erotismo do Outro”. Para se proteger desse erotismo do Outro, o psicótico arranja formas de defesas para criar uma borda, um circuito que faça uma separação. Nesse sentido, os comportamentos auto-eróticos ou estereotipados, os ornamentos ou pedaços de pano, de papel, etc., em torno do corpo do esquizofrênico seriam tentativas de criar uma margem para seu corpo. Ou seja, criar um mínimo de separação do Outro – que no caso do esquizofrênico pode ser o próprio corpo como palco do gozo – para que ele não fique entregue ao Outro devorador como reduzido ao resto dejetivo. O corpo, como palco das invasões, lembra-nos a noção de “paranóia somática”, comentada por Tausk no sub-item 3.1, uma vez que se trata do corpo como visado e perseguido. As formas de agir do esquizofrênico seriam tentativas de defesa contra o real que não foi separado do corpo pelo simbólico, permanecendo enquanto “o real como o impossível de suportar”.¹⁰⁹

Seguindo o caminho indicado por Freud, em relação à forma de investimento pulsional mais específica da esquizofrenia, ou seja, aquela que concerne ao retorno ao auto-erotismo, manifestando-se como sensações de alteração corporal, tentaremos, no próximo sub-item, delimitar melhor essa forma de investimento expressa como linguagem de órgão.

3.4 TAUSK E A LINGUAGEM DE ÓRGÃO

¹⁰⁹ MILLER, J.-A. *Clínica irônica*, p. 198.

As elaborações em torno da hipocondria serão retomadas por Freud no artigo de 1915, *O inconsciente*, acrescentando a elas as idéias de Tausk sobre a esquizofrenia e sua relação com o corpo, mais especificamente, a noção de “linguagem de órgão”.

Podemos assinalar no artigo de Tausk, *A gênese do “aparelho de influenciar” no curso da esquizofrenia*, (1919), várias passagens que dizem respeito às experiências dos esquizofrênicos em relação às sensações de modificações no corpo. Tausk verifica, em seus casos clínicos, que, diante dos “sentimentos de transformações” corporais percebidas como “estranhas” pelo psicótico, há também uma tentativa de explicação para essas vivências. Uma das explicações será a construção delirante do “aparelho de influenciar”, que passará a comandar os movimentos e as sensações dos pacientes. Essa aparelhagem é criada como uma solução para os sentimentos de transformações e os fenômenos de estranheza que os pacientes experimentam em seu corpo.

Tausk define o “aparelho de influenciar” como uma máquina de natureza mística que é composta de caixas, manivelas, alavancas, rodas, botões, fios, baterias, etc., que interferem diretamente no corpo do paciente. Esse aparelho poderá produzir e roubar pensamentos e sentimentos através de ondas ou raios. Ele produz ações motoras no corpo do paciente, ereções e poluções, através de correntes elétricas, magnéticas ou atmosféricas. É responsável por erupções cutâneas, feridas, entre outros. Esse aparelho serve para perseguir o paciente, sendo manipulado por inimigos através de botões que são apertados, alavancas que são acionadas, manivelas giradas. Em muitos casos, o paciente está preso a esse aparelho por fios invisíveis.

A aparição desse aparelho é decorrente da necessidade de encontrar uma causa para as sensações de modificações corporais, bem como os sentimentos de influência que compõem as idéias delirantes. Tausk exemplifica esse aparelho a partir de

um caso clínico que acompanhou. Trata-se da Srta. Natália, 31 anos, surda há vários anos. Ela diz que está sob influência de um aparelho elétrico, fabricado em Berlim, e que tem a forma de um corpo humano. Esse aparelho é manipulado, e tudo o que acontece ao aparelho passa-se também em seu corpo. Quando espetam o aparelho, ela sente a dor no local correspondente em seu próprio corpo. O lupo que tem no nariz foi produzido no nariz do aparelho, e depois é que passou para ela. O interior do aparelho é constituído de baterias elétricas. A manipulação do aparelho provoca secreções nasais, odores repugnantes, sonhos, pensamentos e sentimentos. Com o passar do tempo, esse aparelho foi-se tornando mais complexo e também mais familiar à paciente, localizando nele o sentimento de perseguição. Assim, a paciente responsabiliza-o pelos sentimentos de influências que a acometem.

Ante esse sentimento de transformação, outras saídas para além do aparelho de influenciar são possíveis também, tal como a alienação e a formação do sentimento de perseguição atribuído a uma pessoa por sugestão ou influência telepática – via mecanismo da projeção, que situa o sentimento de influência sobre um perseguidor no mundo externo e não conectado ao corpo, mais comum nos casos de paranóia. No caso da alienação – mais comum nos esquizofrênicos – “os doentes se tornam estranhos a si mesmos, não se compreendem mais, membros, rosto, expressão, pensamentos e sentimentos se alienam”.¹¹⁰

Isolando o sentimento de transformação ou alteração, que é acompanhado pela estranheza em relação ao corpo, percebemos que é esse sintoma que Tausk associa à linguagem de órgão, relacionando-o à teoria da libido freudiana que também tratará da hipocondria. Concordando com Freud, Tausk diz que, quando há uma estase ou represamento da libido em um determinado órgão, isso leva a uma concentração da

¹¹⁰ TAUSK, V. *Da gênese do aparelho de influenciar no curso da esquizofrenia*, p. 42.

atenção sobre o funcionamento orgânico desse órgão que se tornou superinvestido. Ocorre, nesse processo, uma tomada de consciência da relação orgânica que deveria permanecer inconsciente, como geralmente ocorre na vida normal.

Conforme a teoria freudiana, o que normaliza e dá coesão ao corpo depende do narcisismo e da libido objetal, estando aí a possibilidade de investimento da libido no mundo exterior. Por outro lado, o represamento libidinal sobre um órgão leva às perturbações do corpo, estando neste represamento a base dos sentimentos de alteração corporal. Tausk dirá que, diante dessa sensação, poderá surgir o sentimento de estranheza como uma forma de proteção do psiquismo, pois ocorre uma alienação do ego em relação ao órgão afetado. Nesse caso, o ego nega o órgão alterado que passa a não mais fazer parte do conjunto das funções do corpo coordenada pelo ego, uma vez que o ego não o reconhece mais, ficando assim excluído.¹¹¹ Dentro dessa perspectiva, podemos dizer que os órgãos ou partes do corpo passam a funcionar sozinhos, soltando-se do conjunto coordenado pelas funções do ego, conforme sua relação com o inconsciente operante. Tal como comentado por Freud no artigo *O inconsciente*, essa seria uma situação do funcionamento da palavra como coisa que se apresenta sem a operação do inconsciente, porém, no nível do órgão ou pedaços do corpo, estabelecendo uma linguagem própria ligada ao órgão, como se o órgão falasse por si mesmo, à revelia do sujeito.

Partindo de uma perturbação das funções do ego, devido à variação do investimento libidinal, Tausk exemplifica o sintoma catatônico no esquizofrênico como uma recusa do mundo exterior, sendo um refúgio do psiquismo que abandonou as funções do ego¹¹², cujo objetivo é manter contato com o mundo externo. Devido ao

¹¹¹ TAUSK, V. *Da gênese do aparelho de influenciar no curso da esquizofrenia*, p. 69-70.

¹¹² É importante ressaltar que antes de Paul Federn, Tausk já havia publicado a idéia de perda dos limites do ego como um sintoma da esquizofrenia. Esse sintoma refere-se à publicação do pensamento que é conhecido por todos. Os pacientes queixam-se de que os pensamentos não ficam fechados em suas cabeças, mas estão

posicionamento da libido regredida – ao que Tausk nomeou de narcisismo inato, e com Freud podemos dizer que equivale ao auto-erotismo –, o psiquismo fica impossibilitado de utilizar as funções mais simples do ego em seu contato com o mundo, explicando, assim, a posição catatônica, bem como o negativismo, como uma proteção do psiquismo, cujo investimento funciona praticamente em nível de partes do corpo. É neste sentido que Tausk nos dirá que “o sintoma catatônico, a rigidez negativista do esquizofrênico, nada é senão uma renúncia ao mundo externo expressa na 'linguagem de órgãos’”.¹¹³ Podemos dizer, com isso, que a linguagem de órgão é a estase libidinal em um órgão ou partes do corpo, sem o recurso do ego com sua função de unificação da imagem corporal e também de contato com o mundo externo, cujo reconhecimento da função do corpo depende do mecanismo do inconsciente.

O sentimento de estranheza surgido mediante ao sentimento de alteração corporal poderá seguir o caminho da paranóia ou da esquizofrenia. No caso do primeiro, a estranheza é substituída pelo mecanismo da projeção em um objeto homossexual na forma de perseguição. A libido liga-se a um objeto externo, porém ao preço desse objeto ser estranho e perseguidor. No caso da esquizofrenia, Tausk localizará o investimento libidinal em nível do órgão que se torna estranho, surgindo daí uma projeção do órgão que poderá gerar a paranóia somática, tal como exemplificado pelos casos do aparelho de influenciar. Neste caso, o aparelho de influenciar poderá ajudar a construir uma amarração do corpo, uma vez que essa máquina permite reunir em um conjunto as projeções para o exterior de todos os órgãos afetados separadamente pela libido, permitindo, com isso, uma certa unificação corporal que passa a ser comandada por um aparelho-corpo externo e inimigo. Esse aparelho que está conectado ao corpo será

espalhados sem limites pelo mundo: “o doente perdeu consciência de ser uma entidade psíquica, um ego possuindo seus próprios limites” (TAUSK, 1919, p. 54).

Tausk e Federn foram contemporâneos nos estudos da psicanálise, mas só posteriormente este último publicou suas idéias em torno da idéia do eu e da esquizofrenia, conforme vimos no capítulo 1.

¹¹³ TAUSK, V. *Da gênese do aparelho de influenciar no curso da esquizofrenia*, p. 65.

manipulado à revelia do paciente, ficando ele à mercê de estranhos e inimigos. Porém, esta máquina será a projeção do corpo inteiro do paciente, na medida em que ela se constitui a partir da substituição das diversas partes da imagem do corpo próprio. Ela é consequência do investimento libidinal, e equivale à regressão da libido aos estádios muito precoces e pré-genitais, em que o corpo ainda não era dividido em zonas erógenas (oral, anal, genital, etc.), mas em que o corpo inteiro era uma zona libidinal indiferenciada.

É nesse nível de não delimitação e não separação em zonas erógenas, em torno das quais a libido faz contorno, é que se situa o investimento pulsional do esquizofrênico concernido ao auto-erotismo. Esse investimento auto-erótico do corpo localiza-se em fragmentos do corpo ou em órgãos soltos que não chegam a constituir uma unidade coordenada pelo que Lacan definiu como a significação fálica. Conforme comentado anteriormente, é a significação fálica que possibilita lidar com algo que se perdeu, fazendo dessa perda um circuito em torno de um vazio que é velado simbolicamente.

Diante de uma perda que não foi simbolizada, pois não houve a castração simbólica, o esquizofrênico tenta efetivar a perda no nível do real, buscando saídas para as vivências de transformação em seu corpo, tais como nos momentos de automutilação, amarração do corpo com ornamentos, arames, barbantes, bem como tampar orifícios do corpo com pedaços de objetos, etc. São tentativas de tratar essas vivências de transformação insuportáveis que recaem sobre o corpo. É nesse caminho que Louis Wolfson¹¹⁴ nos dá seu testemunho com a invenção diária para sustentar seu corpo diante da língua materna que o invadia e o golpeava dolorosamente, conforme veremos a seguir.

¹¹⁴ Louis Wolfson nasceu em Nova York e viveu nos Estados Unidos até a sua morte. Apresentou o desencadeamento da sua psicose desde muito jovem, passando por várias e longas internações psiquiátricas. Filho único de pais separados desde os 4 anos de idade, nunca trabalhou formalmente, pois recebia um benefício financeiro do governo devido ao diagnóstico psiquiátrico recebido desde a infância de “esquizofrenia, bem como incapacidade para o trabalho”. Devido à sua “incapacidade mental”, esse benefício era recebido e gerido pela mãe. (WOLFSON, 1984, p. 37-48)

3.5 TENTATIVAS DE TRATAR A LINGUAGEM DE ÓRGÃO: O PROCEDIMENTO DE LOUIS WOLFSON.

Louis Wolfson é um psicótico americano que publicou dois livros, nos quais demonstra sua experiência em relação ao seu corpo e a incidência da língua materna sobre ele. No primeiro livro que escreveu, intitulado *Le schizo et les langues*, publicado em 1970, ele se refere a si mesmo, na terceira pessoa do singular, como “o estudante de línguas esquizofrênico” ou “o estudante de idiomas demente”, e narra a sua difícil experiência com a língua materna, o inglês, travando um “combate” com a mesma. Ele construiu um arranjo, ou, como Gilles Deleuze¹¹⁵ nomeia, um procedimento lingüístico para lidar com sua língua natal. O segundo livro foi publicado em 1984, cujo título é: *Ma mère, musicienne, est morte de maladie maligne mardi à minuit au milieu du mois de mai Mille 977 au mouiroir mémorial à Manhattan*. O tema desse livro gira em torno da doença e morte de sua mãe, em 1977.

Restringiremos nossa investigação ao primeiro livro, pois o mesmo demonstra como Wolfson sofreu e travou um grande “combate” contra o som que ouvia da sua língua natal, narrando como ele fazia para lidar com isso. A publicação desse livro ocorreu através de J.B. Pontalis, diretor da coleção *Conhecimento do Inconsciente* (Ed. Gallimard), que um dia recebeu o manuscrito de *Le schizo et les langues*, que o próprio Wolfson lhe enviou. Pontalis decidiu publicar o livro, mas, antes, demandou um

¹¹⁵ Gilles Deleuze (1925-1995), filósofo francês que tentou elaborar uma nova concepção em torno da esquizofrenia, participando do momento das discussões da anti-psiquiatria que tenta romper com a visão psiquiátrica da loucura. Esse autor tentou desenvolver uma visão da esquizofrenia atrelada à dimensão da sociedade capitalista, tentando romper com a concepção de patologia que a psiquiatria propiciava. (ROUDINESCO, PLON, 1998. *Dicionário de Psicanálise*, p. 191)

prefácio a Gilles Deleuze. Deste prefácio, nomeado “esquizologia”, é importante retirar a idéia de procedimento lingüístico que Deleuze capturou dos escritos de Wolfson.

Embora Wolfson fosse americano, ele escreveu seus livros em francês, sendo isso já uma das maneiras de decompor o som de sua língua natal, e transformá-la em outra língua mais suportável de ouvir. O próprio autor diz que, desde criança, ele já tinha dificuldade para falar, ler e ouvir a língua materna. Essa dificuldade foi associada pelos professores dele a uma incapacidade intelectual de Wolfson, que foi transferido para uma classe de alunos com “retardo mental”. Ele mesmo diz que foi uma luta para aprender a língua, conseguindo falá-la em uma idade já avançada. Isso aconteceu também em relação à leitura convencional, “travando nova batalha”. Era difícil, para ele, manter a atenção, a concentração e o interesse sobre as lições de leitura, uma vez que as achava difíceis de compreender, bem como desinteressantes e sem importância. Essa dificuldade foi acompanhada por tiques nervosos e maus hábitos, os quais ele diz ter desenvolvido desde criança. Sobre essa dificuldade, ele comenta: “Em uma palavra, ele não tinha gostado de ler e sem dúvida porque ele quase não o podia”.¹¹⁶

Apesar da dificuldade em aprender a língua no ensino primário, a partir de seus 20 anos de idade ele passou a se interessar de forma “fanática e fantástica” pelo estudo de algumas línguas estrangeiras, apresentando grande ansiedade em dominá-las. Elas eram principalmente o francês, o alemão, o hebraico e o russo. Wolfson diz que concluiu o ensino médio e cursou por quatro anos a universidade, sendo, nesses estudos, os momentos importantes de contatos com línguas estrangeiras. Isso vem demonstrar que sua dificuldade não se referia a um déficit intelectual, mas sim à estrutura psicótica que apresentava outra ordem de perturbação concernente à linguagem.

¹¹⁶ Tradução livre de: “En un mot il n’avait pas aimé lire et sans doute parce qu’il ne l’avait guère pu” (WOLFSON, 1970, p. 34).

A língua materna era tão insuportável de ouvir, que, constantemente, ele tapava os ouvidos com os dedos para abafar o som. Outro mecanismo que desenvolveu posteriormente foi andar com um estetoscópio no ouvido, unindo a parte inferior desse instrumento a um gravador portátil, no qual ouvia músicas em línguas estrangeiras. Sobre isso, diz que ele foi o precursor do walkman. Para ele, o difícil era o som da língua, principalmente de alguns fonemas, pois o mesmo entrava em seu ouvido e lhe causava dor no corpo, retumbava em seu tímpano: “o espírito era possuído pelas palavras, dominando-o e causando-lhe ataques”. A esses ataques ele se refere aos momentos em que era “tocado de estupor” pelo ataque das palavras ouvidas ou lidas que dominavam seu espírito por um a vários minutos.¹¹⁷ Esse estado era mais intensificado quando as palavras eram ditas pela mãe e entravam em seu ouvido, pois a relação com a mãe era muito persecutória e ambivalente. Ele dizia que a mãe queria perturbá-lo, não perdendo a oportunidade de falar-lhe inesperadamente em inglês, demonstrando com isso

um prazer macabro nessa boa oportunidade de injetar de alguma forma as palavras que saiam da sua boca nas orelhas de seu filho , seu único filho - ou como ela lhe tinha dito varias vezes: sua única posse - , parecendo tão feliz por fazer vibrar o tímpano dessa única posse, e em consequência disso, os ossículos do ouvido médio da dita posse, seu filho, em unísono quase exato com suas cordas vocais... (WOLFSOSN, 1970, p. 183)¹¹⁸

Portanto, não era o sentido que o incomodava, mas o som, o ruído da língua cravado no corpo, apresentado principalmente na pronúncia da sua mãe. Isso vem demonstrar como não há uma separação desse Outro materno, cujas palavras lhe invadem, de forma imperativa e caprichosa, sendo a voz da mãe uma extensão do tímpano dele. Observamos, aqui, que não houve o estabelecimento de bordas do corpo,

¹¹⁷ WOLFSON, L. *Le schizo et les langues*, p. 117-118.

¹¹⁸ Tradução livre de: “[...] espèce d’une joie macabre par cette bonne opportunité d’injecter en quelque sorte les mots qui sortaient de sa bouche dans les oreilles de son fils, son seul enfant – ou, comme elle lui avait de temps en temps dit, son unique possession -, en semblant si heureuse de faire vibrer le tympan de cette unique possession et par conséquent les osselets de l’oreille moyenne de ladite possession, son fils, en unisson presque exacte avec ses cordes vocales, à elle, et en dépit qu’il en eût” (WOLFSON, 1970, p. 183).

uma hiância que separaria seu corpo da fala da mãe, criando lugares para a linguagem exterior ao corpo. É justamente nesse momento de junção da palavra-ruído que Wolfson lança mão do seu procedimento. Tal como indica Foucault¹¹⁹, diante da intrusão das palavras que surgem coladas com a hostilidade do alimento da língua materna, concernindo a uma linguagem privada de distância, a qual permitiria designar, Wolfson responde com seu procedimento. Esse inclui tapar os orifícios (boca, ouvido, olhos) abertos ao mal que vem da palavra materna, transformando essas palavras-coisas em línguas estrangeiras que o apaziguam. Trata-se de uma tentativa de criar um mínimo de interiorização e exteriorizar uma língua que tomou lugar diretamente em partes de seu corpo: ouvido, boca, olhos, ânus.

Diante dessa tragédia em relação à língua, é que Wolfson desenvolve um procedimento com determinadas regras para traduzir o inglês que ouvia em outras línguas. Conforme indica Deleuze (1997), o procedimento compreende o seguinte: diante de uma palavra da língua materna (o inglês), ele precisa encontrar uma palavra de outra língua que tenha o sentido similar e também que tenha algumas letras, sons ou fonemas comuns. Trata-se de uma operação de conversão em línguas estrangeiras abrangendo o movimento fonético e o sentido, extraído de cada conversão regras fonéticas que serão aplicáveis a outras conversões posteriores. Essa conversão teria que acontecer de forma muito rápida, quase simultaneamente à palavra ou frase ouvida ou lida em inglês. Essa operação centrava-se na decomposição dos sons das palavras, compondo outras palavras estrangeiras existentes no código, mas sempre utilizando algumas letras ou sílabas do original. Esse processo remete-nos a um detalhado trabalho artesanal de montagem de palavras, como se da língua natal surgisse ou engendrasse outra língua estrangeira.

¹¹⁹ FOUCAULT, M. *Sete proposições sobre o sétimo anjo*, p. 310.

Geneviève Morel (1986) indica que o fundamento desse procedimento está na mentira contada pelo pai de Wolfson, quando ele era criança, enganando-o ao lhe dizer que a palavra para árvore em russo era a mesma do inglês (*tree*). A esse engano, ela associa a referência de Lacan, contida no *Seminário 3*, sobre a noção de significante em sua existência radical, uma vez que “todo verdadeiro significante é, enquanto tal, um significante que não significa nada”, estando aí a distinção em relação à significação.¹²⁰ A esse respeito, Lacan prossegue dizendo que se trata da dimensão do significante no real que serve, não para a informação ou a significação, mas para iludir e enganar, pois não exprime nenhuma relação direta com a ordem da necessidade. Na psicose, há um impasse na relação do sujeito com o significante, pois há uma perplexidade em relação ao mesmo. Nesse ponto Lacan diz que o problema é que o Outro enquanto detentor do significante está excluído, ocorrendo aí os fenômenos de linguagem, tais como as frases interrompidas, “já que há um uso por assim dizer implicante do significante”. Ou seja, diante da impossibilidade de formular verdadeiramente um enigma que possa amarrar as significações, o que surge é o significante como tal, em estado puro e que não significa nada, mas que só engana. Seguindo essa lógica do significante como tal, ou asemântico, é que Morel associa às decomposições lingüísticas realizadas por Wolfson, constatando que é uma constante atualização desse engano que o leva a transformar sua língua materna, cuja vertente é o significante enquanto tal, utilizado para enganar, de certa forma, o Outro materno.

A manutenção de algumas letras da palavra original em inglês, em suas conversões, era uma maneira de separar algo de material que se apresentava sob a forma ortográfica ou da letra, daquela da significância vinda da mãe, da língua materna, possibilitando, com isso, isolar alguma materialidade que pudesse dar suporte para as

¹²⁰ LACAN, J. *O significante, como tal, não significa nada*, p. 212.

conversões que incluíam a modificação do som e a manutenção do sentido. Podemos dizer que ele tenta enganar a língua materna, ou a voz da mãe, escamoteando sua pronúncia. Por exemplo, Wolfson modifica a palavra inglesa *tree* (árvore), decompondo-a, pois o som do *t* pronunciado nesta palavra o machuca. Ele trabalha com o *t* e o *r* para transformá-la em *tere*, convertendo-a foneticamente em *dere*, a qual faz surgir a palavra russa *derevo* (árvore). Faz essa conversão porque o som do *t* associado ao *ree*, formando a pronúncia [tri:] (conforme o alfabeto internacional de fonética), o irrita e invade seu espírito, impulsionando-o a se livrar desse som. Wolfson fazia longas pesquisas nos dicionários de línguas, sempre recorrendo ao alfabeto internacional de fonética para fazer suas conversões lingüísticas, buscando se apoiar e se servir do código de um contexto mais universal em seu combate às mensagens que se interrompiam ao esbarrar na “palavra como gozo”: aquela que destrói a associação da cadeia significativa e, por conseguinte, a unidade corporal se desfaz.

Outro exemplo de conversão refere-se ao anúncio publicitário sobre problemas respiratórios que viu na vitrine de uma farmácia. O cartaz continha a imagem de um homem com o rosto, pescoço e peito muito vermelhos de tanto espirrar e tossir. Essa imagem era seguida das palavras em inglês: *sore throat* (garganta irritada, inflamada). A essas palavras, que lhe causavam dor e ataques, Wolfson começa a sua explicação fonética que o levou à sua conversão em outras línguas, tal como se segue:

[...] *Sore throat* (pronunciado *thrôt*, a consoante *th* sendo aqui surda: apoiar a ponta da língua contra os incisivos superiores e soprar como para formar um *s*, quer dizer, dirigir a corrente de ar em direção ao ponto de contato entre a língua e os ditos incisivos; e o *r* sobretudo apical e não rolado). Frequentemente e a despeito do que fosse, esse anúncio atraía os olhos do estudante de línguas esquizofrênico. (WOLFSON, 1970, p. 115)¹²¹

¹²¹ Tradução livre de: “... *sore throat* (prononcé *thrôt*, la consonne *th* étant ici sourde: appuyer le bout de la langue contre les incisives supérieures et souffler comme pour former un *s*, c’est-à-dire diriger le courant d’air vers le point de contact entre la langue et les dites incisives; et l’*r* plutôt apical et non-roulé). Fréquemment et en dépit qu’il en eût, cette annonce attirait les yeux de l’étudiant de langues schizophrénique” (WOLFSON, 1970, p. 115).

Essas palavras faziam-no lembrar de uma cena de sua tenra infância – e, como ele nomeia, “a mais antiga das lembranças” – em uma situação que sugere que ele estava em uma internação hospitalar devido a problemas de amigdalite. Ele se lembra da mãe – jovem e bonita – sentada a seu lado, e de uma enfermeira que entrava em seu quarto para medir sua temperatura retal. Ele relata essa cena como cercada por uma atmosfera mágica, cuja enfermeira – também jovem e bonita – carregava um tubo de vidro (termômetro), que ele associou a uma “varinha mágica”. A enfermeira, reforçada pela fala da mãe, dizia a ele a seguinte expressão de forma imperiosa: “*retourne-toi*” (“vire-se”), o que em inglês se escreve: *turn around*. Ele, um pouco assustado, sem compreender o que significava essa fala – pois estava iniciando sua “comunicação verbal” – mas tentando fazer o que a enfermeira de branco e a mãe esperavam dele, ele se virava. Logo em seguida, ele diz que viria a recompensa que era a enfermeira introduzir o termômetro em seu ânus para que a temperatura retal fosse medida. Ele lembra que foi nessa internação que ele foi submetido a uma amigdalectomia, situação que remete a uma castração no real, fazendo surgir um movimento de satisfação pulsional não localizado em zonas erógenas articuladas com o simbólico, mas sim um movimento reiterado que insiste em se apresentar em partes disjuntas do corpo.

Essa cena infantil sempre invadia seus pensamentos, permanecendo ele obcecado por esses pensamentos, que podemos dizer que têm o estatuto de “pensamentos impostos”. Essa cena primitiva levou-o a se fixar em instrumentos médicos, tais como: tubos de ensaio, pipetas, termômetros, irrigadores de borracha para o procedimento de lavagem intestinal. Essa fixação por esses instrumentos ele nomeia de “tara neurológica ou obsessão erótica”, pois diante da lembrança dos mesmos ou da visão deles, sentia uma forte ereção de seu pênis. Os procedimentos de lavagem intestinal ou imaginar essa cena realizada por uma enfermeira ou outra mulher, com

utilização do irrigador de borracha introduzido no ânus, faziam-no masturbar-se de forma involuntária, sentindo “orgasmo anal”, bem como trazia uma sensação de horror, diante desse excesso erótico.

Era invadido por esses pensamentos obscenos, principalmente quando via as palavras: *sore throat*, que quer dizer em francês *angine ou mal de gorge*. Essa lembrança infantil dava-lhe a sensação invasiva de estupor, a qual ele nomeia de acesso ou ataque. Nesses momentos, tinha a impressão de que seu cérebro se transformava em um

grande irrigador de viagem em borracha, por acaso dobrado ou cheio em seu crânio, e mesmo a sua medula espinhal lhe parecia ser um tubo de borracha conectando a bolsa hipotética, que era seu cérebro, a seu intestino inferior. (O cérebro, sendo um órgão oco, quer dizer, contendo quatro ventrículos comunicantes, é de alguma forma um saco fechado, enquanto que a medula espinhal, oca também e comunicando às cavidades cerebrais, é de sua parte como um tubo). (WOLFSON, 1970, p. 117)¹²²

Podemos dizer que nesse momento de incidência da palavra carregada de gozo, a imagem corporal unificada se desfazia e ele percebia partes de seu corpo que agiam sozinhas, à sua revelia, conforme a experiência infantil de seu corpo ser um tubo oco a ser penetrado pelo termômetro. Ou seja, seu corpo entregue ao Outro materno caprichoso que imperativamente o penetra à sua revelia, remetendo a uma cena incestuosa. A cena primitiva indica que o imperativo materno “*vire-se*”, se impõe a seu corpo de forma a deixá-lo como um orifício aberto a ser invadido a qualquer momento. Os orifícios do corpo que não se transformaram em bordas, permanecendo como buracos ocos e abertos à tirania da língua materna (Outro materno). Imperativo que cai em seu corpo, retornando sempre na ordem da satisfação libidinal deslocalizada no real do corpo, uma vez que a cena primária não foi simbolizada. Suas tentativas de tapar esses orifícios (ouvido, olhos, boca, ânus) são da ordem do trabalho quase mecânico e não

¹²² Tradução livre de: “[...] comme si son cerveau ne fût guère qu’un grand irrigateur de voyage en caoutchouc plié ou plutôt rembourré au petit bonheur dans son crane, et meme sa moelle epinière lui paraîtrait alors n’être guère qu’un tube en caoutchouc joignant le sac hypothétique, q’était son cerveau, à son intestin inférieur. (Le cerveau, etant un organe creux, c’est-à-dire contenant quatre ventricules communicants, est donc en quelque sorte un sac clos, tandis que la moelle epinière, creuse aussi et communiquant aux cavités cérébrales, est de sa part comme un tube.)” (WOLFSON, 1970, p. 117).

simbolizado, pois a palavra não serve para metaforizar, como podemos verificar em gestos, tais como: tapar os ouvidos com os dedos, com o estetoscópio, se empanturrar de comida nos momentos que ele nomeia de orgia alimentar ou bulimia, não conseguindo estabelecer um limite para o alimento, ou então manter os olhos ocupados lendo livros ou revistas estrangeiras, etc.

Dessa forma, seu corpo permanece aberto ao som das palavras que lhe chegam sem a finalidade que serve para a comunicação, tal como na cena infantil que ele ainda não compreendia o sentido da expressão: *vire-se*. Trata-se do som ou ruído colado ao corpo fragmentado, percebido como um tubo de borracha, penetrando-o e causando-lhe espanto. Talvez possamos dizer aqui da noção lacaniana de “*lalíngua*” vista no capítulo anterior, cujo caráter é a junção íntima com o gozo, estando a palavra disjunta da função simbólica de comunicação ou de sentido. Isso é muito bem demonstrado pelo próprio Wolfson, em sua experiência infantil, quando ele diz que teve essa experiência antes do aprendizado da fala como meio de comunicação. É uma palavra, ou som, investido de libido, havendo uma conexão direta entre som e corpo ainda não revestido imaginariamente, bem como não separado simbolicamente do real. O gozo não foi separado do corpo, e o que prevalece é a linguagem de órgão que não sofreu a separação simbólica. Separação que permite criar funções estáveis para o corpo, havendo localização do gozo em um objeto destacado do real pelo simbólico. Tal como vimos no capítulo anterior, é o simbólico como real que aparece nesse momento, sem a função de metaforização ou substituição da linguagem, ou da palavra como coisa que não serve para designar. Trata-se mais da palavra como gozo que remete a uma pura satisfação libidinal, a uma fixação descoordenada do gozo em várias partes, mas não chegando a um gozo cifrado e localizado. Essa noção se aproxima da idéia de

Foucault¹²³, quando ele diz que se trata do poder nocivo da palavra quando as coisas estão imbricadas nela, e não separadas.

O procedimento para se livrar dessa vivência corporal seria converter as palavras em inglês (*sore throat*) para vocábulos estrangeiros. A respeito do adjetivo inglês *sore*, que quer dizer doloroso (*douloureux*, em francês), Wolfson diz que pode convertê-lo, sem muito problema, para os vocábulos em alemão, cujo sentido é o mesmo do inglês: *schmerzhaft*, *schmerzlich*, *schmerzvoll*. Ele explica sua conversão para transformar o som do *s* de *sore*, para outro som mais suportável que é o *sch*. De acordo com as normas da fonética, ele desenvolve sua pesquisa sobre os vocábulos acima: todos eles acentuados sobre a primeira sílaba que é pronunciada *chmerts* [f m erts] (som do *sch* como *chi* em português), enquanto que o sufixo desses três adjetivos, o *h* e o *t* da primeira palavra são sentidos, o *i* da segunda é aberto e breve, e o *ch* é doce (pois ele vem depois de um *i*). Na terceira palavra alemã o *v* se pronuncia como *f*. Dessa forma, o *s* de *sore* transformar-se-ia para ele no *s* ou no *sch* dessas palavras alemãs, bem como esse grupo gráfico alemão, era pronunciado de um só som, e também como a pronúncia do *ch* francês. Ele diz que sente uma irresistível necessidade de transformar imediatamente os *s* de muitas palavras inglesas em *sch* (pronunciado como *ch* de seus congêneres etimológicos alemães). Essa conversão era mais eficaz, aliviando-o o espírito, pois havia uma semelhança visual entre as três palavras (inglês e alemão) que é a presença do *r* sempre precedido por uma vogal (*schmere*, e *sore*), bem como a presença ortográfica, mas não fonética, do *s* como a primeira letra de todas as quatro palavras. Ele segue sua pesquisa a partir da pronúncia do alfabeto da Associação Internacional de Fonética (AIF), buscando semelhanças em mais línguas, tais como o hebreu, o árabe e o russo, pois seu esforço era “aniquilar a língua materna” com vocábulos estrangeiros,

¹²³ FOUCAULT, M. *Sete proposições sobre o sétimo anjo*, 1970, p. 309.

prevenindo, assim, a “aparição de pensamentos parasitas”.¹²⁴ Pensamentos impostos que ecoavam em seu cérebro que ele mesmo nomeia de “cérebro ecomático ou mais exatamente ecolálico”.¹²⁵ Trata-se de um cérebro que funciona pelo eco ou pela ecolalia, demonstrando estar colado às palavras sem nenhum distanciamento. Isso nos remete ao comentário de Miller referindo-se ao texto de Lacan, *O aturrito*, em que diz que o uso dos órgãos para o esquizofrênico é muito problemático, pois não tem a ajuda dos discursos estabelecidos, ou seja, de uma linguagem que se faz órgão fora do corpo e permite que os outros órgãos do corpo tenham uma função simbólica. No caso do esquizofrênico, ele precisa inventar seus socorros, seus recursos para poder usar seu corpo e seus órgãos.¹²⁶ Neste caso, Wolfson está buscando uma função para seu cérebro que não conta com a função fálica que possibilita o amparo das funções do corpo pelo discurso. Podemos dizer que é um cérebro ou um órgão que se apresenta sem uma função já estabelecida, sendo sentido a partir da alteração corporal disparada pela linguagem que o habita de forma estranha. A relação entre órgãos e função está mais no nível da copulação das palavras, tal como dizia Freud, predominando as palavras que não servem para denotar nada, pois não há a constituição de um referente que o discurso permite forjar, tal como vimos no capítulo anterior.

Contudo, a palavra está tão colada ao corpo, que ele precisa encontrar a pronúncia que articule tanto o som (fonética) quanto sua passagem pelo aparelho fonador. É preciso que o som passe sem problemas pelo aparelho fonador, ou seja, pela língua e lábios, bem como que vibre as cordas vocais sem causar dor. Mais uma vez isso vem exemplificar que o som e os órgãos ou partes do corpo não estão separados simbolicamente, lembrando-nos de que o corpo de Wolfson poderá ganhar, ou não, alguma forma a partir do som pronunciado. Em termos freudianos, isso nos lembra a

¹²⁴ WOLFSON, L. *Le schizo et les langues*, p. 118-121.

¹²⁵ Tradução livre de: “cerveau échomatique ou plus exactement écholalique...” (WOLFSON, 1970, p. 140.).

¹²⁶ MILLER, J.-A., *A invenção psicótica*, p. 11.

tentativa de cura do esquizofrênico pela via da imagem verbal do objeto. Ou seja, ele tenta construir seu corpo pela fonética, sendo uma espécie de corpo fonético, assonante que precisa, a todo instante, ser montado na medida em que ouve algo que vem do materno – a língua materna representando o desejo materno não interdito pela lei simbólica. Um corpo sem bordas que possa localizar o investimento libidinal em zonas erógenas que, pelo contrário, situa esse investimento em pedaços disjuntos de um corpo em decomposição. Nessa perspectiva, podemos associar a experiência de Wolfson com a linguagem de órgão, cujo investimento ocorre em partes isoladas, sem uma unificação da imagem. É uma tentativa de localizar o gozo por outras vias que não foi possível pelo simbólico. Conforme diz Pierre Bruno (1999), na esquizofrenia ou na psicose em geral, devido à não incorporação do simbólico, ocorre como consequência que a carne não se fez corpo simbólico que engendra o gozo como separado dele. Gozo fálico, interdito pelo Nome-do-Pai, que faz sua retomada em zonas erógenas a partir de uma exteriorização. Já na esquizofrenia, a retomada do gozo será em partes disjuntas do organismo, na ordem do auto-erotismo.

A tentativa de tratar e construir esse corpo que se desfaz facilmente e se reduz a um tubo de borracha oco, é decompor o som da língua materna que surge de forma imperativa, apontando para a ordem do enunciado carregado de gozo que não foi tratado pelo simbólico: a prevalência do dito esquizofrênico. O tratamento é transformar o som imperativo em uma montagem de sons que escamoteiam o original, conservando algo que não seja tão evidente aos ouvidos e aos olhos. Porém, sua tentativa não é tão eficaz, pois ainda permanece no nível de objeto de gozo não separado minimamente da mãe, cujo corpo se decompõe constantemente diante do imprevisível que traz a língua materna que por não ser razoável, também não apazigua.

Esse modo de funcionar, que é mais característico da esquizofrenia, leva-nos a perceber que não é tanto a vertente do sentido que está em jogo, como ocorre na paranóia. Trata-se muito mais de saber se virar com o corpo que está fragmentado ou ameaçado de se fragmentar, tentando constituí-lo quase de forma mecânica por outras vias: assonância, montagem de uma língua, construção de objetos, ornamentos em volta do corpo, construção de um corpo-máquina, etc.

Wolfson e o fragmento clínico do caso J., do começo deste capítulo, vêm nos mostrar que é o corpo não incorporado pelo simbólico que está em questão. Os dois casos indicam como eles precisam se virar diariamente para sustentar um mínimo de contorno, mesmo que ortopédico, de um corpo afetado pela linguagem de órgão, pela sensação de alteração corporal que aterroriza, retornando sempre à experiência do auto-erotismo. É interessante perceber que, nesses casos, a linguagem tanto decompõe o esquizofrênico, como eles também tentam decompô-la, mas muitas vezes sem sucesso. É diante desse momento de experiência com a linguagem nos esquizofrênicos que podemos dizer, com Foucault, que o procedimento que cada um arranjou começa a funcionar. Ele nos indica que é justamente no momento em que a relação das palavras com as coisas não é mais de designação ou de significação, cujo simbólico permite operar. Assim, o procedimento seria algo que permitiria manipular o que está imbricado ou colado na linguagem, não para separá-la, e com isso restituir sua função de significação ou simbolização, mas para “purificar as coisas, esterilizá-las, afastar aquelas que estão carregadas de um poder nocivo, exorcizar a “má matéria doente”, como diz Wolfson”.¹²⁷

A experiência clínica demonstra-nos que, muitas vezes, há um limite no tratamento que esbarra nas intervenções pela palavra via significação, via sentido, pois

¹²⁷ FOUCAULT, M. *Sete proposições sobre o sétimo anjo*, 1970, p. 309.

Essa idéia de Foucault nos remete à noção de *lalíngua* trabalhada por Lacan no momento final de seu ensino, cuja vertente é mais do gozo, do real, daquilo que não vai pela via do sentido.

não atingem o sujeito, sendo necessários outros tipos de recursos. Porém, isso coloca uma questão para a psicanálise que prima pelo tratamento pela palavra, sendo importante aprofundarmos mais numa investigação posterior que possa privilegiar a vertente da palavra como gozo, como *lalíngua*, que os esquizofrênicos nos mostram com mais evidência. Zenoni¹²⁸ indica-nos que é necessário deslocar o eixo da terapêutica a partir do que os próprios pacientes nos mostram, ou seja, de uma dimensão semântica a uma dimensão mais pragmática da linguagem, cuja dimensão da língua tem um estatuto de instrumento, de objeto, encontrando alternativas que permitam outras conexões com o corpo, obtendo outras localizações do gozo que não seja a invasão do significante-gozo nos órgãos ou partes do corpo.

¹²⁸ ZENONI, A. La mesure de la psychose: note sur la dite schizophrénie, p. 09.

CONCLUSÃO

No caminho percorrido nesta pesquisa, que buscou circunscrever elementos teórico-clínicos que envolvem a relação da linguagem na esquizofrenia, verificamos que a abordagem da obra de Freud e de Lacan não trata a esquizofrenia de forma direta, mas sim por considerações marginais e periféricas. Apesar da promessa feita por Lacan no *Seminário 2* (1955)¹²⁹ de que no *Seminário* seguinte, *Livro 3*, estava programado fazer uma distinção entre esquizofrenia e paranóia, isso de fato não ocorreu de forma tão evidente, pois o caminho privilegiado foi o da paranóia.

Ainda que a apreensão da esquizofrenia se fizesse por essas elaborações periféricas, esses autores deixaram indicações importantes para pensar elementos que permitem iniciar o esboço de um caminho por onde poderia ir uma teoria mais lacaniana da esquizofrenia a partir do modo que opera a linguagem nesses casos. Nesse percurso, o qual se localizou em grande parte nos textos metapsicológicos de Freud e no momento estruturalista de Lacan, pudemos começar a delimitar o modo de funcionamento da linguagem na esquizofrenia a partir dos temas referentes à palavra como coisa, à linguagem de órgão, o simbólico como real, a exterioridade em relação ao laço social como discurso, a dissolução imaginária e, por conseguinte, o eu instável, prevalecendo um modo de funcionamento auto-erótico.

Em Freud, as elaborações estão permeadas pela teoria da libido, bem como por sua investigação em relação ao inconsciente, destacando-se o funcionamento da linguagem via modo de satisfação pulsional auto-erótico, observado na linguagem de órgão ou nos fenômenos hipocondríacos. Destaca-se, também, a exterioridade dos mecanismos do inconsciente que se apresentam de forma desvelada, tal como os fenômenos esquizofrênicos

¹²⁹ LACAN, J. *Introdução do grande outro*, p. 311.

que surgem sob a forma da palavra como coisa: manifestação de expressões neológicas, a salada de palavras ou copulação das palavras, a concretude da fala que traz um enunciado sem a articulação dos representantes psíquicos com o funcionamento inconsciente, pois não houve o recalque primário. Como consequência disso, há uma prevalência do funcionamento da representação de palavra que não se liga à representação de coisa como recalcada, não operando o mecanismo da substituição, e nesse caso, a palavra é tomada como coisa. Tal como quando um paciente que tem o apelido de boi, quando vai ao zoológico e diante da área das cobras escuta alguém comentar que uma jibóia engole um boi, ele sai correndo para não ser engolido. Nesse caso, a palavra não substitui, pois ele é concretamente a palavra boi. Dessa forma, a linguagem fica mais à deriva, mais vulnerável à decomposição, pois aquilo que poderia sustentar ou ancorar uma significação, um sentido, não funciona. Tal como vimos no capítulo 2, é a fixação do representante-representação que cria um ponto de articulação e dá suporte à representação, conferindo-lhe um caráter de realidade, cuja relação entre representação de palavra e representação de coisa serve para designar. Ou, em termos lacanianos, é o destaque de um significante S1 como significante-mestre que amarrará a cadeia significante, estabilizando o campo da linguagem.

Em Lacan, verificamos nos textos estudados do momento estruturalista, que suas parcimoniosas elaborações sobre a esquizofrenia privilegiaram a precariedade do registro imaginário, o qual não foi coordenado pelo simbólico. Fazendo uma distinção com a paranóia, cujo simbólico também não é operante, na esquizofrenia não há a sustentação do eu, pois não houve a fixação de uma imagem unificadora. Nesse caso, a imagem não fissa o corpo, não cumprindo sua função de estruturação do corpo ao fixar um contorno totalizante. Trata-se da fragmentação do imaginário e, por conseguinte, partes disjuntas do corpo que funcionam sozinhas, não coordenadas pelo simbólico.

Nesse contexto teórico de 1954, o simbólico como real remete-nos à falência do imaginário não estruturado pelo simbólico e que não revestiu a linguagem, não funcionando a “*libido imaginária*” – conforme nomeia Lacan nesse momento – a qual é o investimento que captura e dá consistência a esse registro. Isso nos sugere uma relação direta da linguagem com o real que não foi separado pelo simbólico. Talvez possamos dizer que é nesse nível que se apresenta a dimensão da linguagem não articulada ao apelo, manifestando-se a fala sem a intenção que se prende a algo, que faz querer algo, pois não há o investimento da *libido imaginária*, tal como Lacan pensa nesse momento. Se não há captura imaginária, podemos dizer que não houve a alienação imaginária, a qual é uma característica dos paranóicos. Essa dimensão da linguagem que não foi investida libidinalmente é verificada nas falas de muitos esquizofrênicos, tal como a desagregação ou descarrilamento do pensamento, as pára-respostas, as expressões sem nexos ou dissociadas, a falta de interesse pelo mundo, as expressões neológicas que não remetem a nada, a nenhuma significação (mesmo que delirante). Podemos dizer que essa dimensão da linguagem é que levou Bleuler a tratá-la, em termos de *dissociação do pensamento*, cuja consciência não conseguiu cumprir sua função de amarração das associações. Ou Federn, que considerou como uma *derrota do Eu* em sua unidade de investimento, incapaz de comandar os processos psíquicos. Podemos dizer que Freud e Lacan avançam nesse ponto, quando consideram a importância da cisão do psiquismo como constituinte para qualquer sujeito, não sendo específico da esquizofrenia. Bem como quando eles trazem a discussão mais ao nível de uma forma de funcionamento diferente do inconsciente, dando destaque à importância do inconsciente na articulação da linguagem.

Já nos textos de Lacan a partir dos anos 70, a linguagem ganha outro estatuto, pois o simbólico já não tem o lugar de primazia, havendo uma íntima relação entre significante e gozo. Nesse momento, o gozo, que é o correlato da satisfação libidinal freudiana, já não está numa estreita relação com o imaginário, mas sim com o significante e o real. É dentro desse

contexto teórico que a indicação da esquizofrenia no artigo *O aturdito* (1972) assinala uma posição da mesma como exterior ao laço social a partir da noção de discurso: “o dito esquizofrênico ao ser apanhado sem ajuda de nenhum discurso...”. Tal como vimos no capítulo 2, o discurso vem cumprir uma função de arranjo entre a linguagem e o que resta fora dela, encarnado pelo objeto mais-de-gozar, índice do real. Se o discurso é um arranjo sobre algo que sempre escapa à linguagem, esse arranjo possibilita se virar melhor com o corpo, criando lugares e funções simbólicas estáveis para os órgãos que compõem uma estrutura de funcionamento unificado e não questionável constantemente. Nessa defesa do real pelo simbólico, a relação do ser falante com a linguagem é de habitá-la e de fazer dela seu instrumento, tal como indica Lacan no artigo *O aturdito*. Devido ao fato de o esquizofrênico ser remetido ao fora-do-discurso, manifesto na conexão imediata entre o significante e o gozo, bem como sofrer dos efeitos da linguagem que o habita invadindo-o, cuja posição é de instrumento, ele precisa inventar funções para o seu corpo despedaçado, cujos órgãos se manifestam à revelia e falam por si só, causando as vivências de alteração ou modificação corporal sob a forma de linguagem de órgão, tal como comentado por Tausk no último capítulo desta dissertação. Outro reflexo desse problema do uso da linguagem, sem o amparo do discurso, apresenta-se na ironia infernal do esquizofrênico que se atualiza na ausência do sujeito do laço social como discurso. Isso nos coloca a questão de como poderemos operar na clínica a partir do fora-do-discurso? Quais laços com a linguagem o psicótico poderá fazer para além da noção de discurso? Portanto, é preciso uma investigação posterior sobre esse ponto.

A ironia e a linguagem de órgão, as quais podemos associá-las a um modo de decomposição da linguagem, bem como à satisfação pulsional ou ao gozo deslocalizado que invade o corpo fragmentando-o, foram ilustradas nas vinhetas clínicas, bem como no relato de Louis Wolfson. Esses elementos levaram-nos a inferir que se trata da linguagem em sua

vertente da “palavra como gozo”, do simbólico como real, mais na dimensão de *lalíngua*, tal como começamos a delinear no capítulo 2, mas que necessita ainda de uma pesquisa mais aprofunda sobre esse conceito. Se na paranóia associamos o modo de funcionamento da linguagem a uma imaginarização do simbólico, ou o significante como imaginário em busca de um sentido sem falhas, na esquizofrenia podemos dizer que o significante é real. Ou seja, há a prevalência da “palavra como gozo”, do simbólico como real que aponta para o que não tem sentido, e que interrompe a cadeia significante, tal como vimos que é o ruído da palavra, a vertente de *lalíngua*, é que invadia o corpo de Wolfson e o caso J. Fica mais evidente que, na esquizofrenia, é a constituição de um corpo que está em questão. Essa é uma via importante a ser considerada na condução de uma prática clínica com esquizofrênicos, pois nos coloca várias questões, tais como: como operar com a ironia infernal do esquizofrênico que decompõe e é decomposto pela linguagem, sem se fixar a algum significante que possa servir como um mínimo de ancoragem? Nesse sentido, faz-se necessária uma pesquisa mais detalhada sobre a vertente real do significante, sobre *lalíngua*, temas não aprofundados nesta dissertação.

Outro ponto que investigamos foi o termo esquizofrenia se apresentar como problemático para Freud e para Lacan, que, apesar de falar dela como um tipo clínico, isso não ficou bem estabelecido nos seus textos. Talvez possamos inferir que isso ocorreu porque essa entidade clínica sempre esteve atrelada à idéia de uma causa orgânica ou de déficit e deterioração, e esses autores queriam demonstrar mecanismos mais evidentes e referentes aos poderes da linguagem numa dimensão estruturante da subjetividade. Nesse sentido, o paranóico era mais exemplar, permitindo, melhor que a esquizofrenia, que a loucura não fosse assimilada a uma demência. Nesse caso, as funções psíquicas estavam preservadas e, mesmo assim, ele não deixava de ser louco, evidenciando outra ordem de causalidade da psicose que não era de origem orgânica, rompendo com a idéia do poder de síntese do eu e da consciência.

Como vimos na discussão com Federn, trata-se do sentimento do eu que perde seu poder de organização e unidade, distinguindo-se de Lacan que se refere à esquizofrenia mais no nível de uma perda do sentimento de vida advinda da dissolução do imaginário, como consequência da não existência da significação do Falo.

Se por muito tempo Lacan privilegiou a paranóia como paradigma da psicose, é interessante notarmos que, mais no final de sua obra, ele recorre à esquizofrenia – mesmo que de forma parcimoniosa – para demonstrar uma outra concepção de linguagem, pensada a partir da dimensão do real. Nesse sentido, a esquizofrenia testemunha essa relação com o real da linguagem, pois desvela a natureza de semblante da linguagem quando ela é recoberta pelo discurso. Conforme indica Miller, se considerarmos a vertente do real da linguagem, cujo simbólico se torna real, a esquizofrenia pode ser considerada como a medida da psicose.¹³⁰ Essa é uma outra maneira de conceber a linguagem que necessita de maior investigação.

Podemos pensar, também, que, no campo das psicoses, essa separação em categorias clínicas não fosse tão importante, já que o mecanismo é o mesmo para todas elas – a *Ververfung* freudiana ou a forclusão do Nome-do-Pai lacaniana.

É interessante observar que, atualmente, há uma certa tendência em desconsiderar as entidades clínicas baseadas nos manuais de classificação diagnósticas. Por conseguinte, percebemos que essa dissolução das entidades clínicas em transtornos mentais aumenta, no âmbito da saúde mental, sendo, inclusive, uma exigência do Ministério da Saúde o diagnóstico a partir da CID-10. Notamos também, na atualidade psicanalítica, uma certa tendência em considerar mais o caso clínico e não tanto as categorias clínicas. Resguardadas as devidas diferenças de campos de saberes sobre tal assunto, será que essa tendência prevalecerá também na psicanálise? A partir da clínica, observamos uma dificuldade crescente em nossa prática atual em relação ao estabelecimento do diagnóstico estrutural

¹³⁰ Miller, J.-A. Clínica irônica, p. 193.

psicanalítico associando-o a uma categoria clínica. É cada vez mais freqüente o surgimento de casos que mesclam sintomas e índices de perturbações das várias categorias clínicas da psicose em psicanálise – paranóia, esquizofrenia, melancolia. Casos que apresentam, ao mesmo tempo, índices e sintomas das várias formas clínicas, bem como uma forma de agir meio estranha, “esquisita”, entrecortados de momentos de rompimento com as atividades da vida, aproximando dos sintomas de uma depressão neurótica. Ou comportamentos fóbicos, rituais e rigidez que se aproximam da neurose obsessiva. Porém, nesses casos, o funcionamento da linguagem indica uma outra forma de operar para além daquela da neurose. São casos que lembram a antiga classificação diagnóstica de “esquizofrenia simples”, tal como caracteriza Henry Ey: “... traços de caráter esquizóide”: isolamento, introversão, bizarria, rituais, rigidez, queixas somáticas vagas e múltiplas, apatia, inércia, etc.

Apesar da dificuldade do diagnóstico em relação a uma categoria clínica, entender o funcionamento da linguagem na esquizofrenia possibilita-nos intervir em nossa prática de um lugar mais preciso, aprendendo com os pacientes por onde deve ir a construção de algum arranjo que, muitas vezes, não se embasa tanto na construção de um sentido. Mas, apostando com eles nas pequenas construções que se dão fora de qualquer sentido, mas que apaziguam e têm mais efeitos terapêuticos. Tal como uma paciente que, diante da decomposição de seu eu, bem como do seu desdobramento em várias pessoas que invadem seu corpo e comandam seu agir, ela encontrou um pouco de tranqüilidade no ato de escrever suas decisões e indignações no caderno de recados da moradia protegida onde vive. Quando essa invasão intensifica-se mais, ela recorre ao caderno. Talvez isso seja uma tentativa de dar um mínimo de materialidade que possa fixar algo diante de uma linguagem que se pulveriza facilmente. Poder perceber esse modo de funcionamento da linguagem e o que poderá surgir como construção de pequenos arranjos a serem incentivados, é o que se faz importante nessa busca de uma investigação teórica sobre a esquizofrenia.

Esta dissertação é um estudo de caráter preliminar, ainda exploratório, e várias questões de natureza clínica necessitam de uma investigação mais aprofundada. Nós podemos assinalar aqui alguns elementos, tais como as soluções a partir do não-sentido, a construção pela via do fazer, a questão das soluções que sejam mais viáveis com o laço social, etc. Investigação que poderá sustentar intervenções mais próprias à psicanálise, diferenciado de intervenções pedagógicas e disciplinares, uma vez que o cotidiano da prática com esses pacientes é propício a esse tipo de atuação. Muitas situações clínicas indicam um limite da intervenção pela palavra, colocando questões para a psicanálise, demandando-nos outras respostas. É dentro desse contexto que é preciso concentrar esforços no que esses casos exigem para realizarmos uma prática que tenha efeitos subjetivos.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, E. A esquizofrenia e o estágio do espelho. *Revista de Psiquiatria & Psicanálise com Crianças & Adolescentes*. Belo Horizonte: CPP-FHEMIG, v. 1, n. 1, p. 83-88, dez. 1994.
- ANDRÉ, S. La pulsion chez le schizophrène. *Ornicar? Revue du champ freudien*, n. 36, p. 103-110, janvier-mars 1986.
- ASSAD, S. Paul Federn e as implicações na clínica com crianças – o leite das pedras. *Correio Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, n. 34, p. 16-23, set. 2001.
- BERGÉ, A. E. La langue maternelle dans la psychose – code et message chez Louis Wolfson. *Ornicar? Revue du champ freudien*, n. 36, p. 94-102, janvier-mars 1986.
- BERCHERIE, P. A psiquiatria moderna: a era psicodinâmica. In: *Os fundamentos da clínica – história e estrutura do saber psiquiátrico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989. p. 197-310.
- BLEULER, Eugen. Introducción general. In: *Demencia precoz – el grupo de las esquizofrenias* (1911). Traduzido do título original em inglês: Dementia praecox or the group of schizophrenias. Editado por International Universities Press. New York. Traduzido pelo Prof. Daniel Ricardo Wagner. Buenos Aires: Ediciones Hormé/Editorial Paidós, 1960. p. 9-19.
- BLEULER, Eugen. Sintomatologia. In: *Demencia precoz – el grupo de las esquizofrenias* (1911). Traduzido do título original em inglês: Dementia praecox or the group of schizophrenias. Editado por International Universities Press. New York. Traduzido pelo Prof. Daniel Ricardo Wagner. Buenos Aires: Ediciones Hormé/Editorial Paidós, 1960. p. 20-103.
- BLEULER, Eugen. Conceptos psicológicos fundamentales y psicopatología general de las diversas funciones psíquicas. In: *Tratado de Psiquiatria*. Revisado por Manfred Bleuler. Traduzido para o espanhol do título original alemão Lehrbuch Der Psychiatrie, publicada por Springer-Verlag, Berlin-Göttingen-Heidelberg, 1955, 1960. Tradução espanhola da décima edição alemã por Alfredo Guerra Miralles. Madrid: Espasa-Calpe S.A., 1967. p. 38-125.
- BLEULER, Eugen. Transtornos mentales endógenos. In: *Tratado de Psiquiatria*. Revisado por Manfred Bleuler. Traduzido para o espanhol do título original alemão Lehrbuch Der Psychiatrie, publicada por Springer-Verlag, Berlin-Göttingen-Heidelberg, 1955, 1960. Tradução espanhola da décima edição alemã por Alfredo Guerra Miralles. Madrid: Espasa-Calpe S.A., 1967. p. 424-514.
- BRUNO, P. O dito – sobre a esquizofrenia. In: ALBERTI, Sônia (Org.). *Autismo e esquizofrenia na clínica da esquizo*. Rio de Janeiro: Marca d'Água Livraria e Editora, 1999. p. 177-195.
- CARONE, Marilene. Da loucura de prestígio ao prestígio da loucura. In: SCHREBER, D. *Memórias de um doente dos nervos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 9-19.

CARVALHO, M.T. Paul Federn no movimento psicanalítico: uma teoria do Eu que permaneceu ignorada. *Cadernos de Psicanálise – Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: SPCRJ, v. 15, n. 18, p. 123-144, 1999.

CARVALHO, M.T. As fronteiras do eu na psicose – o trabalho pioneiro de Paul Federn. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte: PUC Minas, v. 9, n. 13, p. 43-58, jun. 2003.

CARVALHO, M.T. Le moi: être de frontières. In: *Paul Federn – une autre voie pour la théorie du moi*. Paris: PUF – Presses Universitaires de France, 1996. p. 133-240.

DELEUZE, G. Louis Wolfson, ou o procedimento. In: *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997. p. 17-30.

DELEUZE, G. Schizologie. In: *Le schizo et les langues*. France: Éditions Gallimard, 1970. p. 5-23.

EY, Henry. Psicoses esquizofrênicas. In: *Manual de psiquiatria*. 5. ed. São Paulo: Ed. Masson, Atheneu, p. 535-615.

FEDERN, P. L'éveil du moi dans les rêves (1933). In: *La psychologie du moi et les psychoses* (1953). Paris: PUF, 1979. p. 97-103.

FEDERN, P. Principes de psychothérapie de la schizophrénie latente (1947). In: *La psychologie du moi et les psychoses* (1953). Paris: PUF, 1979. p. 173-192.

FEDERN, P. L'hygiène mentale du moi dans la schizophrénie (1948). In: *La psychologie du moi et les psychoses* (1953). Paris: PUF, 1979. p.193-216.

FEDERN, P. L'aspect psychologique du moi dans la schizophrénie (1949). In: *La psychologie du moi et les psychoses* (1953). Paris: PUF, 1979. p. 221-237.

FEDERN, P. Le moi dans la schizophrénie (1949). In: *La psychologie du moi et les psychoses* (1953). Paris: PUF, 1979. p. 238-252.

FOUCAULT, M. Sete proposições sobre o sétimo anjo (1970). In: MOTTA, Manoel Barros da. (Org.). *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 299-312. (Coleção Ditos & Escritos III)

FREUD, S., BREUER, J. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar e Considerações teóricas In: *Estudos sobre a histeria* (1893-1895). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987. v. II. p. 39-53; 191-250.

FREUD, S. Palavras e coisas ([1891] 1915). A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974. v. XIV. p. 239-245, apêndice C.

FREUD, S. Carta 52 (1896). Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1899). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987. v. I. p. 254-259.

FREUD, S. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides) (1911). O caso Schreber, Artigos sobre a técnica e outros trabalhos. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974. v. XII. p. 15-104.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974. v. XIV. p. 85-119.

FREUD, S. O recalque (1915). A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974. v. XIV. p. 165-182.

FREUD, S. O inconsciente (1915). A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974. v. XIV. p. 185-245.

FREUD, S. Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos ([1915] 1917). A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974. v. XIV. p. 249-267.

FREUD, S. Uma breve descrição da psicanálise ([1923] 1924). O ego e o id, uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987. v. XIX. p. 237-259.

FREUD, S. A negativa (1925). O ego e o id, uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976. v. XIX. p. 293-300.

HARVEY, David. Pós-modernismo. In: *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1992. p. 45-67.

HYPPOLITE, Jean. Comentário falado sobre a “*Verneinung*” de Freud (1954). In: LACAN, J. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 893-902. Apêndice I.

KRAEPELIN, Emil. A demência precoce, sinais gerais da doença, formas paranóides. In: ALBERTI, Sônia (Org.). *Autismo e esquizofrenia na clínica da esquizo*. Rio de Janeiro: Marca d'Água Livraria e Editora, 1999. p. 55-71.

LACAN, J. O simbólico, o imaginário e o real (1953). In: *Nomes-do-pai*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p. 9-53.

LACAN, J. O lobo! O lobo! In: *O Seminário Livro 1 – os escritos técnicos de Freud* (1953-1954). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986. p. 107-127.

LACAN, J. Introdução e resposta a uma exposição de Jean Hyppolite sobre a *Verneinung* de Freud. In: *O Seminário Livro 1 – os escritos técnicos de Freud* (1953-1954). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986. p. 66-76.

LACAN, J. Análise do discurso e análise do eu. In: *O Seminário Livro 1 – os escritos técnicos de Freud* (1953-1954). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986. p. 77-86.

LACAN, J. A tópica do imaginário. In: *O Seminário Livro 1 – os escritos técnicos de Freud* (1953-1954). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986. p.89-106.

LACAN, J. Ideal do eu e eu ideal. In: *O Seminário Livro 1 – os escritos técnicos de Freud* (1953-1954). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986. p.152-167.

LACAN, J. Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “*Verneinung*” de Freud (1954). In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 383-401.

LACAN, J. Introdução do grande Outro. In: *O Seminário. Livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-1955). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de Aluísio de Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 296-311.

LACAN, J. Introdução à questão das psicoses. In: *O Seminário. Livro 3: as psicoses* (1955-1956). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de Aluísio de Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. p. 11-54.

LACAN, J. Temática e estrutura do fenômeno psicótico. In: *O Seminário. Livro 3: as psicoses* (1955-1956). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de Aluísio de Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. p. 88.

LACAN, J. Do significante no real, e do milagre do uivo. In: *O Seminário. Livro 3: as psicoses* (1955-1956). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de Aluísio de Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. p. 151-165.

LACAN, J. O significante, como tal, não significa nada. In: *O Seminário. Livro 3: as psicoses* (1955-1956). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de Aluísio de Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. p. 209-222.

LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1958). In: *Escritos*. Tradução brasileira de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 537-590.

LACAN, J. À memória de Ernest Jones: sobre sua teoria do simbolismo (1959). In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 704-724.

LACAN, J. Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: “psicanálise e estrutura da personalidade” (1960). In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 653-691.

LACAN, J. Posição do inconsciente (1960). In: *Outros Escritos*. Tradução brasileira de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 843-864.

LACAN, J. A produção dos quatro discursos. In: *O Seminário Livro XVII: o avesso da psicanálise (1969-70)*. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Versão brasileira de Ari Roitman, consultor Antônio Quinet. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992. p. 9-26.

LACAN, J. O aturdido (1972). In: *Outros Escritos*. Tradução brasileira de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 448-500.

LACAN, J. A Jakobson. In: *O Seminário Livro XX: mais, ainda (1972-73)*. 2.ed. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller; versão brasileira M.D. Magno. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985. p. 24-37.

LACAN, J. A função do escrito. In: *O Seminário Livro XX: mais, ainda (1972-73)*. 2.ed. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Versão brasileira M.D. Magno. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985. p. 38-52.

LACAN, J. Aristóteles e Freud: a outra satisfação. In: *O Seminário Livro XX: mais, ainda (1972-73)*. 2.ed. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller; versão brasileira M.D. Magno. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985. p. 70-86.

LACAN, J. O rato no labirinto. In: *O Seminário Livro XX: mais, ainda (1972-73)*. 2.ed. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller; versão brasileira M.D. Magno. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985. p.187-201.

LACAN, J. A terceira (1974). In: *Che vuoi?: psicanálise e cultura*. Cooperativa Cultural Jacques Lacan, ano 1, n. 0, p. 14-42, 1986. (Circulação interna).

MALEVAL, J.-C. Delocalisation de la jouissance et perplexité angoissée (P₀). In: *Logique du delire*. Paris: Masson, 1996. p. 101-130.

MALEVAL, J.-C. *Verwerfung* y represión primaria. In: *La forclusión del Nombre del Padre: el concepto y su clínica*. Buenos Aires: Paidós, 2002. p. 41-66.

MILLER, J.-A. Esquizofrenia y paranóia. In: *Psicosis y psicoanalisis – qhehacer del psicoanalista*. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 1981. p.7-30.

MILLER, J.-A. Suplemento topológico a “Uma questão preliminar...”. In: *Matemas I*. Trad. Sérgio Laia; revisão técnica Angelina Harari. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 119-137.

MILLER, J.-A. Clínica irônica. In: *Matemas I*. Trad. Sérgio Laia; revisão técnica Angelina Harari. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 190-200.

- MILLER, J.-A. Os seis paradigmas do gozo. In: *Orientação lacaniana*. São Paulo: Edições Eólia, 1999, p. 87-105.
- MILLER, J.-A. La ultima enseñanza de Lacan. In: *Lo real y el sentido*. Buenos Aires: Colección Diva, 2003. p.73-106.
- MILLER, J.-A. A invenção psicótica. In: *Opção Lacaniana*, São Paulo: Edições Eólia, n. 36, p. 6-12, maio 2003.
- MILLER, J.-A. Linguagem e pulsão. In: *Silet – os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p. 34-48.
- MILLER, J.-A. Da autonomia à heteronomia do simbólico. In: *Silet – os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p. 173-186.
- MOREL, G. Point final à une planète infernale. In: *Ornicar? Revue du champ freudien*, n. 36, p. 82-93, janvier-mars 1986.
- NAVEAU, P. Le temps de suspens dans la psychose. In: *Les psychoses et le lien social*. Paris: Ed. Economica, 2004, p. 46-63.
- ROUDINESCO E., PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Tradução Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- SCHREBER, D.P. Danos à integridade física através de milagres (1903). In: *Memórias de um doente dos nervos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 127-135.
- SCIARA, L. Por que Lacan entrou no campo das psicoses pela paranóia? In: *A clínica da psicose: Lacan e a psiquiatria – as paranóias*. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Freudiano Associação Psicanalítica, 2005. p. 41-54.
- SIMANKE, R.T. O narcisismo e as neuroses narcísicas. In: *A formação da teoria da freudiana das psicoses*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994. p. 113-163.
- SOLER, C. Autismo e paranóia. In: ALBERTI, Sônia (Org.). *Autismo e esquizofrenia na clínica da esquize*. Rio de Janeiro: Marca d'Água Livraria e Editora, 1999. p. 219-232.
- SOLER, C. El llamado esquizofrênico. In: *El inconciente a cielo abierto de las psicosis*. Buenos Aires: JVE Ediciones, 2004. p. 107-118.
- TAUSK, V. Da gênese do aparelho de influenciar no curso da esquizofrenia. In: BIRMAN, Joel (Org.) *Tausk e o aparelho de influenciar na psicose*. Tradução de Jorge Bastos. São Paulo: Escuta, 1990. p. 37-77.
- WOLFSON, L. *Le schizo et les langues ou la phonétique chez le psychotique* (esquisses d'un étudiant de langues schizophrénique). France: Éditions Gallimard, 1970. 270p.
- WOLFSON, L. Le schizo et sa mere. In: *Ornicar? Revue du champ freudien*, Paris: Navarin, n. 28, p. 37-48, 1984.

ZENONI, A. *La mesure de la psychose: note sur la dite schizophrénie*. Disponible en: www.equipe.lesiteweb.be., La journée d'étude du Foyer de l'Equipe. Belgique, 2003, p. 1-11.